



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

NÚBIA LINO DE OLIVEIRA

**HISTÓRIA DAS DIRETORAS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
(1946-1956)**

Salvador
2016

NÚBIA LINO DE OLIVEIRA

**HISTÓRIA DAS DIRETORAS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
(1946-1956)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial de aprovação para obtenção do grau de Mestra em Enfermagem, área de concentração Gênero, Cuidado e Administração em Saúde, na linha de pesquisa Organização e Avaliação dos Sistemas de Cuidados à Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Tadeu Reis da Silva

SALVADOR
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Processamento Técnico, Biblioteca Universitária de Saúde,
Sistema de Bibliotecas da UFBA

O48 Oliveira, Núbia Lino de

História das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia
(1946-1956) / Núbia Lino de Oliveira, NÚBIA OLIVEIRA. -- Salvador, 2016.
124 f. : il

Orientador: Dr. Gilberto Tadeu Reis da Silva. Dissertação (Mestrado - Programa de
Pós-Graduação em
Enfermagem) -- Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2016.

1. Enfermagem. 2. História Oral de Vida. 3. Diretoras. II. OLIVEIRA, NÚBIA. I.
Silva, Dr. Gilberto Tadeu Reis da. II. Título.

CDU: 616.083

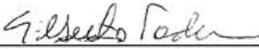
NÚBIA LINO DE OLIVEIRA

**HISTÓRIA DAS DIRETORAS DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
(1946-1956)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial de aprovação para obtenção do grau de Mestre em Enfermagem, área de concentração Gênero, Cuidado e Administração em Saúde, na linha de pesquisa Organização e Avaliação dos Sistemas de Cuidados à Saúde.

Aprovada em 23 de maio de 2016

BANCA EXAMINADORA

Gilberto Tadeu Reis da Silva 
Pós-Doutor em Ensino em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo e Professor Titular da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

Angela Tamiko Sato Tahara 
Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade de Tóquio e Professora Associada da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

Josicélia Dumê Fernandes
Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia e Professora Titular da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

Cátia Maria Costa Romano 
Doutora em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso e Professora Associada da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Gabriel e Matheus,
razões dos meus momentos mais felizes.

Ao meu esposo Danilo, pelo apoio constante.

Aos meus pais, exemplos de determinação e caráter.

AGRADECIMENTOS

No decorrer deste trabalho, contei com o apoio e a paciência de pessoas muito queridas, que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a concretização deste objetivo. Deixo aqui meu agradecimento a essas pessoas e peço desculpas caso tenha deixado de citar alguém.

A Deus, dono da minha vida e do meu destino. Foi a busca diária de sua palavra que me fez seguir em frente. “E esta é a confiança que temos nele, que se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve. E se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que já alcançamos as coisas que temos pedido” (1 João 5 14-15).

Aos meus dois grandes alicerces: meus pais. À minha mãe, pelas orações diárias e vindas a Salvador, para me ajudar no cuidado com meus filhos. Ao meu pai, pela força transmitida em cada palavra dita. É a eles a quem eu recorro sempre. Entendendo ou não como ocorre o processo, estando presentes fisicamente ou não, a presença, as palavras, os conselhos me confortam e me protegem de tal maneira que as coisas se tornam simples. Eles são os responsáveis por mais esta conquista!

Aos meus três homens, em ordem de surgimento em minha vida, não significando níveis de sentimentos, afinal são meus três amores! Meu primeiro amor, Danilo. Um pai exemplar e um marido amoroso. Apesar de não ter entendido inicialmente minhas ausências, aos poucos ele adentrou em meu mundo e teve noção de como tudo isso era importante para mim. A partir daí, segurou minha mão e viveu intensamente este momento comigo, cuidando de nossos filhos e de mim. Meu segundo amor, Gabriel. Desconheço criança com tanta imaginação e com um vocabulário tão rebuscado. Apesar da pouca idade, foi capaz de compreender as minhas ausências e me dizer infinitamente o quanto me amava. E o meu terceiro amor, Matheus. Meu pequenino, que foi gerado durante a construção desta dissertação e, tal qual a origem bíblica de seu nome, é um “presente de Deus”. Trouxe mais alegria para nossa casa e a certeza em meu coração de como é bom ser mãe. Agradeço imensamente ao pai celestial por ser a bendita entre estes três.

Agradeço ao meu orientador Gilberto Tadeu, pessoa que aprendi a admirar nestes 2 anos por sua capacidade de aceitar as pessoas como elas são. Obrigado por me compreender enquanto orientanda e enquanto pessoa; por me apoiar em momentos tão difíceis ao longo

deste percurso, sem fazer comparações e respeitando a singularidade de cada um. Você me fez acreditar que era possível e que eu seria capaz de vencer, e esse mérito também é seu.

À minha amiga Elaine. Agradeço a Deus por ter cruzado nossos destinos, colocando-nos juntas em muitos projetos em comum. Agradeço pela amizade sincera, pela escuta atenta, pelos conselhos, pelo carinho e por estar presente nos momentos de felicidade e, principalmente, naqueles em que eu mais precisei.

A Virgínia, pela alegria, preocupação, doação e por arrancar de mim gargalhadas quando tudo parece tão trágico. Você não existe, Vi!

Às minhas irmãs, pela torcida, pelo apoio e por atender meus chamados de socorro!

Agradeço em especial à minha sogra, Dinalva Argolo, por sempre se colocar e estar à disposição nos cuidados dos meus filhos, me dando força e coragem para finalizar este constructo.

Às Profas. Taka Oguisso e Luciana Barizon Luchesi. Não tenho palavras para lhes agradecer! Pelas referências bibliográficas indicadas, os livros presenteados, os *e-mails* trocados e a companhia prazerosa! Como conhecê-las foi importante para meu crescimento e desenvolvimento acadêmico!

Às colaboradoras da pesquisa Profas. Anayde Corrêa de Carvalho e Maria José de Oliveira, mulheres que, até conhecê-las, estavam em meu imaginário. Ao entrevistá-las, compreendi a importância da pesquisa histórica e como suas ações contribuíram para o desenvolvimento de nossa profissão. Sou muito grata pela confiança dispensada, pela receptividade, pelo carinho e por me proporcionarem este mergulho na história da enfermagem.

Ao Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem (NUMEE) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). À Profa. Dra. Sidélia e a seus alunos Fernadinha, Jahn e Dilma, pela presteza e compreensão que me foram dispensadas desde o primeiro momento que os contatei. Com a ajuda de vocês, imergi profundamente na história desta escola.

Agradeço ao Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery, na pessoa da Profa. Maria Angélica Peres, por intermediar a concessão da entrevista de Haydée Guanais no Centro. Esse material foi crucial para a complementação do estudo.

Aos meus colegas e amigos da turma 2014, e àqueles que construí ao longo do mestrado, em especial a Aline e Anderson. Ela uma mãe, uma pessoa que exala verdade, ajuda, escuta e está sempre à disposição quando precisamos! Ele, um amigo com dúvidas, angústias e perspectivas muito parecidas com as minhas! Choramos e sorrimos juntos muitas vezes nesta caminhada.

A Deybson Borba, grande incentivador na busca pelo mestrado. Sua passagem em minha história foi muito importante para acreditar que este projeto seria possível. Obrigada pelas orientações, pelas bibliografias repartidas, pelos trabalhos desenvolvidos em conjunto e por me incentivar à pesquisa histórica.

Aos Gepasianos, um grupo de pesquisa que tem me motivado a cada dia a continuar no meio acadêmico. Agradeço à companhia de cada um de vocês. Em especial, a Aline Macedo, Elaine, Raíssa, Silvana, Deybson, Jorgas, Juliana Ribeiro e aos demais participantes do grupo.

A Silvana e Jorgas, por deixarem sempre claro que estariam presentes no momento em que eu precisasse.

Aos meus amigos Jean Marcel, Nadja Gonçalves, Danielle Canavarro, Raquel Pechir, Fernanda Cezar, Fabiana Cezar e Marrayane Beltrão, pela compreensão das ausências, pela alegria compartilhada, e pela torcida constante.

Aos professores da pós-graduação da Escola de Enfermagem, pelo conhecimento partilhado em cada disciplina.

À minha banca de qualificação, Profas. Ângela Tahara e Cátia Romano, pelas críticas e sugestões essenciais para o aprimoramento deste trabalho.

Aos servidores do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PGENF), em especial a Marcia e Samuel, pelo apoio e pela atenção dispensados nesta trajetória.

Aos Srs. Lázaro e Franklin, pela recepção diária, sempre com cordialidade e um sorriso no rosto.

Aos colegas de trabalho, pela compreensão e pela torcida constante.

RESUMO

OLIVEIRA, Núbia Lino de. **História das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (1946-1956)**. 124f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

Estudo descritivo, histórico, de abordagem qualitativa, que utiliza o método da história oral de vida e a pesquisa documental para analisar a trajetória de vida das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA), no período de 1946-1956, a partir de suas narrativas. O objetivo geral do estudo foi: analisar a trajetória de vida das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia no período de 1946 a 1956; e objetivos específicos: identificar traços biográficos das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia; descrever a trajetória profissional das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia e apontar os contributos dessas diretoras para a da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia e para a enfermagem brasileira. Trata-se de um recorte do projeto de pesquisa intitulado “Militância Política de Enfermeiras no Estado da Bahia”, aprovado pelo parecer consubstanciado CEP 663.359, que tem como objetivo geral analisar a militância política de enfermeiras no Estado da Bahia. A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas com as diretoras que se encontram vivas e de depoimentos existentes acerca da primeira diretora da EEUFBA, disponíveis em Bibliotecas e Centros de Documentação em História da Enfermagem. Para a interpretação dos achados, utilizou-se a análise de conteúdo temática de Franco, e foram definidos, *a priori*, três eixos temáticos direcionadores da análise: contornos da vida das diretoras da EEUFBA; trajetória profissional das diretoras da EEUFBA; e inserção na história EEUFBA: avanços e dificuldades vivenciados enquanto diretora da EEUFBA. Os resultados do estudo evidenciaram que as diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, no período de 1946 a 1956, foram mulheres de destaque no cenário baiano e brasileiro, que atuaram durante sua trajetória de vida em prol da enfermagem. Seus valores éticos e morais transmitidos pelos pais e reelaborados por elas, determinaram o reconhecimento enquanto pessoa no âmbito social. Participaram efetivamente como presidentes, coordenadoras de comissões e/ou membros da diretoria da Associação Brasileira de Enfermagem, revelando o comprometimento e a dedicação à profissão, em busca de espaços que fortalecessem a associação e seus propósitos de cunho cultural, educacional, científico e na formação de sujeitos políticos. A análise da trajetória de vida das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia nos deu a compreensão da conformação desta escola em seus aspectos políticos-pedagógicos e ideológicos na afirmação da enfermeira baiana. Portanto, pudemos compreender o presente por meio dos ditames do passado, pois as ações dessas diretoras repercutiram no viver das mulheres que compõem a história de hoje.

Palavras-chave: Enfermagem; História oral de vida; Diretoras.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Nubia Lino de. **History of the directors of the Nursing School of the Federal University of Bahia (1946-1956)**. 124f. Dissertation (Master of Nursing), Federal University of Bahia, Salvador, 2016.

Descriptive, historical, qualitative approach, which uses the method of oral history of life and documentary research to analyze the trajectory of life of the directors of the School of Nursing at the Federal University of Bahia (EEUFBA) in the 1946-1956 period, from their narratives. The overall objective of the study was: to analyze the trajectory of life of the directors of the Federal University of Bahia School of Nursing in the period 1946-1956; and specific objectives: identify biographical traits of the directors of the Federal University of Bahia School of Nursing; describe the professional trajectory of the directors of the Federal University of Bahia School of Nursing and point out the contributions of these directors to the the Federal University of Bahia School of Nursing and the Brazilian Nursing. This is a research project of the cut titled "Militancy Nurses Policy in the State of Bahia", approved by the opinion embodied CEP 663,359, which has as main objective to analyze the political activism of nurses in the state of Bahia. Data collection was conducted through semi-structured interviews with the directors who find themselves living and existing testimonies about the first director of EEUFBA available in libraries and documentation centers in the History of Nursing. In interpreting the findings, we used the analysis of thematic content of Franco, and were defined a priori analysis of the three thematic axes drivers: contours of life of the directors of EEUFBA; professional trajectory of the directors of EEUFBA; and insertion in EEUFBA history: advances and difficulties experienced while director of EEUFBA. The study results showed that the directors of the Federal University of Bahia School of Nursing, in the period 1946-1956, were prominent women in Bahian and Brazilian scenario, which acted during its path of life for nursing. His ethical and moral values transmitted by parents and reworked by them, determined recognition as a person in the social sphere. Participated effectively as presidents, coordinating committee and / or board members of the Brazilian Nursing Association, revealing the commitment and dedication to the profession in search of spaces that would strengthen the association and its cultural imprint purposes, educational, scientific and training of political subjects. The analysis of the trajectory of life of the directors of the Federal University of Bahia School of Nursing has given us the understanding of the conformation of this school in their political-pedagogical and ideological statement in the Bahian nurse. Therefore, we understand the present through the dictates of the past, because the actions of these directors had repercussions on living women who make up the story today.

Keywords: Nursing; Life oral history; Directors.

RESUMEN

OLIVEIRA, Nubia Lino. **Historia de los directores de la Escuela de Enfermería de la Universidad Federal de Bahía (1946-1956)**. 124f. Disertación (Maestría en Enfermería), Universidad Federal de Bahía, Salvador, 2016.

Enfoque cualitativo histórica descriptiva, que utiliza el método de la historia oral de la vida y la investigación documental para analizar la trayectoria de vida de los directores de la Escuela de Enfermería de la Universidad Federal de Bahía (EEUFBA) en el período 1946-1956, de sus narrativas. El objetivo general del estudio fue: analizar la trayectoria de vida de los directores de la Universidad Federal de Bahía Escuela de Enfermería en el período 1946-1956; y los objetivos específicos: identificar rasgos biográficos de los directores de la Universidad Federal de Bahía Escuela de Enfermería; describir la trayectoria profesional de los directores de la Universidad Federal de Bahía Escuela de Enfermería y señalar las contribuciones de estos directores a la de la Universidad Federal de Bahía Escuela de Enfermería y la enfermería brasileña. Se trata de un proyecto de investigación de la corte titulado "Militancia Política de Enfermeras en el Estado de Bahía", aprobado por la opinión encarnado CEP 663359, que tiene como objetivo principal analizar la actividad política de las enfermeras en el estado de Bahía. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas semiestructuradas con los directores que se encuentra el vivir y testimonios sobre el primer director del EEUFBA disponibles en las bibliotecas y centros de documentación en la historia de la enfermería existente. En la interpretación de los resultados, se utilizó el análisis de contenido temático de Franco, y se definieron un análisis a priori de los tres pilos ejes temáticos: los contornos de la vida de los directores de EEUFBA; trayectoria profesional de los directores de EEUFBA; y la inserción en EEUFBA historia: avances y dificultades que experimentó mientras que el director de EEUFBA. Los resultados del estudio mostraron que los directores de la Universidad Federal de Bahía Escuela de Enfermería, en el período 1946-1956, eran mujeres prominentes en el escenario de Bahía y de Brasil, que actuaron durante su trayectoria de vida de los ancianos. Sus valores éticos y morales transmitidos por los padres y vueltas a trabajar por ellos, determinaron el reconocimiento como una persona en el ámbito social. Participado efectivamente como presidentes, miembros del comité de coordinación y / o de la junta de la Asociación Brasileña de Enfermería, que revela el compromiso y la dedicación a la profesión en busca de espacios que fortalezcan la asociación y sus efectos impronta cultural, educativa, científica y formación de los sujetos políticos. El análisis de la trayectoria de vida de los directores de la Universidad Federal de Bahía Escuela de Enfermería nos ha dado la comprensión de la conformación de esta escuela en su declaración de política-pedagógica e ideológica de la enfermera de Bahía. Por lo tanto, entender el presente a través de los dictados del pasado, debido a que las acciones de estos directores tuvieron repercusión en las mujeres que viven que conforman la historia de hoy.

Palabras clave: Enfermería; la historia oral de vida; Directores.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** Matriz gráfica de afunilamento para seleção das colaboradoras, conforme Meihy e Holanda (2014). 36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|---|
| BVS | Biblioteca Virtual em Saúde |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CEDOC | Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery |
| CONEP | Conselho Nacional de Pesquisa |
| DNSP | Departamento Nacional de Saúde Pública |
| EEAN | Escola de Enfermagem Anna Nery |
| EEUFBA | Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia |
| EEUSP | Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo |
| EPEE | Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras |
| EXERCE | Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Ética/Bioética e Exercício da Enfermagem |
| GEPASE | Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração dos Serviços de Enfermagem |
| LAESHE | Laboratório de Estudos em História da Enfermagem |
| NUMEE | Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem |
| NUPISC | Núcleo de Pesquisa Integrada em Saúde Coletiva |
| PSF | Programa Saúde da Família |
| RBE | <i>Revista Baiana de Enfermagem</i> |
| REEUSP | <i>Revista da Escola de Enfermagem da USP</i> |
| SAMU | Serviço de Atendimento Móvel de Urgência |
| SciELO | <i>Scientific Electronic Library Online</i> |

TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFBA Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----|
| 1 | PRÓLOGO | 17 |
| 2 | INTRODUÇÃO | 21 |
| 3 | MÉTODO | 30 |
| 3.1 | Caracterização do Estudo | 30 |
| 3.2 | O Método da História Oral | 31 |
| 3.3 | Local do Estudo | 33 |
| 3.4 | Seleção das Colaboradoras | 34 |
| 3.5 | Aspectos Éticos | 36 |
| 3.6 | Técnica e Instrumentos de Pesquisa | 38 |
| 3.7 | Coleta dos Dados | 38 |
| 3.8 | Procedimentos de Análise | 41 |
| 4 | RESULTADOS | 44 |
| 4.1 | Artigo 1 - 100 anos de Haydée Guanais Dourado: contributos para a enfermagem brasileira | 45 |
| 4.2 | Artigo 2 - Centenário de Anayde Corrêa de Carvalho: trajetória pessoal e profissional | 62 |
| 4.3 | Artigo 3 - Maria José de Oliveira: trajetória de vida e contribuições para a construção da identidade profissional da enfermeira na Bahia | 81 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 107 |
| 6 | REFERÊNCIAS | 109 |
| 7 | ANEXO | |

| | | |
|-----|---|-----|
| 7.1 | Carta de Aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia | 115 |
|-----|---|-----|

8 APÊNDICES

| | | |
|-----|--|-----|
| 8.1 | Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) Roteiro para Entrevista Semiestruturada | 118 |
| 8.2 | Apêndice B - Carta de Autorização e Uso das Entrevistas | 120 |
| 8.3 | Apêndice C - Termo de Transferência de Direitos Autorais – Modelo 1 | 121 |
| 8.4 | Apêndice D - Termo de Transferência de Direitos Autorais – Modelo 2 | 122 |
| 8.5 | Apêndice E - Roteiro para Entrevista Semiestruturada | 123 |
| 8.6 | Apêndice F – Matriz para construção e análise dos dados | 124 |

1 PRÓLOGO

Há nove anos, eu me graduei em enfermagem pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Poucos dias após a colação de grau, desloquei-me da cidade de Salvador para o município de Cipó, ambos no Estado da Bahia, para atuar como enfermeira do Programa Saúde da Família (PSF) do Buri. Durante as 5 horas percorridas para chegar ao meu novo campo de trabalho, fui acometida por diversos sentimentos: angústia, medo do desconhecido, dúvidas e ansiedade. No entanto, tinha a certeza de que, a partir daquele momento, um novo sujeito se conformaria em mim.

Nesse período, tinha iniciado a pós-graduação *lato-sensu* em Saúde Pública com ênfase em Saúde da Família. A temática abordada durante a especialização contribuiu para meu desenvolvimento científico e meu aperfeiçoamento da prática. Como profissional que fazia parte de um modelo assistencial na Atenção Primária, pude desenvolver o pensamento crítico-reflexivo, a partir da contextualização efetiva do processo saúde-doença e de seus paradigmas dominantes.

A atuação como enfermeira da Atenção Primária à Saúde possibilitou conhecer a realidade local na qual estava inserida e as necessidades de saúde da população. Foi fulcral o estabelecimento de vínculos com a comunidade, para, então, por meio de minha corresponsabilização na atenção à saúde, promover a qualidade da assistência aos usuários.

O desenvolvimento de tais atividades me fez compreender, desde o princípio, o lugar diferenciado e o importante papel de liderança ocupado pela enfermeira na sociedade. Desde a graduação, eu vislumbrava ser uma profissional reconhecida e tinha a curiosidade de conhecer os caminhos galgados por enfermeiras que ocuparam e ocupam um lugar de destaque na enfermagem, as quais contribuíram para o desenvolvimento da profissão, seja no âmbito do cuidado, da formação ou da gestão.

Enquanto bolsista do Núcleo de Pesquisa Integrada em Saúde Coletiva (NUPISC) da Universidade Estadual de Feira de Santana, durante minha graduação, sentia-me segura ao trabalhar diante de mulheres que me fortaleciam como ser humano e discente, emergindo o desejo cada vez mais intenso de me tornar enfermeira.

Merecem minha ênfase, referente a este período, as Profas. Dras. Marluce Maria Araújo Assis e Maria Ângela Alves Nascimento, respectivamente Coordenadora e Vice-Coordenadora do NUPISC. Elas são enfermeiras notórias no cenário acadêmico desta

universidade, que assumem uma postura crítica, e estimulam a reflexão e participação do discente no processo de ensino-aprendizagem, além de possuírem uma carreira profissional sobressalente na enfermagem, construída com bases no ensino, na extensão e na pesquisa.

Ao iniciar minha carreira profissional, pude, por alguns anos, dedicar-me à atividade no âmbito da saúde pública, bem como no ambiente hospitalar. Tive o anseio, por vezes velado, de retornar à academia. Todavia, o mundo do trabalho e as atividades assistenciais consumiam-me de tal maneira, que aquele desejo acadêmico permaneceu adormecido por algum tempo.

Em 2013, como enfermeira do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) de Salvador, tive a oportunidade de participar de um projeto de avaliação dos SAMU do Brasil em parceria com o Ministério da Saúde e a Universidade Federal da Bahia (UFBA). Neste processo, vislumbrei a possibilidade de reingressar no mundo acadêmico.

Em seguida, passei a frequentar o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Ética/Bioética e Exercício da Enfermagem (EXERCE) da UFBA. A partir do convívio com estudantes e pesquisadores do grupo de pesquisa, e da participação no projeto de pesquisa descrito anteriormente, fui capaz de refletir sobre o mundo do trabalho, no bojo de minhas atividades profissionais. Busquei desvelar meu anseio pessoal e envolver-me no universo da pesquisa científica. Nesse sentido, estimulada pelo momento que vivenciava, tomei a decisão de concorrer ao processo seletivo para mestrado em enfermagem da Escola de Enfermagem da UFBA.

Ainda em 2013, no mês de novembro, participei do II Seminário Nacional de História da Enfermagem, na cidade de Salvador. Esse evento despertou-me a atenção ao apresentar biografias de cinco mulheres que foram destaque na construção da enfermagem brasileira: Maria Rosa Souza Pinheiro, Edith Magalhães Fraenkel, Haydée Guanais Dourado, Wanda de Aguiar Horta e Maria Ivete Ribeiro de Oliveira.

Dentre elas, duas eram baianas: Haydée Guanais Dourado e Maria Ivete Ribeiro de Oliveira. Ambas foram diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA) e inspiração para movimentos políticos de outras líderes, influenciadoras de pensamentos e ideias. A primeira, formada pela Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) e recém-chegada do Curso de Pós-Graduação em Pedagogia, Didática e Supervisão de Toronto, no Canadá, ajudou a criar e organizar a Escola de Enfermagem da Bahia, tornando-se sua primeira diretora (BARREIRA, BAPTISTA, 2002). A segunda foi aluna da primeira turma da

EEUFBA, assumiu diversos cargos, como professora e diretora da Escola de Enfermagem por dois mandatos (1963-1970), e foi a primeira mulher na Bahia a exercer um cargo de Secretária de Estado do Trabalho e Bem Estar Social na década de 1970 (SANTOS *et al.*, 2012).

Naquele momento, e retomando minha experiência pessoal, percebi o quão importante se fazia conhecer a história da enfermagem para o entendimento da profissão. Pensei, então, que, por meio do estudo da história, seria possível explorar como os acontecimentos podem ter alterado a profissão e identificar, conforme asseveram Padilha *et al.* (2011, p. 38) "(...) quem foram, o que pensaram, sentiram e agiram enfermeiras que contribuíram para a formação da identidade e desenvolvimento da enfermagem". A partir de então, passei a me envolver com a temática e a debruçar-me sobre ela, aprofundando a leitura das memórias históricas e a participação ativa nos encontros e eventos sobre História da Enfermagem.

Após o II Seminário Nacional de História da Enfermagem, participei do 2º Colóquio de História da Enfermagem e do 1º Simpósio do Laboratório de Estudos em História da Enfermagem (LAESHE), realizados na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), em Ribeirão Preto (SP). Este momento foi singular, pois pude presenciar estudiosos de algumas temáticas debaterem ideias, conceitos e metodologias sobre a história da profissão.

Em janeiro de 2014, ingressei no Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração dos Serviços de Enfermagem (GEPASE) da EEUFBA, o qual tem como proposta avançar na construção do conhecimento sobre administração na área de saúde e, mais especificamente, em enfermagem. As atividades do GEPASE envolvem a tríade extensão-ensino-pesquisa, com assuntos voltados para gestão de serviços de saúde, formação em saúde e história da enfermagem. A participação no GEPASE motivou-me a desenvolver outras pesquisas de cunho histórico.

Esta aproximação possibilitou compreender que a história da enfermagem se constitui em um campo de conhecimento que fundamenta sua prática profissional. Indica diretrizes, que permitem evidenciar a contribuição para a enfermagem e apontam condições significativas para seu reconhecimento, desvelando uma crescente e singular valorização e uma identidade profissional. Nesse sentido, pensei ser oportuno estudar a história das diretoras da Escola de Enfermagem da UFBA, que, mais do que personagens históricas e

protagonistas da história da enfermagem na Bahia e no Brasil, contribuíram para a construção da minha história.

2 INTRODUÇÃO

O entendimento da história de vida das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA) perpassa pela compreensão histórica da profissão da enfermeira e do processo de implantação dessa escola. Certamente, o papel desempenhado por essas enfermeiras e as conquistas realizadas por elas na EEUFBA constituíram instrumentos valiosos para a consolidação e a valorização da enfermagem baiana.

A presença feminina na organização de instituições responsáveis pelo cuidado ao doente tem origem na Idade Média, evidenciando a importância das mulheres que levavam seus grupos ao exercício de atividades próprias da profissão. A caridade que deixavam transparecer, certamente, cooperava para a elevação de seus valores e sua eficiência, quando comparada com os raros conhecimentos da época em matéria de enfermagem.

Nesse sentido, para o estudo da história dessas personagens, torna-se necessário recuperar a história da profissão, visto que, o trabalho da enfermagem, desde sua institucionalização, na segunda metade do século XIX, organizou-se em três dimensões: o cuidado, a organização do ambiente e a organização de seus agentes. Tal composição configurou a divisão técnica e social do trabalho, na medida em que se estabeleceu uma dicotomia entre gestão e cuidado (FELLI;PEDUZZI, 2005).

Esse modelo de enfermagem foi proposto por Florence Nightingale, na Inglaterra, e, influenciado pela lógica de produção capitalista que se instalava, originou a hierarquização do trabalho. As tarefas de supervisão e ensino eram destinadas às *lady-nurses*, por estas possuírem uma condição social mais favorável. O cuidado direto era prestado pelas *nurses*, de nível social inferior (PASSOS, 2012; PADILHA *et al.*, 2012; OGUISSO, 2007; FELLI;PEDUZZI, 2005).

Para atender ao que foi proposto pela Reforma Nightingale¹, os países que a adotaram como referência cumpriam os requisitos estabelecidos desde o princípio para a formação das enfermeiras. Paixão (1979) assevera que os pontos basilares da moderna concepção de educação dessas profissionais foram a direção da escola por uma enfermeira, e não por

¹ Refere-se à difusão do modelo de cuidado adotado por Florence Nightingale na Inglaterra na segunda metade do século XIX. Florence, ao regressar a Londres, após atuar da Guerra da Crimeia, iniciou uma luta pela reorganização dos serviços de saúde militares e se empenhou na reforma dos hospitais civis e no investimento do Fundo Nightingale, para a criação de uma escola de enfermagem, que foi inaugurada em 9 de julho de 1860 no *Saint Thomas Hospital* (FERRAZ e COUTO, 2005). Para ingressar na escola, exigia-se "cuidado na seleção das candidatas" (PAIXÃO, 1979, p. 72). Os pontos essencialmente novos na moderna concepção da formação de enfermeiras foram propagados em diversos países do mundo, iniciando-se a enfermagem profissional.

médicos; mais ensino metódico por meio da prática; e seleção de candidatas sob o ponto de vista físico, moral, intelectual e de aptidão profissional.

Entretanto, a formação e a qualidade do trabalho da enfermagem (sua prática) diferiram conforme o contexto social e político em que ela fora implantada, desenvolvendo-se de acordo com a realidade de cada país. No Brasil, Mott (1999) relata que, até o início do século XX, antes do advento da Enfermagem Moderna no país, a atividade era prestada por homens e mulheres. A autora cita “O enfermeiro”, de Machado de Assis, publicado no século XIX, como “a obra mais conhecida que retrata uma pessoa desempenhando essa atividade”, a qual “é do sexo masculino” (MOTT, 1999, p. 329), referindo-se às atividades exercidas no Hospital da Caridade da Santa Casa de Misericórdia de Salvador, Hospital Militar, Hospital da Marinha e Hospital dos Lázaros. Não havia exigência de escolarização, sendo exercida com bases meramente empíricas.

A primeira tentativa em criar uma escola de enfermagem ocorreu no século XIX, após a Proclamação da República e a separação do Estado e da Igreja, com a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE) da Assistência a Alienados, por meio do Decreto nº 791/1890 - hoje a atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (FERNANDES *et al.*, 2011; MEDEIROS *et al.*, 2008). A organização da Escola Alfredo Pinto seguia o modelo francês, inspirado na Escola de Salpêtrière e idealizado pelo médico João Carlos Teixeira Brandão, diretor do Hospício Nacional de Alienados e primeiro diretor da escola (MOREIRA *et al.*, 2016).

Após viagem à Europa, o médico brasileiro solicitou ao Governo a criação de uma Escola no país semelhante aos moldes franceses, a fim de suprir a necessidade de profissionais de enfermagem deixado mediante o rompimento com as irmãs de caridade. Considerava que a França detinha o que “havia de melhor na especialidade de cuidados da saúde, sobretudo no tratamento de doentes mentais, a maior necessidade naquela ocasião” (MOREIRA *et al.*, 2016, p. 104).

No entanto, a direção por uma enfermeira, conforme proposto pela institucionalização da Enfermagem Moderna no mundo, só ocorreu 53 anos após a fundação da escola, em 1943 (FERNANDES, 1985). Nesse período, quatro médicos ocuparam o cargo de direção da EPEE. Apesar de desconhecidos e pouco estudados na história da enfermagem, foram responsáveis pela criação e pelo desenvolvimento do ensino da enfermagem no Brasil e por avanços na profissão (MOREIRA *et al.*, 2016).

Posteriormente, em 1902, foi fundada, em São Paulo a Escola de Enfermagem no Hospital Samaritano, orientada por enfermeiras inglesas oriundas de escolas com o ensino

pautado nos moldes de Nightingale (MEDEIROS *et al.*, 2008; MOTT, 1999). O curso de enfermagem iniciado nesse hospital era administrado por uma diretora (chamada de Matron), e suas alunas residiam no hospital e ficavam sob a supervisão da diretora. Com um processo de seleção rigoroso, só eram admitidas aquelas que “possuíssem grau suficiente de instrução, de educação e ‘robustez física’” (MOTT, 1999, p. 340), exigindo grande responsabilidade e comprometimento de suas alunas.

Em 1914, por ocasião da I Guerra Mundial e da repercussão do movimento mundial de assistência aos feridos nas guerras, foi criado, no Rio de Janeiro, pelas damas da Secção Feminina da Cruz Vermelha Brasileira, o curso de formação de enfermeiras voluntárias (PORTO; AMORIM, 2007). O curso, com duração inicial de 2 anos e vinculado ao Ministério de Guerra, foi ampliado posteriormente para 3 anos e passou a ser subordinado ao Ministério da Educação e Saúde, como as demais escolas de enfermagem do país, sendo equiparado à Escola de Enfermeiras Anna Nery, conforme decreto 20.209/31.

Nesse percurso, outras escolas de enfermagem foram implantadas, visto que o estremecimento das relações entre o Estado e a Igreja repercutiu na estatização da assistência à saúde e na maior interferência dos médicos na organização das políticas de saúde brasileira (MASCARENHAS *et al.*, 2016). Nas primeiras décadas do século XX, diante da necessidade de uma reforma que ampliasse os serviços sanitários federais, o poder público brasileiro visualizou que o país necessitava de um maior número de enfermeiras. Estas deveriam ser qualificadas, a fim de atuarem nos hospitais, na saúde pública e nas Forças Armadas (PASSOS, 2012; PORTO e AMORIM, 2010).

O contexto socioeconômico em que o país se encontrava e os interesses norte-americanos em promover o desenvolvimento das relações comerciais e culturais com os países latino-americanos, aumentando o espírito de cooperação em defesa do hemisfério, levaram ao estabelecimento de acordos entre Brasil e Estados Unidos, e à viabilização de investimentos, por meio da Fundação Rockefeller, na saúde pública brasileira e na qualificação dos profissionais de saúde (MASCARENHAS *et al.*, 2016; CAMPOS, 2008).

A chegada da Fundação Rockefeller no Rio de Janeiro abriu caminho para a entrada de médicos e sanitaristas norte-americanos no país e objetivava diagnosticar, prevenir e combater as endemias que se alastravam. Diante das condições sanitárias encontradas, criou-se o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), “caracterizando, assim, a presença do Estado Brasileiro na reorientação da política de saúde, a partir da centralização das ações no campo da saúde pública em um departamento” (FREIRE e AMORIM, 2010, p. 228). Para levar adiante tais propósitos, o diretor do DNSP, Carlos Chagas, solicitou apoio à Fundação

Rockefeller para implantação do serviço de enfermeiras no Brasil, a fim de ajudar no controle sanitário da população.

Para a implantação do serviço de enfermeiras, foi encaminhado um grupo de enfermeiras norte-americanas, liderado pela enfermeira Ethel Parsons, que viera ao Brasil no ano de 1922, com o objetivo de desenvolver um serviço de enfermagem em parceria com o DNSP. Sua primeira atuação foi propiciar treinamento às enfermeiras visitantes e, em seguida, fundou as Escolas de Enfermeiras do DNSP, atual EEAN (SECAF e COSTA, 2007).

Destaca-se que o Serviço de Enfermeiras do DNSP no Brasil, liderado por Ethel Parsons, contrariou o desejo de grande parte dos médicos do departamento de apenas resolver os problemas mais emergentes de sua prática cotidiana. O processo de formação da enfermeira brasileira utilizou estratégias que objetivaram dar visibilidade à profissão diante da sociedade, por meio da institucionalização de ritos e da adoção de disciplina rígida, que configuravam o comportamento da futura enfermeira (SANTOS *et al.*, 2011).

As enfermeiras que frequentavam o curso de enfermagem na formatação nightingaleana eram consideradas enfermeiras-padrão, aludindo à importância da definição da expressão e da incorporação dos atributos que Florence afirmava como essenciais para se tornar enfermeira (PADILHA *et al.*, 2011). Nesse sentido, não há como negar que os significados da profissão de enfermagem influenciaram, à época de Florence, na forma como o conceito de enfermagem é compreendido.

A atuação de Ethel Parsons como chefe da Missão Técnica de Cooperação para o Desenvolvimento da Enfermagem no país influenciou no trabalho das enfermeiras no Brasil. Conforme afirma Melo (1986), o trabalho da enfermagem brasileira nasceu dividido, e as novas enfermeiras formadas pela EEAN assumiram as chefias dos serviços de saúde pública ou de formação e passaram a preparar o pessoal auxiliar (as visitadoras sanitárias) para a execução do serviço.

Ao final da atuação da missão das enfermeiras norte-americanas, a EEAN foi elevada à condição de escola oficial padrão, por meio do decreto 20.109, de 15 de junho de 1931. As enfermeiras diplomadas, conscientes de sua qualificação e valorização concedidas pela academia, lutavam por posições de liderança ocupadas pelas enfermeiras norte-americanas (SANTOS *et al.*, 2011).

No mesmo período, Rachel Haddock Lobo assumiu a direção da EEAN como primeira diretora brasileira de uma Escola de Enfermagem. Formada na França e pós-graduada nos Estados Unidos, a gestão de Rachel Haddock Lobo, apesar da crise financeira vivida pela EEAN e o contexto sociopolítico que o país se encontrava, demarcou “diferenças na liderança

da enfermagem brasileira e a conquista do seu espaço social, evidenciando o poder da gestora da escola e sua preocupação em atualizar os emblemas da enfermagem nacional” (OLIVEIRA; SANTOS; OLIVEIRA, 2002 p. 233). Sua formação básica e qualificação, construída em modelos de ensino distintos, proporcionou-lhe a busca de estratégias de comando do grupo e de uma nova configuração da imagem da enfermeira no Brasil.

A direção da EEAN por Rachel Haddock Lobo foi interrompida por sua morte prematura em 25 de setembro de 1933, por complicações pós-operatórias após intervenção cirúrgica (SANTOS; BARREIRA, 2002). Tal fato levou novamente à direção da escola, seis meses após, por uma enfermeira norte-americana, Bertha Pullen, que se ofereceu para retornar ao Brasil e assumir o cargo, até que outra enfermeira brasileira pudesse fazê-lo (OGUISSO, 2007).

Depreende-se que, para ocupar um cargo como este, era necessário, conforme afirmam Secaf e Costa (2007, p. 17) "ser uma profissional de alto nível que se impunha no exercício de suas atribuições". As pioneiras do novo modelo de enfermagem destacavam-se pela postura rígida, religiosa, pautada na preservação da imagem da enfermeira e na valorização de seu papel na sociedade (SECAF e COSTA, 2007). O modelo de gestão adotado pela EEAN se propagou no país.

A partir de então, outras instituições de ensino em enfermagem, do padrão da EEAN, foram fundadas, organizadas e administradas por enfermeiras brasileiras. Para isso, segundo Passos (2012), houve apoio do governo, por meio da Lei 775 de 6 de agosto de 1949, a qual criava condições para que o maior número de escolas fosse aberto no Brasil e dispunha sobre o ensino da enfermagem, apoiando a abertura de escolas de enfermagem em centros universitários ou sedes de faculdade de medicina, além do financiamento para manutenção dessas escolas.

No bojo dessa expansão das escolas de enfermagem no Brasil, foi criada em 1943 a Escola de Enfermagem de São Paulo (EEUSP). Sua primeira diretora, Edith de Magalhães Fraenkel, ocupava o cargo de Superintendente do Serviço de Enfermagem do Ministério da Educação e Saúde, quando foi convidada a assumir a direção da EEUSP, anexa à Faculdade de Medicina. A implantação da EEUSP originou-se por meio de um convênio da Fundação Rockefeller e do Governo do Estado de São Paulo. Uma das exigências, por parte das entidades, era que a escola fosse criada nos moldes da EEAN (CARVALHO, 2012).

Posteriormente, no cenário baiano, a necessidade de melhorias da qualidade dos serviços médicos e de saúde do Estado, por conta da precariedade das ações de saúde pública prestadas pelos hospitais à época, levou o Reitor Edgard Santos a criar um complexo

hospitalar que serviria de campo de ensino e prática para os estudantes de medicina e prestação de serviços de qualidade para a população baiana. Ele reconheceu também a necessidade de profissionais de enfermagem de nível superior, integrando ao projeto a construção da escola de enfermagem.

Para concretizar os seus propósitos, o reitor pediu ajuda à Diretora da EEUSP na constituição de um corpo docente capaz de implantar a Escola de Enfermagem da Bahia e formar pessoal auxiliar qualificado para compor o quadro de profissionais que iriam atuar em seu grande projeto de hospital-escola, o qual encontrava-se em término de sua construção (OLIVEIRA, 2001). O prédio do Hospital e da Escola de Enfermagem estavam em construção desde 1938 e 1940, respectivamente.

Para a construção do hospital, Edgard Santos recorreu à consultoria do Dr. Ernesto Souza Campos, que além de médico, era engenheiro e havia implantado um novo conceito de arquitetura hospitalar, substituindo a tradicional estrutura de pavilhões pelo conceito de hospital monobloco que facilitava a gestão e funcionalidade dos serviços. Consciente também da necessidade de profissionais de enfermagem de nível superior, consegue que, integrando o complexo de saúde do canela, também seja criada e construída a Escola de Enfermagem (BARBOSA, 2011, p.26).

Para cumprir essa missão, a professora Edith Fraenkel encaminhou a enfermeira Haydée Guanais Dourado, a qual se tornou a primeira diretora da EEUFBA. Graduada pela EEAN e com aperfeiçoamento profissional adquirido no exterior, Haydée Guanais possuía competência técnica e científica, assim como um currículo capaz de organizar e estruturar a EEUFBA.

Nesse contexto, destaca-se a importância do objeto de estudo. A EEUFBA foi a primeira Instituição de Ensino Superior das Regiões Norte e Nordeste do país, e a história de suas diretoras, por meio dos depoimentos pessoais das personagens que vivenciaram esse processo de implantação, bem como a análise de fontes documentais e a contextualização dos fatos baseados na conjuntura histórica da época, possibilita ir ao encontro da história da enfermagem na Bahia e da conformação de sua identidade profissional.

Assim, o recorte temporal compreende o período de 1946 a 1956. Na primeira década de implantação da escola, suas primeiras diretoras obtiveram conquistas importantes para a valorização e o reconhecimento da enfermeira na Bahia. A profissão de enfermagem ainda era desconhecida pela sociedade baiana, a qual entendia ser uma “ocupação” e não uma “profissão” que exigia estudo universitário (Memorial 1946-1956, Maria Ivete Ribeiro, sem data, NUMEE). Aliado a isso, o cuidado prestado pelas “enfermeiras” era considerado subalterno e não se tinha uma compreensão do trabalho da enfermeira de alto padrão que se

instalava no país. Caberia à escola de enfermagem desmistificar este estereótipo, recrutando candidatas que pudessem desenvolver a profissão emergente.

Ao realizar um levantamento na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e em bancos do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) utilizando como descritores “enfermagem”, “história da enfermagem”, “memória”, “biografia” e ‘liderança’, foram identificados 213 estudos em periódicos brasileiros. Destes, 12 referiam-se a líderes da enfermagem que foram diretoras de uma escola, hospital, associação profissional ou comunidade. Três estudos referiam-se a enfermeiras que foram diretoras da EEUFBA.

Apesar do extenso acervo existente no Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem (NUMEE) da EEUFBA, criado em 1997 e reestruturado no ano de 2007 (TEIXEIRA, 2011), e que preserva a história da instituição, não foram identificados estudos que abordassem a história de vida de suas diretoras. Além disso, verificou-se que, dos 460 artigos publicados na *Revista Baiana de Enfermagem* (RBE), fundada em 1981, poucas versões (editorial, discursos e homenagens) retrataram a memória das diretoras da EEUFBA em 35 anos de criação da RBE. Foram publicados 02 discursos e homenagens à diretora Haydée G. Dourado e ao reitor Edgard Santos na 11ª edição de 1998 da RBE, por ocasião do Jubileu de Ouro e em comemoração ao cinquentenário de fundação da EEUFBA e um editorial na 21ª edição em 2007 que retrata os “60 anos de luta e êxitos” da escola.

Registra-se um maior número de estudos sobre essa temática a partir da década de 1980, quando, dadas as constantes modificações no cenário político, social e econômico do Brasil, a enfermagem devia se reorganizar, avançando na formação de um profissional crítico e político, capaz de contribuir com as transformações do contexto em que se inseria (PASSOS, 2012; BARLEM, 2012).

Esses achados apontam para uma inquietação: por que a EEUFBA, tendo sido a primeira escola de enfermagem no norte-nordeste do Brasil, dirigida por enfermeiras de destaque no cenário nacional e internacional, com trajetórias de vida marcadas por lutas e êxitos para a concretude da profissão, possui poucos estudos sobre suas diretoras?

Nesse sentido, é da trajetória de vida das diretoras da EEUFBA que esta pesquisa deseja tratar, por meio do resgate de suas memórias, documentos e registros históricos. Para ser possível a análise reflexiva dessa história, faz-se necessário partilhar com os sujeitos o julgamento que estes fazem do passado, não os tratando puramente como fonte de dados (SANNA, 1999). Isso posto, considera-se necessário retroceder no tempo e resgatar a

memória das diretoras: como decorria o cotidiano delas, como se constituíram enfermeiras e diretoras e o que possuem em comum.

Neste contexto, a história oral aponta-se como uma possibilidade de aproximação da trajetória de vida das diretoras da EEUFBA. Seu uso decorre de uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido, conforme concebido por quem viveu (ALBERTI, 2004a). Acrescentam, ainda, Oguisso e Campos (2013, p. 49), o seguinte:

Recuperar a memória e estudar História da Enfermagem capacita o saber ser enfermeiro, dotando o profissional de competências imperiosas à administração dos serviços de enfermagem, gerenciamentos de conflitos, destituição de mitos, racismo, preconceitos e intolerâncias que, muitas vezes, emperram o desenvolvimento da assistência de enfermagem.

A relevância atribuída à memória desses sujeitos consiste na interpretação de suas vivências, no interesse e nos sentidos de ser diretora. Não se deve apenas tratar os depoimentos como fontes de dados, mas tornar possível partilhar com os sujeitos o julgamento que fazem sobre o passado, para, então, analisar reflexivamente essa história.

Frente ao exposto, buscaremos, na história oral de vida das diretoras da EEUFBA, elucidar a seguinte questão: Qual a trajetória de vida das diretoras da EEUFBA no período de 1946 a 1956?

No intuito de responder ao questionamento, traçaram-se os seguintes objetivos:

- **Objetivo geral:** analisar a trajetória de vida das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia no período de 1946 a 1956.
- **Objetivos específicos:**
 - Identificar traços biográficos das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.
 - Descrever a trajetória profissional das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.
 - Apontar os contributos dessas diretoras para a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia e para a enfermagem brasileira.

Neste âmbito, para a construção da pesquisa, considerando os estudos de Oguisso *et al* (2013), Barreira e Baptista (2002), Fernandes (2001), Tahara *et al* (2010), Furegato (2008), partiu-se do seguinte pressuposto: a trajetória de vida das docentes que se constituíram diretoras da EEUFBA no período de 1946 a 1956 foi determinada por uma conjunção de

elementos de ordem econômica, cultural, política e ideológica. Esta trajetória encontra-se pautada em uma formação profissional crítica e política, capaz de contribuir com as transformações do contexto histórico no qual encontravam-se inseridas, tornando-as personalidades que constituíram marcos referenciais para a profissão.

3 MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, histórico, de abordagem qualitativa, em que se utilizaram o método da história oral de vida e a pesquisa documental, com o objetivo de analisar a trajetória de vida das diretoras da EEUFBA, no período de 1946 a 1956.

3.1 Caracterização do Estudo

Optou-se pelo estudo qualitativo, pois, de acordo com Minayo (2013), esse método se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, de como constroem seus elementos e a si mesmos, além do que sentem e pensam. Ainda, possibilita ao investigador observar, descrever, interpretar e apreciar o meio e o fenômeno, como ele se apresenta, sem controlá-lo e/ou generalizá-lo.

A pesquisa qualitativa também permite desvelar processos sociais pouco conhecidos referentes a grupos particulares, além de propiciar a construção de novas abordagens, e a revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação (MINAYO, 2013).

No que concerne à pesquisa histórica, no âmbito de sua caracterização como qualitativa, em suas mais variadas modalidades, há subsídios para a descoberta, a exploração e a avaliação de como as pessoas compreendem seu passado, vinculam sua experiência individual ao seu contexto social, interpretam-na e lhe dão significado por meio de sua existência através do tempo, correlacionando-o ao presente (ALBERTI, 2004b). Dessa forma, torna-se oportuna a aplicabilidade do método à pesquisa, revelado na compreensão da história de vida das diretoras da EEUFBA, no período de 1946 a 1956.

Para Borenstein e Althoff (1995, p. 144), “a pesquisa histórica surge com o propósito de reconstituir o passado de forma sistemática, através de um trabalho cuidadoso no levantamento de dados e de uma análise criteriosa na autenticidade e acuidade do material”. Caracteriza-se como uma abordagem por meio de coleta, organização e avaliação crítica de dados que têm relação com ocorrências do passado.

De acordo com Le Goff (2001), em seu prefácio à obra *Apologia da História ou O ofício do Historiador*, a história é definida por Marc Bloch como a ciência que estuda as ações do homem no tempo, a qual deve seguir com austeridade a fidelidade dos acontecimentos. Afirma que a “fidelidade não exclui a crítica” (p. 16), devendo ter o

historiador “consciência de que o fato histórico não é um fato positivo” (p. 19), e de que a busca atenta e minuciosa dos documentos e depoimentos na pesquisa histórica tem o compromisso de transformá-los em fontes de reflexão e novas interrogações.

Diante disso, a pesquisa histórica busca compreender o presente por meio da análise do passado, sem justificá-lo ou condená-lo. Segundo Le Goff (2001, p. 29),

A ciência histórica se consoma na ética. A história deve ser verdade, o historiador se realiza como moralista, como justo. Nossa época, desesperadamente em busca de uma nova ética, deve admitir o historiador entre aqueles que procuram a verdade e a justiça não fora do tempo, mas no tempo.

Essa análise implica considerar que a construção da narrativa neste estudo recorreu a uma diversidade de documentos, os quais foram orientados pelas escolhas metodológicas da autora. Conforme Bloch (2001), os fatos humanos são complexos em relação a todos os outros, tornando necessário organizar e explorar a observação histórica por meio de ferramentas que suscitem a investigação e a reflexão dos historiadores. É a partir de nossas experiências cotidianas que, “para nuança-las onde se deve, atribuímos matizes novos, em última análise, os elementos que nos servem para reconstituir o passado (...)” (BLOCH, 2001, p. 66), visto que a história é um produto cultural que existe para explicar determinados fenômenos sociais.

No que concerne à trajetória histórica da enfermagem, para a compreensão de seu contexto profissional é preciso conhecer sua história, suas lutas sociais, conceitos e preconceitos, que foram construídos e desconstruídos ao longo dos anos e que influenciam na compreensão de seu significado até a atualidade. A história da profissão possibilita descrever e identificar quem são, o que sentem, como agem e as perspectivas das enfermeiras sobre sua trajetória de vida. Serve para elucidar o contexto vivido e fornecer os significados desse contexto (BORENSTEIN e PADILHA, 2011; PADILHA e BORENSTEIN, 2005).

3.2 O Método da História Oral

A história oral de vida foi utilizada como referencial do estudo, entendendo que, por meio dela, compreendemos o sujeito do qual se trata como um indivíduo único e singular em nossa história, o qual traz para o presente sua postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia “a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu” (ALBERTI, 2004b, p. 16).

Essa compreensão perpassa por crescimento, prática e respeito, conquistados pela história oral no conjunto do conhecimento do mundo moderno, dentro e fora do meio acadêmico. Para Meihy e Holanda (2014), a história oral, no Brasil e no mundo, avançou em todos os níveis. Ela vem se apresentando como uma solução moderna disposta a dar voz às pessoas e a influir no comportamento da sociedade e na compreensão de atitudes e da sensibilidade humana.

Nesse contexto, a história oral surgiu como um novo campo de produção do conhecimento, que nos leva a repensar muitas coisas, ampliando as perspectivas de captação da realidade social. Ela se apresentou como uma história nova, uma prática de apreensão das narrativas dos colaboradores em que não se utilizam os documentos oficiais como única expressão da verdade (FERNANDES, 2010).

Segundo Meihy e Holanda (2014), a história oral divide-se em três gêneros: história oral de vida, história oral temática e tradição oral. Na primeira, a questão subjetiva se mostra essencial e é decorrente das narrativas, as quais dependem da memória e da trajetória de vida do narrador através do tempo. Implica na crença do indivíduo, valorizando seu eu e sua história. Sanna (1999) afirma que, ao utilizarmos a história oral de vida para captarmos as fontes orais, apesar da subjetividade do sujeito, teremos atingido a coletividade e, portanto, conseguiremos captar objetivamente o grupo social do qual o sujeito faz parte.

Essas afirmações corroboram Luchesi e Lopes (2011, p. 418), que salientam que a história oral de vida

(...) se caracteriza como relato de um narrador sobre sua existência ao longo do tempo. Nessa perspectiva, as narrativas de uma história de vida decorrem da vida pessoal que se delinea mediante as relações com os membros do seu grupo, de sua camada social e da sociedade em geral.

Desse modo, ao assumir a história oral de vida como método do estudo, consideramos que foi possível, a partir das narrativas dos sujeitos singulares, aproximar-se do conhecimento dessa vivência, da análise e da interpretação de trajetórias de vida que lhe são próprias.

A partir do estudo da narrativa das diretoras que viveram um período histórico na EEUFBA, delineou-se a trajetória de vida destas docentes, por meio do resgate da memória, possibilitando, pelo estudo, divulgar quem foram essas importantes personagens para a história da enfermagem baiana e brasileira, quais os desafios vivenciados e os contributos por elas deixados enquanto diretoras da EEUFBA. “Quem conta uma história, faz

necessariamente apelo a sua memória e a trabalha para dar inteligibilidade à experiência e para ressignificar o vivido, conferindo-se uma logicidade...” (SILVA; BARROS, 2010, p.69).

No que concerne às limitações do estudo, podemos citar a delimitação temporal do período a ser examinado, questão de primeira ordem para o pesquisador – o tempo necessário para a realização da pesquisa, pois esta envolveu uma série de entrevistas, a transcrição dos relatos e o tempo de duração da entrevista. Além disso, para o desenvolvimento do estudo, fez-se necessário que os sujeitos que fizeram parte dele tivessem condições físicas e mentais de empreenderem a tarefa de colaboradora, a qual lhes foi solicitada (ALBERTI, 2004).

3.3 Local do Estudo

Dentre os critérios adotados para a escolha da EEUFBA, criada por meio do Decreto-Lei 8.779, de 22 de janeiro de 1946, como cenário da pesquisa, destaca-se sua grande representatividade na Bahia e no Brasil. Denominada, à época, de Escola de Enfermagem e Serviços Sociais, a escola foi a primeira Instituição de Ensino Superior a introduzir a Enfermagem Moderna no Estado. Essa instituição foi implantada buscando atender aos objetivos de formação de um maior número de enfermeiras, com qualificação técnica e científica, para trabalhar nos hospitais que se encontravam em expansão no período (PASSOS, 2012; TAHARA *et al.*, 2010; OLIVEIRA, 2001). No caso da Bahia, tratava-se do Hospital das Clínicas.

A instalação inicial da escola de enfermagem limitava-se à uma pequena sala ao lado do gabinete do reitor, ocupando, posteriormente, a um espaço maior, cedido pelo professor da cadeira de Higiene e Saúde Pública, Francisco Peixoto de Magalhães Neto. Em 1948, após a inauguração do Hospital das Clínicas, a EEUFBA passou a funcionar nas dependências do hospital, a qual serviu também como residência para as professoras. Após 2 anos, em 09 de dezembro de 1950, no dia da formatura da primeira turma de alunas que se formaram por esta escola, a EEUFBA inaugurou sua sede própria, onde funciona até hoje (OLIVEIRA, 2001).

As docentes da EEUFBA trouxeram grande contribuição ao desenvolvimento da enfermagem baiana e brasileira e, desde sua implantação, revelou-se como referência para outras instituições no país. De acordo com Oliveira (2001), a escola era solicitada por diretoras e professoras de diversas instituições do Brasil e do exterior como campo de observação. O importante papel que seu corpo docente, discente e, em especial, suas diretoras desempenharam ao longo de sua trajetória contribuiu para que a EEUFBA ocupasse essa posição de destaque.

Além disso, a escola manteve, desde o início, uma ligação com o Hospital Universitário, o qual funcionava como campo de atuação das alunas e professoras. As docentes ocupavam os cargos de chefia das unidades, visto que a proposta da escola e do hospital era a integração docente-assistencial.

Por outro lado, o campo histórico deste estudo foi também marcado pelo engajamento político de suas diretoras. Esse movimento perpassa pela dimensão da história oral de vida de suas dirigentes, em um período que envolveu diversas transformações políticas, ideológicas e econômicas no cenário mundial.

3.4 Seleção das Colaboradoras²

Foram ouvidos os depoimentos orais das diretoras que exerceram a gestão da EEUFBA no período de 1946 a 1956. O recorte do período histórico definido está compreendido a partir do ano de criação da EEUFBA ao primeiro período de gestão da primeira diretora formada pela escola, quando “começa um novo período na vida da instituição, já sob a liderança de uma de suas ex-alunas (...) marcado por uma maior estabilidade e continuidade administrativa na unidade e crescente participação, desta, na própria vida da Universidade” (OLIVEIRA, 2001, p. 38). Conforme Oliveira (2001), a partir de março de 1952, foram conquistados pela nova diretora novos campos de estágios para as alunas, possibilitando às novas turmas a conclusão do curso na própria escola e não mais na EEUSP, por meio do convênio até então existente.

Além disso, houve outras diversas conquistas efetuadas por esse novo grupo, como incentivo ao preparo do corpo docente, criação de cursos de aperfeiçoamento conduzidos pela própria escola, criação do Regimento Interno, representação no Conselho Universitário, alterações curriculares, incentivo à produção científica, entre outras (OLIVEIRA, 2001).

Ao assumir esse eixo, aponta-se que a constituição de diretora a que a pesquisa se refere é estudada sob a ótica das colaboradoras. Assim, não buscamos questionar a verdade ou não dos depoimentos, mas entender que estes são construídos socialmente pelo entrevistado, conforme suas vivências, seus interesses e significados. Nesse sentido, a passagem do oral

² Termo utilizado para designar o sujeito da pesquisa. No decorrer do estudo, utilizaram-se diferentes termos para designar o sujeito da pesquisa. De acordo com Meihy (2014), o sujeito do estudo em história oral pode ter diversas denominações como sujeito, colaborador, depoente, narrador, o qual não se trata de um mero informante, mas possui papel ativo e relevante na pesquisa. Sua memória constitui a base para a elaboração do trabalho e o resgate da história pesquisada.

para o escrito possibilita dar voz às colaboradoras e tornar visível o que está velado (SANNA, 1999; MEIHY e HOLANDA, 2014).

Ressalta-se que essas colaboradoras desenvolveram importante papel de liderança e tiveram participação social e político no contexto histórico-social vigente. Elas compartilharam a criação de novas escolas de enfermagem na Bahia, entidades de classe, organização de hospitais, além da formação e qualificação de profissionais de enfermagem em toda a Região Nordeste (TAHARA *et al.*, 2010).

Para a seleção das colaboradoras, foi realizada consulta ao *Memorial da Escola de Enfermagem: 1946 a 1996*, à obra *Universidade Federal da Bahia: do século XIX ao século XXI*, a docentes e membros do NUMEE. Identificou-se que, desde sua criação à atualidade, 16 diretoras exerceram a gestão da EEUFBA. No período de 1946 a 1956, cinco docentes ocuparam este cargo: Haydée Guanais Dourado (1946-1949), Jandira Alves Coelho (1949-1951), Anayde Corrêa de Carvalho (1951-1952), Nilza Marques Maurício Garcia (1952-1957 – 1º período, 1957-1962 – 2º período) e Maria José de Oliveira (1954-1955 – diretora em exercício; janeiro-fevereiro de 1989 – diretora pró-tempore). Destas, duas estão vivas - Anayde Corrêa de Carvalho e Maria José de Oliveira.

Nessa perspectiva, considerando como objeto de estudo a história das diretoras da EEUFBA (1946-1956), foram entrevistadas exclusivamente as duas enfermeiras vivas que ocuparam o cargo máximo da Escola de Enfermagem e analisados os depoimentos prestados em 1986, 1993 e 1994 pela primeira diretora da EEUFBA, Haydée Guanais Dourado³ e em 1994 Anayde Corrêa de Carvalho⁴, tendo-se excluído apenas duas diretoras, devido falecimento em data anterior à pesquisa e aos poucos registros encontrados que possibilitem a construção de suas trajetórias de vida.

³ Acervo pertencente ao Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery (CEDOC) - Campanha Nacional Contra a Tuberculose: entrevista de 24 de novembro de 1986, realizada por Ieda Barreira e Castro, no Pavilhão de Aulas da Escola de Enfermagem Anna Nery/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Acervo pertencente ao Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (NUMEE) para reconstituição da trajetória histórica da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia: entrevistas de 8, 25 e 27 de setembro de 1993, 20 de maio de 1994 e 6 de julho 1994, realizadas por Terezinha Teixeira Vieira, na residência de Haydée Guanais, no Rio de Janeiro.

⁴A Acervo pertencente ao NUMEE - reconstituição da trajetória histórica da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia: entrevista de 1º de dezembro de 1994, realizada por Terezinha Teixeira Vieira, na residência de Anayde Corrêa de Carvalho, em Ribeirão Preto.

Os depoimentos de Haydée Guanais Dourado foram prestados nos anos citados para fins da construção da história da Campanha Nacional contra a Tuberculose no Brasil e reconstituição da história da EEUFBA, respectivamente, e estão arquivados no NUMEE e no Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery (CEDOC). O depoimento de Anayde Corrêa de Carvalho encontra-se arquivado no NUMEE e foi utilizado na pesquisa documental para triangulação e construção da história de vida dessa diretora.

Para a delimitação do sujeito, utilizaram-se os conceitos adotados por Meihy e Holanda (2014), considerados apropriados à complexidade e à dimensão do projeto de história oral, delineada na matriz gráfica da figura 1, a saber (1) Comunidade de Destino; (2) Colônia e (3) Rede. A primeira refere-se ao todo, ao coletivo; a segunda corresponde à parcela de pessoas de uma mesma comunidade de destino; e a terceira trata-se de uma subdivisão da colônia, segmentos mais restritos, que possuam particularidades.

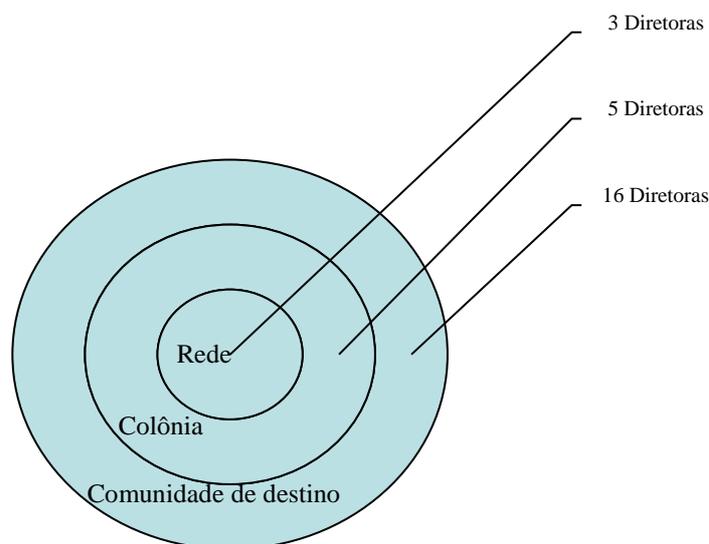


Figura 1 – Matriz gráfica de afunilamento para seleção das colaboradoras, conforme Meihy; Holanda (2014).

3.5 Aspectos Éticos

Compreendendo que os aspectos éticos devam ser vivenciados e respeitados em todas as etapas da pesquisa, o projeto do estudo foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa, como adendo para a vinculação ao projeto de pesquisa intitulado Militância Política de Enfermeiras no Estado da Bahia, aprovado pelo parecer consubstanciado 639.420, visto que se encontra relacionada aos objetivos do projeto. De acordo com protocolo estabelecido pelo

Conselho Nacional de Pesquisa (CONEP), foi esclarecida a responsabilidade do pesquisador, com vistas a não prejudicar o entrevistado com relação ao exposto.

Concordando em participar do estudo, foram solicitadas as assinaturas do pesquisador e das colaboradoras em duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), conforme preconiza a resolução 466/2012.

Solicitou-se à colaboradora sua autorização para realização da entrevista, sendo fornecidas previamente informações do projeto de pesquisa, como justificativa, objetivos, procedimentos utilizados, desconforto, riscos possíveis e os benefícios esperados; garantia de esclarecimentos, antes, durante e depois do curso da pesquisa sobre a metodologia; liberdade do sujeito de recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalidade alguma e sem prejuízo; garantia do sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa (BRASIL, 2012).

No entanto, ao que corresponde ao anonimato dos sujeitos, compreende-se a dificuldade em assegurar que, por conhecerem fatos relacionados à história da escola e de suas diretoras no período estudado, os leitores venham a identificar as autoras dos relatos (SANNA, 1999).

Nesse sentido, Luchesi e Lopes (2011) apontam que a identificação das entrevistas torna-se importante para pesquisas futuras, para a devolução dos resultados e para construção de um banco de história oral, uma vez que não implica prejuízos ou quebra de preceitos éticos junto à colaboradora. As histórias orais de vida a serem preparadas para este estudo específico podem não se esgotar em uma única temática e serem utilizadas por outros estudiosos em objetos de estudo variados (MEIHY e HOLANDA, 2014).

Nesse contexto, a fim de possibilitar o processo de escolha sobre a identificação dos sujeitos, foram especificados os critérios de uso nas entrevistas por meio do Termo de Transferência de Direitos Autorais (Apêndices B, C e D). Tais termos deixam evidentes as possibilidades e os limites para utilização posterior (MEIHY e HOLANDA, 2014). Além disso, a negociação entre a pesquisadora e as colaboradoras foi estabelecida por meio do TCLE; nenhuma das entrevistadas recusou a identificação de seus nomes nas entrevistas.

Os roteiros semiestruturados (Apêndice E) foram aplicados nas residências das colaboradoras, nas cidades de Ribeirão Preto e Salvador, em data e horários pré-acordados. Após a transcrição e a transcrição de cada entrevista, esta retornou às entrevistadas via

correio, para que realizassem o ato de conferência e validação, e o posterior reconhecimento de firma do Termo de Transferência de Direitos Autorais em cartório, fornecendo respaldo legal para trabalhar com o material coletado.

As fontes orais obtidas durante as entrevistas e transcritas foram gravadas em *CD-ROM* e arquivadas no GEPASE, e também devem ser disponibilizadas ao acervo do NUMEE. O material deve ser guardado por um período de 5 anos, estando à disposição das colaboradoras da pesquisa para dirimir eventuais dúvidas ou questionamentos que, porventura, venham a ocorrer.

3.6 Técnica e Instrumentos de Pesquisa

As entrevistas foram realizadas utilizando-se um roteiro semiestruturado como forma de guiar e especificar os aspectos a serem abordados nos depoimentos. No geral, o roteiro constou essencialmente de duas sessões principais. Na primeira, foram priorizados aspectos sociodemográficos das colaboradoras, como nome, sexo, idade, cor/raça, estado civil e profissão. Na segunda, foram respondidas seis questões, que serviram de apoio para a elaboração das narrativas, com base nos objetivos do estudo, partindo de uma pergunta de abertura, com a finalidade de dar liberdade às colaboradoras para narrarem suas trajetórias e proporcionarem uma relação de aproximação e confiança entre entrevistador e entrevistado (SANNA, 1999).

As perguntas foram aprofundadas no decorrer da entrevista e caminharam na direção de um diálogo aberto, informal entre a entrevistadora e a entrevistada, “[...] à medida que ambos se engajam na reconstrução, na reflexão e na interpretação do passado” (ALBERT, 2005, p. 102).

No processo de coleta das entrevistas utilizaram-se os recursos de áudio do iPhone 5c 16 GB, e vídeo da câmera digital Nikon D5 100 e Galaxy Tab S 10.5, para a gravação das histórias, precavendo-se de eventuais circunstâncias que poderiam ocorrer neste processo.

3.7 A Coleta dos Dados

Para reconstruir a trajetória de vida das diretoras, foram utilizadas a entrevista semiestruturada e a análise documental. A primeira fundamentou-se na orientação de que seu uso possibilita ao pesquisador obter “respostas mais profundas para que os resultados da

pesquisa sejam realmente atingidos de forma fidedigna” (ROSA e ARNOLDI, 2008). A segunda escolha estava vinculada à necessidade de caracterização e de aprofundamento da trajetória de vida das diretoras que já faleceram.

Esse encontro de fontes, para alcançarmos os objetivos do estudo, é destacado por Le Goff (2001), ao afirmar que, na pesquisa histórica, os documentos e os testemunhos só falam quando sabemos interrogá-los. Dessa forma, esclarece que seria ilusão pensar que cada problema histórico corresponde a um tipo de documento específico. Para Le Goff, para a construção da história, é necessário recorrer a uma multiplicidade de documentos e técnicas – a triangulação dos dados.

No que concerne à entrevista semiestruturada, foi realizado, previamente, o agendamento por telefone e/ou *e-mail*, intermediado por docentes da EEUFBA e EEUSP, de um encontro com as colaboradoras, a ser realizado em local escolhido pela entrevistada. Tais condições visaram criar um ambiente confortável para a narradora, facilitar a rememoração do passado e propiciar a aproximação da entrevistadora-colaboradora. De acordo com David (2013), torna-se essencial que, no mínimo, seja criado um ambiente confortável para a narradora, desprovido de ruídos e interlocutores, de modo que a mesma se sinta mais apta à comunicação e à vontade “para falar ou deixar de falar”.

Durante o primeiro contato, após o consentimento das colaboradoras, o projeto de pesquisa foi apresentado, explicitando o objeto, os objetivos, a metodologia de coleta e transcrição das entrevistas e a forma de captação dos dados – entrevista gravada e filmada. Em seguida, realizou-se a coleta propriamente dita. A previsão do tempo de gravação e filmagem dedicado aos encontros transcorreu de acordo com a disponibilidade das narradoras e da pesquisadora, conforme proposto por Meihy e Holanda (2014).

A gravação das entrevistas ocorreu no período de 7 de janeiro a 24 de abril de 2015, correspondendo à primeira materialização do processo inicial da história oral das diretoras. Além de produzir um documento (fonte oral), possibilita estabelecer futuramente formas de arquivamento e acesso público (MEIHY e HOLANDA, 2014; LUCHESI e LOPES, 2011). Desse modo, a entrevista permite não apenas o preenchimento de lacunas do que existe documentado, mas a versão presente que as dirigentes possuem sobre o passado, propondo análise de narrativas e verificação de aspectos não revelados.

Para reconstruir a história, a entrevista foi iniciada por meio de uma pergunta de abertura e, à pesquisadora, coube seguir os métodos e as especificidades do domínio da

história, estando atenta aos momentos corretos para iniciar novas questões, extraindo as respostas necessárias à compreensão dos fatos e os significados apontados pelas narradoras (SANNA, 1999, DAVID, 2013; MEIHY e HOLANDA, 2014).

As demais perguntas foram apresentadas em seguida, à medida que a questão anterior fosse esgotada, em encontros seguintes que se fizessem importantes, ou quando a revisão da narrativa indicasse necessidade de esclarecimentos adicionais.

Após a superação da etapa das entrevistas, as gravações foram transcritas e transcriadas e, então, remetidas às entrevistadas para que elas pudessem validá-las e julgar a necessidade de complementaridade ou alteração do texto transcrito. Segundo Meihy e Holanda (2014), esse processo de devolução na pesquisa histórica perpassa pela compreensão de que o entrevistado não é apenas um depoente, mas um colaborador ativo de sua história.

Com a transcrição, o texto adquiriu uma nova forma. Os erros gramaticais, as repetições e vícios de oralidade foram corrigidos, tornando a narrativa mais coerente. Nessa etapa, definiu-se o tom vital das histórias, representado por trechos considerados mais fortes e que retomassem a trajetória de vida das diretoras.

Finalizada a narrativa por decisão das entrevistadas e/ou da entrevistadora, o encerramento da coleta dos dados foi efetuado mediante a assinatura do Termo de Transferência de Direitos Autorais (Apêndice D). Trata-se de um documento essencial para garantir a legalidade e a ‘oficialização’ da entrevista, o qual possibilita o uso integral ou em partes pela pesquisadora e por terceiros (LUCHESE; LOPES, 2011). Após finalizado o estudo, as entrevistas devem ser doadas ao NUMEE, a fim de compor seu acervo, assim como ser utilizada em pesquisas posteriores. O texto transcrito foi rubricado após conferência pelas colaboradoras.

Durante o processo de coleta dos dados, foram utilizados outros dois registros: a ficha de entrevista e o caderno de campo. O primeiro trata-se de instrumento técnico, utilizado para o controle das diversas etapas vivenciadas durante as entrevistas, em que foram registrados alguns dados referentes ao projeto e às colaboradoras, conforme adotado por Meihy e Holanda (2014) e Alberti (2005), como nome, endereço, telefone, dados dos contatos, andamento das etapas e preparação do documento final, acompanhamento, entre outros.

O caderno de campo, funcionou como um diário e possibilitou à autora o registro de todas as observações feitas, desde o primeiro contato até o momento da entrevista, assim como as relações estabelecidas entre a colaboradora e a entrevistada.

A elaboração do caderno de campo tornou-se crucial para o desenvolvimento do roteiro parcial e a elaboração de novas perguntas nos encontros subsequentes, a fim de costurar a teia cronológica das narrativas. A construção do caderno de campo, segundo Alberti (2005, p. 126),

[...] auxiliará na posterior reflexão sobre o documento no conjunto da pesquisa, constituindo instrumento de crítica e de avaliação de seu alcance e de suas limitações, dada a própria especificidade da entrevista de história oral, sempre vinculada às condições e situações de sua produção.

No que diz respeito à análise documental, foram utilizadas fontes primárias, por meio de entrevistas arquivadas e documentos escritos referentes às diretoras e à EEUFBA, no período de 1946 a 1956, coletadas no NUMEE, na Biblioteca Universitária de Saúde Professor Álvaro Rubin de Pinho da UFBA e no CEDOC.

Após esta busca, realizaram-se a leitura e a coleta dos dados contidos nos documentos, "construção e utilização de instrumentos como fichas de registro de dados ou matrizes para exame de documentação textual" (JUNIOR, 2011, p. 356), não sendo possível a obtenção de cópias para análise fora dos arquivos.

O *corpus* documental foi composto por depoimentos arquivados; arquivos de atas de reunião; relatórios; *Diários Oficiais da União*; jornais; leis; memoriais documentados e publicados disponíveis nos locais de busca, assim como documentos escritos e iconográficos pertencentes ao arquivo pessoal das diretoras e por elas disponibilizados.

3.8 Procedimentos de Análise

A fim de sistematizar e analisar os dados obtidos nas entrevistas com as diretoras, procedeu-se à interpretação dos achados, observando os critérios de similaridade, pertinência e equivalência entre os termos encontrados, em busca dos eixos norteadores a serem encontrados nas narrativas.

Para o desenvolvimento desse desenho metodológico qualitativo projetou-se à triangulação de dados, por meio da análise das narrativas das colaboradoras – história oral de vida e da análise documental, que, segundo Marc Bloch, podem ser voluntários e involuntários. Os testemunhos voluntários referem-se aos registros que possuem o intuito de preservar a memória e os acontecimentos, gerando informações aos leitores. Os testemunhos involuntários são documentos não destinados explicitamente a retratarem um fato histórico para que dele se tenha conhecimento no futuro.

A partir do material apreendido nas entrevistas e na pesquisa documental, os dados foram trabalhados segundo a técnica de Análise de Conteúdo Temática, a qual, segundo Franco (2012, p. 21), possui como ponto de partida "a mensagem seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada". Dessa forma, o objeto do estudo esteve centrado no relato, e não no sujeito ou na realidade por ele vivenciada.

Progianti e Sanna (2002) acrescentam que, nas narrativas, delineiam-se as relações coletivas com os membros de seu grupo, sua profissão e camada social, que devem ser desvendadas pelo pesquisador. Por isso, compreende-se que a narrativa de cada indivíduo é única e retrata uma experiência vivida apenas por ele. Entretanto, ao lado dessa memória individual, existe também uma coletiva, que se encontra nos discursos dos sujeitos.

Seguindo esse raciocínio, a Análise de Conteúdo compreende um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens (FRANCO, 2012).

Segundo Franco (2012), as unidades de análise dividem-se em Unidade de Registro e Unidade de Contexto. A primeira corresponde a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias a serem levantadas. A segunda pode ser considerada como o que está “velado”, que imprime significado às unidades de análise.

Nesse sentido, as narrativas foram categorizadas por Unidades de Contexto temáticas para realização de suas devidas análises. O importante é ressaltar que qualquer que seja a forma de explicitação

fique claro o contexto a partir do qual as informações foram elaboradas, concretamente vivenciadas e transformadas em mensagens personalizadas, socialmente construídas e expressas via linguagem (oral, verbal ou simbólica) que permitam identificar o contexto específico de vivência, no bojo do qual foram construídas, inicialmente, e, com certeza, passíveis de transformações e reconstruções. (FRANCO, 2012. p. 52)

Para operacionalizar essa análise, percorremos as três fases descritas por Franco (2012) como “polos cronológicos”, que compõem a técnica de Análise de Conteúdo:

1. Primeira Fase: é a pré-análise e consiste na leitura flutuante e composição do *corpus*, escolha de documentos, formulação de hipóteses; referenciação dos índices e elaboração de indicadores.

2. Segunda Fase: definição das categorias de análise.
3. Terceira Fase: tratamento e interpretação dos resultados.

Na organização dos dados, definiram-se, *a priori*, três eixos temáticos direcionadores da análise, de acordo com os objetivos do estudo: contornos da vida das diretoras da EEUFBA; trajetória profissional das diretoras da EEUFBA; e inserção na história EEUFBA: avanços e dificuldades vivenciados enquanto diretora da EEUFBA.

Posteriormente, foi realizada nova leitura das entrevistas, buscando coletar trechos das falas que se enquadrassem nos três eixos propostos, em momentos distintos da análise, a fim de possibilitar um olhar único para cada visita às entrevistas. A utilização do tema como unidade de análise possibilitou incorporar o “aspecto pessoal atribuído pelo respondente acerca do significado de uma palavra e/ou sobre as conotações atribuídas de um conceito”^{5:45}.

Dos três eixos temáticos, emergiram Unidades de Contexto e Unidades de Registro. As Unidades de Contexto imprimem significado às unidades de análise, considerada “pano de fundo” para compreensão das Unidades de Registro – menor parte do conteúdo e que expressam o real significado do contexto. Estas foram aglutinadas e seus significados, aproximados, a fim de determinar as categorias trabalhadas na discussão dos artigos, que, segundo Franco (2012), são constituídas de uma ordem de elementos que compõem um conjunto e se agrupam baseados em analogias, de acordo com critérios pré-definidos.

Além disso, traçou-se um quadro comparativo das diretoras da EEUFBA, listando, em seus respectivos eixos temáticos, as convergências existentes entre os sujeitos da pesquisa e possibilitando a construção dos traços biográficos, em ordem cronológica de acontecimentos da história de vida das diretoras, alinhados com os respectivos eixos temáticos. Dessa forma, estabeleceu-se uma mesma matriz para a construção e a análise dos resultados, disposta em forma de quadro, a qual pode ser observada no apêndice F.

4 RESULTADOS

Os resultados deste estudo foram apresentados na forma de três artigos que respondem aos seus objetivos geral e específicos, e que atenderam as normas dos periódicos escolhidos.

O primeiro manuscrito foi intitulado “100 anos de Haydée Guanais Dourado: contributos para a enfermagem brasileira”. Esse artigo foi aceito para publicação na RBE, Qualis/CAPES B2 para a área de enfermagem, para compor o volume 30, número 2.

O segundo manuscrito foi denominado “Centenário de Anayde Corrêa de Carvalho: trajetória pessoal e profissional” e será submetido para publicação na *Revista da Escola de Enfermagem da USP* (REEUSP), Classificação Qualis/CAPES A2.

O terceiro artigo, intitulado “Maria José de Oliveira: trajetória de vida e contribuições para a construção da identidade profissional da enfermeira na Bahia” e foi submetido à *Revista da Escola de Enfermagem Anna Nery*, Qualis/CAPES B1.

4.1 Artigo 1 - 100 ANOS DE HAYDÉE GUANAIS DOURADO: CONTRIBUTOS PARA A ENFERMAGEM BRASILEIRA

100 YEARS OF HAYDÉE GUANAIS DOURADO: CONTRIBUTIONS TO THE BRAZILIAN NURSING

100 AÑOS DE HAYDÉE GUANAIS DOURADO: CONTRIBUICIONES A LA ENFERMEIRA BRASILEÑA

Objetivo: descrever a trajetória de vida de Haydée Guanais Dourado, para reafirmar o seu lugar na história da enfermagem baiana e sua contribuição à memória da enfermagem brasileira. **Método:** trata-se de estudo descritivo, de cunho histórico-social baseado em depoimentos orais e documentos textuais pertencentes ao Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, livros e artigos que retratassem a história de vida de Haydée Guanais Dourado. **Resultados:** o resgate da história de Haydée permitiu a identificação de contornos da sua vida e trajetória profissional e contribuições à enfermagem brasileira. **Destacam-se:** luta na implantação da primeira Escola de Enfermagem do Norte-Nordeste do país, mobilização para levantamento das necessidades de enfermagem no Brasil e elaboração da legislação profissional. **Conclusão:** as lutas e ações encampadas por Haydée confirmam sua atuação para a valorização e construção da identidade profissional na enfermagem brasileira.

Descritores: História; Biografia; Enfermagem.

Objective: describe the life trajectory of Haydée Guanais Gold to reaffirm their place in the Bahian nursing history and its contribution to the memory of Brazilian nursing. **Method:** this is a descriptive study of historical and social nature which used as sources oral and textual documents belonging to the Memory Center of the School of Nursing, Federal University of Bahia, books and articles which reflect the life story Guanais of Haydée Dourado. **Results:** the rescue of the history of Haydée identified contours of his life and professional career and contributions to Brazilian nursing. **Highlight:** his fight in the implementation of the first Nursing north-northeast, the mobilization for survey of nursing needs in the country and the development of professional law. **Conclusion:** this indicates the importance of their work to the development and construction of professional identity in Brazilian nursing.

Descriptors: History; Biography; Nursing.

Objetivo: describir la trayectoria de vida de Haydée Guanais Oro para reafirmar su lugar en la historia de la enfermería de Bahía y su contribución a la memoria de la enfermería brasileña. **Método:** se realizó un estudio descriptivo de carácter histórico y social que utiliza como fuentes orales y documentos de texto perteneciente al Centro de Memoria de la Escuela de Enfermería de la Universidad Federal de Bahía, libros y objetos que reflejan la historia de

vida Guanais de Haydée Dourado. Resultados: el rescate de la historia de Haydée identificaron contornos de su vida y su carrera profesional y las contribuciones a la enfermería brasileña. Lo mejor: su lucha en la ejecución de la primera enfermería norte-noreste, la movilización para el estudio de las necesidades de enfermería en el país y el desarrollo del derecho profesional. Conclusiones: esto indica la importancia de su trabajo para el desarrollo y construcción de la identidad profesional de la enfermería brasileña.

Descriptores: Historia; Biografía; Enfermería.

Introdução

Paralelo à comemoração dos 70 anos da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA), destaca-se o centenário de Haydée Guanais Dourado, umas das pioneiras da enfermagem brasileira e personagem estruturante para a implantação e valorização da profissão da enfermeira na Bahia. Primeira diretora da EEUFBA, destacou-se pelo desempenho de suas atividades em prol da enfermagem durante os 42 anos de atuação profissional – de 1935 (ano de sua formação) a 1977 (quando se aposentou pela Escola de Enfermagem Anna Nery).

Nesse sentido, torna-se oportuno retratar a história de uma das mulheres que trouxe contribuições significativas para o fortalecimento do campo da enfermagem brasileira⁽¹⁾. Sua participação nos encontros pelo desenvolvimento da enfermagem contribuiu para consolidá-la enquanto campo profissional, sobretudo no que concerne à regulamentação do seu exercício⁽²⁾.

A relevância atribuída à memória de Haydée Guanais consiste na interpretação das suas vivências, no interesse e nos sentidos de ser enfermeira, visto que não devemos tratar os depoimentos apenas como fontes de dados, mas tornar possível partilhar com os sujeitos o julgamento que fazem sobre o passado, para, então, analisar reflexivamente sua história⁽³⁾.

Portanto, o aprofundamento da história de vida dessa enfermeira justifica-se para a construção da identidade profissional neste campo profissional, possibilitando a outras gerações ampliar o conhecimento acerca da história da enfermagem e do legado deixado pela primeira diretora da EEUFBA, seu modo de sentir, pensar e agir⁽⁴⁾. O estudo da história da enfermagem constitui um campo de conhecimento indispensável para amparar a sua própria prática profissional e propiciar caminhos que possam destacar ainda mais a profissão, tornando-a cada vez mais respeitada em todos os campos da vida social^(4,5).

Haydée nasceu num período em que o trabalho feminino era limitado e iniciou sua atuação profissional quando o trabalho da enfermeira era visto como “[...] estereótipo negativo, correspondendo a padrões morais inferiores para as pessoas do sexo feminino que exercia a enfermagem”^(6:23). Mesmo nesse contexto, buscou, durante toda a sua trajetória profissional, o apoio de segmentos sociais e políticos influentes na divulgação da nova profissão. Deste modo, destacava-se, dado que as pioneiras do novo e moderno modelo de enfermagem apoiavam-se em postura rígida, religiosa, pautada na preservação da imagem da enfermeira e na valorização de seu papel na sociedade⁽¹⁾.

Desde que se diplomou, em 1935, Haydée ressaltou-se por sua atuação enquanto Enfermeira de Saúde Pública Federal pela Divisão de Organização Sanitária do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) do Rio de Janeiro. Nesse período, o Brasil passava por diversas transformações políticas, sociais e econômicas. A primeira e segunda guerras mundiais, a revogação da Constituição com o estabelecimento de um regime de exceção – o Estado Novo –, e a redemocratização de suas instituições políticas marcaram de forma profunda o campo da saúde pública no país⁽⁷⁾. As políticas de saúde e o campo da Saúde Pública foram instrumentos de intervenção na vida social, com utilização destacada das Visitadoras e Educadoras Sanitárias e posteriormente com as enfermeiras.

Em razão desse contexto, o governo concentrava seus esforços na formação de profissionais que garantissem o controle sanitário dos centros urbanos, condição necessária para a continuidade do desenvolvimento industrial que se encontrava ameaçado pela miséria e pelas epidemias⁽⁸⁾. A saúde pública passou a ser uma preocupação do Estado e a organização do serviço de enfermagem, a cargo das enfermeiras norte-americanas, instituiu-se “[...] em sua prática acadêmico-profissional com iniciativas educacionais voltadas ao conhecimento em seu campo específico e para o contexto histórico-social em transformação”^(9:90).

A atuação das enfermeiras de saúde pública estava direcionada, na década de 1930, para a educação sanitária e a preocupação com o indivíduo, requerendo ações de higiene e cuidado que fossem realizadas por profissionais qualificados⁽¹⁰⁾. Formada nesse modelo, Haydée desenvolveu essa atividade na região Nordeste, para onde foi encaminhada com o propósito de organizar serviços de saúde. Consciente do seu papel transformador, alcançou uma carreira profissional sólida, contribuindo para “[...] alcance de uma nova condição feminina”^(11:644).

Assim, a imagem da mulher, na primeira metade do século XX, ganha espaço na sociedade com o desenvolvimento de profissões que contribuem para sua emancipação, sem significar um confronto de gênero. No que diz respeito à enfermagem, a qualificação das

enfermeiras recém-formadas no interior dos hospitais e a necessidade dessas profissionais de atender às demandas nesses serviços e em outros favoreceram o desenvolvimento da profissão⁽¹²⁾.

Destaca-se, na atuação de Haydée, sua participação na implantação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, como sua primeira diretora, na Associação Brasileira de Enfermagem e na Revista Brasileira de Enfermagem. O seu posicionamento frente às suas colegas de profissão e sua liderança em diferentes campos (da educação, política profissional e produção e divulgação do conhecimento) delinearão o seu reconhecimento no âmbito social. Possuía uma visão futurista da enfermagem, entendendo que deveríamos focar no cuidado da população e na educação para chegarmos à condição de país civilizado.

Diante do exposto, e considerando a relevância dessa enfermeira para os avanços da enfermagem no Brasil do ponto de vista social, cultural, ideológico e político, o objetivo deste artigo é descrever a trajetória de vida de Haydée Guanais Dourado, para reafirmar o seu lugar na história da enfermagem baiana e sua contribuição à memória da enfermagem brasileira.

Método

Trata-se de um estudo exploratório descritivo, de cunho histórico-social, com abordagem qualitativa, que utilizou como fontes de dados os depoimentos obtidos por meio da história oral de Haydée Guanais Dourado e documentos pertencentes ao acervo historiográfico do Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (NUMEE) e do Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery (CEDOC). Os depoimentos foram obtidos por meio de entrevistas realizadas com Haydée em 1986, 1993 e 1994, respectivamente, na Escola de Enfermagem Anna Nery e em sua residência no Rio de Janeiro.

O estudo original foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, parecer n. 663.359, do qual faz parte o projeto de pesquisa intitulado “Militância Política de Enfermeiras no Estado da Bahia”.

Os documentos utilizados foram coletados no NUMEE e no CEDOC no período de março a julho de 2015. O processo de coleta nos acervos pesquisados possibilitou uma aproximação com a história de vida de Haydée e a construção de um *corpus* documental composto por imagens fotográficas, depoimentos orais proferidos por essa enfermeira, cartas

à Fundação Rockefeller e ao Serviço Especial de Saúde Pública, Atas e Relatórios, sendo excluídos aqueles que não respondiam aos objetivos do estudo.

Os depoimentos e documentos utilizados foram lidos integralmente e analisados segundo a técnica de análise de conteúdo temática, a qual possui como ponto de partida o seguinte pressuposto: “[...] a mensagem seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada [...]”^(13:21). Dessa forma, o objeto do estudo esteve centrado no relato escrito e não no sujeito ou na realidade por ele vivenciada.

O conteúdo dos depoimentos possibilitou pré-estabelecer uma matriz de análise com dois eixos temáticos direcionadores do artigo: Contornos da vida e Trajetória profissional e Contribuições à Enfermagem brasileira. Posteriormente, foi realizada nova leitura, buscando coletar trechos dos depoimentos escritos que se enquadrassem nos eixos propostos, realizada em momentos diferentes, para que se pudesse obter um olhar único para cada eixo delimitado em cada releitura das entrevistas. Com base na matriz de análise foi possível construir uma microbiografia de Haydée, ordenando os acontecimentos cronologicamente.

Da análise do conteúdo de cada eixo emergiu a caracterização de unidades de contexto e de registro. A primeira corresponde à parte mais ampla do conteúdo analisado, para que se possa compreender a codificação dada à sua menor parte – a unidade de registro⁽¹³⁾. Estabelecidas as unidades de registro, estas foram agrupadas de acordo com a proximidade dos seus significados e elencadas as categorias.

Para o desenvolvimento do desenho metodológico, projetou-se então à triangulação dos dados, pois “[...] quanto mais a pesquisa, ao contrário, se esforça para atingir os fatos profundos, menos lhe é permitido esperar a luz a não ser dos raios convergentes de testemunhos muito diversos em sua natureza”^(14:80).

Os dados foram interpretados com base no método da história oral de vida, possibilitando a aproximação com as vivências de Haydée Guanais, seus valores transmitidos e conceitos apropriados por meio de suas relações sociais construídas ao longo de sua trajetória.

Resultados e Discussão

O primeiro eixo temático permitiu vislumbrar os contornos da vida de Haydée, abordando seus atributos pessoais, antecedentes familiares, culturais e o contexto histórico do período estudado, a fim de promover maior compreensão do perfil desta enfermeira que completaria 100 anos de existência em 23 de março de 2015. Nesse contexto, retratar a

trajetória de vida é um elemento que facilita o reconhecimento de uma pessoa no âmbito social, designando o seu posicionamento em uma sociedade, podendo ser construída de forma individual ou coletiva. Caracteriza-se como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa, o curso adquirido e sua estrutura pela localização dos acontecimentos e estágios do tempo biográfico⁽¹⁵⁾.

O segundo eixo temático retrata a trajetória profissional de Haydée e demonstra a experiência vivida por ela enquanto militante da política-profissional no campo da enfermagem. As articulações reveladas na trajetória pessoal e profissional de Haydée Guanais Dourado em sua maneira de agir, costumes, crenças e valores transmitidos e construídos por meio de suas relações sociais ao longo dos anos fizeram-na uma mulher diferente da sua época, munida de atitudes rígidas e convencida da importância do seu papel enquanto profissional ética e politicamente comprometida com a profissão.

Os Contornos da Vida

Haydée Guanais Dourado nasceu em 23 de março de 1915, em Morro do Chapéu, no sertão baiano, então pertencente ao município de Irecê. Era filha de professores rurais com raízes republicanas herdadas do tio-avô que foi exilado para a África por não concordar que *houvesse império sem educação* (Dep., 1993). Haydée e seus irmãos tiveram uma formação inicial primária pautada no estudo do livro e no discurso, presentes na prática religiosa protestante.

Estudou no Instituto Ponte Nova, no município baiano de Wagner, a 350 km de Salvador, fundado em 1906 pelo pastor e engenheiro Dr. William Alfred Waddel. Os missionários presbiterianos norte-americanos instalaram-se na fazenda Ponte Nova para cumprir o projeto civilizador da Missão Central do Brasil, que significava para eles “[...] oferecer àquela população a salvação do espírito, através dos seus preceitos religiosos, e do corpo, pelas suas instituições nas áreas educacional e médica”^(16:3).

Posteriormente à organização do Instituto, a Missão Central do Brasil instalou um complexo que incluía uma fazenda, uma escola para o então ensino secundário e normal, um hospital e um curso de enfermagem, necessários ao cumprimento de um currículo reduzido capaz de alfabetizar os adeptos ao protestantismo e as crianças, para garantir a penetração e ampliação dessa religião no país. Na época, as escolas e os colégios presbiterianos funcionavam como o que hoje se denomina de franquias e adotavam os mesmos métodos

pedagógicos. A arquitetura das instituições seguia o modelo preestabelecido pela Junta de Nova York, procurando refletir a concepção norte-americana de educação⁽¹⁷⁾.

A visão educacional democrática adotada pelo Instituto à época, onde o ensino primário era oferecido não só para os filhos dos convertidos, mas a toda a comunidade sem distinção de sexo, deixou marcas tanto na religiosidade quanto na busca pela educação no padrão norte-americano, valorizados por Haydée. Esta, além de uma visão ecumênica demonstrada ao instalar-se no Instituto Feminino da Bahia, de orientação católica, enquanto diretora da EEUFBA lutou para obter bolsa de estudos e realizar pós-graduação no exterior, prática pouco comum para uma mulher da sua geração.

As raízes culturais e o gosto pela literatura brasileira foram estimulados por sua mãe, Anna Guanais de Lima Dourado, a qual estudou no renomado Ginásio Baiano de Abílio Cesar Borges, onde também estudaram Castro Alves e Rui Barbosa⁽²⁾. Conforme afirma Haydée em seu depoimento em 1993:

[...] ainda era aquela moça interessada em escritores brasileiros. Eu vinha de um curso muito bom de professora primária, mas com um lastro muito bom do que é a nossa literatura. Quando eu vi o nome Carlos Drummond de Andrade, eu li as poesias dele num livro que eu comprei, que na homenagem do poeta Manuel Bandeira, eu disse: “Isso é uma coisa de primeiríssima origem”. Eu fui visitar, e a pessoa me anunciou e me disse: “Ponha aí o número do ofício”. Eu digo, “não é ofício, eu vim conhecer o poeta”. Carlos Drummond de Andrade conversou comigo na altura, quer dizer, ele gostou de uma moça nova (eu tinha 20 e poucos anos). (Dep., 1993).

Em 1932, aos dezessete anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, para estudar na Escola de Enfermagem Anna Nery, onde também estudaram suas duas irmãs – Anita Guanais Dourado e Radcliff Guanais Dourado. Haydée e Radcliff tornaram-se, posteriormente, docentes da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, num cenário de pós-primeira guerra mundial.

A dívida externa brasileira e do estado da Bahia reduziu a expansão da economia, iniciando uma fase de recessão e declínio da indústria, resultando em desemprego e reduções salariais. O cacau e o fumo, considerados como geradores de riquezas para os cofres do estado baiano, tiveram sua exportação reduzida. Este fato, associado à impossibilidade de importações, contribuiu sensivelmente para o encarecimento dos alimentos no mercado interno e conduziu aos primeiros movimentos paredistas em Salvador, o que prejudicou os créditos externos e o desenvolvimento do estado⁽¹⁸⁾.

Diante da dívida adquirida e sem capacidade de investimentos, sem capital humano para investir na indústria, a Bahia perdeu a influência política que detinha junto ao poder

central no império para a classe emergente de cafeicultores que se formava no Sudeste do país. Esse declínio iniciara no século XIX, com a transferência do governo federal para o Rio de Janeiro, quando o polo de desenvolvimento do Brasil passou do Norte/Nordeste para a Região Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), marcado pela descoberta do ouro e o advento do café, “[...] marginalizando para sempre as províncias do Nordeste”^(18:79).

Entretanto, a crescente urbanização e a acelerada evolução da indústria ampliaram a participação da mulher para além das fronteiras domésticas, do matrimônio e da maternidade. O rádio foi um importante veículo de informação para a mulher sobre as transformações da vida moderna e as indústrias aumentaram as ofertas de emprego, possibilitando à mulher de classe média o trabalho fora de casa. A imprensa feminina também se fortalecia e realçava a importância e o sentido da educação^(11,19). O ensino da enfermagem seria então considerado como “[...] uma das vias de inserção da mulher na vida pública”^(11:644).

Durante o período de estudo na Escola Anna Nery, Haydée presenciou essas mudanças no contexto histórico do Brasil e da Bahia, o que foi importante na sua formação. Nessa Escola iniciaria não apenas a conformação de sua identidade profissional e a paixão pela enfermagem. As graduações posteriores em Ciências Políticas e Sociais e em Jornalismo indicaram seu interesse, raro entre as mulheres, pela política. Esta atração guiaria seus atos e deliberações sobre a profissão enquanto Presidente da Comissão de Legislação da Associação Brasileira de Enfermagem e também como Redatora-Chefe da Revista Brasileira de Enfermagem. Chegou a cursar ainda dois anos de medicina após terminar o curso de enfermagem, apenas por curiosidade em se aprofundar em conteúdos técnico-científicos antes de ir trabalhar na região Nordeste.

Eu tinha feito dois anos de Medicina nos anos em que eu não sabia o que fazer e trabalhava no Rio de Janeiro, antes do Nordeste. Eu aproveitei o meu tempo, minha mãe dizia: “o saber não ocupa o lugar”, eu disse: Eu vou precisar, porque o curso que eu tive na Anna Nery, eu não sei funções hepáticas, eu não sei como o rim, o açúcar renal, não sei a respiração. [...] e fiz dois anos de medicina e passei, não continuei. Foi o tempo em que eu tinha o Nordeste à minha frente (Dep., 1993).

Para Haydée, a interpretação da conduta humana deveria tomar em consideração o contexto cultural. Quando estudante de enfermagem foi frequentadora de chás e concertos com *tickets* oferecidos por Rachel Haddock Lobo, então diretora da Escola Anna Nery, e admiradora de outros educadores brasileiros como Anísio Teixeira. Haydée entendia a importância desse meio cultural para a construção da sua formação pessoal e profissional. Para ela,

[...] frequentar o clube inglês ajudou os homens da terra [Bahia] que eram intelectuais, a nos verem como mulheres também, junto a eles, interessados por vários temas. Foi muito bom, isso foi muito bom. (Dep., 1993).

Com essa base de formação política, cultural e profissional, seu engajamento na profissão da enfermeira foi determinante para o futuro do campo da Enfermagem brasileira.

Trajetória Profissional e Contribuições à Enfermagem Brasileira

Em 1937, a Bahia vivia nova crise política, ao sofrer o golpe de estado no governo Getúlio Vargas. O então presidente, interessado em manter-se no cargo, cria o Estado Novo e o governador da Bahia, Juracy Magalhães, não o apoia, sendo destituído do governo, fragilizando a política local. Nesse período, o médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMED), Edgard Rego dos Santos, assume o cargo de Diretor da Faculdade de Medicina e Diretor da Assistência Pública de Saúde do Estado com a proposta de dirigir o serviço estadual de pronto-socorro da capital e construir um novo hospital de pronto-socorro que atendesse à demanda dos atendimentos de emergência na capital⁽²⁰⁾.

Entretanto, Edgard Santos é destituído do cargo antes da inauguração do hospital, devido a sua aproximação com Juracy Magalhães. Nessa ocasião, ele passa a dedicar-se à Faculdade de Medicina. Quanto ao hospital de pronto-socorro, apesar da carência de serviços dessa natureza, ficou fechado por cinco anos, sendo considerado, em sua inauguração, o hospital de referência mais moderno e completo do país⁽²⁰⁾.

As dissidências políticas no Estado Novo não afastaram o Professor Edgard da direção da Faculdade de Medicina. Sua competência profissional e habilidade política o aproximaram do presidente até o fim da Era Vargas. Posteriormente, o governo de Otávio Mangabeira (1946-1950), eleito democraticamente, teve amplo apoio das classes empresariais e da população, em um período pós-segunda guerra mundial de relativa tranquilidade no país sob a presidência de Eurico Gaspar Dutra⁽¹⁸⁾.

Por outro lado, o quadro econômico, social e político da Bahia encontrava-se depauperado. A miséria no interior refletia a falência e a falta de condições para o desenvolvimento e também a crise urbana de Salvador, gerada pela migração de milhares de famílias tangidas para a capital em decorrência das secas e da fome que alastravam no interior baiano e nordestino. Nas primeiras décadas do século XX, os problemas sanitários e de saúde

acometiam os soteropolitanos, tendo em vista as desigualdades sociais vividas pelos segmentos desfavorecidos da população⁽²¹⁾.

Nesta época, o governador da Bahia ficara impressionado com o que viu ao assumir o governo: a estagnação da economia estadual consequente do ritmo fraco de capitalização e a decadência da Bahia na República, associada à falta de interesse dos ricos comerciantes nos empreendimentos industriais, enquanto crescia nos estados do Sul e do Sudeste⁽¹⁸⁾. As condições de moradia, abastecimento de água, situação sanitária da população, com prevalência de doenças infectocontagiosas, era um problema com graves proporções⁽²¹⁾.

O diretor da FAMED tinha a convicção da necessidade de melhorias da qualidade dos serviços médicos e de saúde no estado, tendo em vista a precariedade das ações de saúde pública e hospitalares prestadas pelos hospitais à época. Nesse sentido, concentrara seus esforços, desde 1938, na criação de um complexo hospitalar que serviria de campo de ensino e prática para os estudantes de medicina e prestação de serviços de qualidade para a população baiana⁽²⁰⁾. Reconhecia também a necessidade de profissionais de enfermagem de nível superior, conseguindo integrar ao projeto a construção da Escola de Enfermagem. O prédio da Escola começou a ser construído em 1940, sendo concluído em 1950. “Consciente também da necessidade de profissionais de enfermagem de nível superior, consegue que, integrando o complexo de saúde do Canela, também seja criada e construída a Escola de Enfermagem.”^(20:26).

O serviço de enfermagem nos hospitais da capital – Hospital de Pronto-Socorro (1932), atual Colégio Estadual Manoel Novaes, Hospital Santa Izabel da Santa Casa de Misericórdia (1893), Hospital Santa Terezinha, Hospital Militar, Hospital da Marinha, Hospital dos Lázarus, Hospital Espanhol – era desempenhado por homens e mulheres^(22,21), prestado em sua maioria por freiras, as quais não eram capacitadas para o serviço.

Foi então que, no ano de 1944, Edgard Santos, ainda como Diretor da Faculdade de Medicina, recebeu a enfermeira que se tornaria a primeira diretora da Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia, Haydée Guanais Dourado, juntamente com a enfermeira norte-americana Gertrude Hodgman, Superintendente de Enfermagem do Serviço Especial de Saúde Pública/Instituto de Assuntos Interamericanos (SESP/IAIA). Ambas visitaram a Faculdade de Medicina com a função de recrutar, em sete estados brasileiros, candidatas a bolsa de estudos para o curso da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, que possuíssem capacidade de liderança e docência futura. O diretor aproveitou o momento para apresentar a sua proposta de criação da Escola de Enfermagem.

O professor Edgard Rego dos Santos era o Diretor da Faculdade de Medicina [...] eu me lembro muito bem que ele mostrou o arcabouço ainda sem revestimento de parede e sem pisos do prédio da Escola de Enfermagem. Ela já estava erguida desde 1938 [...] as primeiras fundações e tudo [...] o Professor Edgard Santos me fez uma pergunta nessa viagem – se eu poderia mais tarde, quando ele estivesse pronto para convidar, ser diretora daquela Escola da Bahia [...] (Dep., 1993).

A necessidade da criação de uma Escola de Enfermagem na Bahia já havia sido descrita em 1942, pela enfermeira Elizabeth Tennant, do Conselho Internacional da Fundação Rockefeller, em seu relatório sobre a avaliação da situação de enfermagem no país. “O Relatório Tennant sugeriu que o Ministério da Educação e Saúde supervisionasse as escolas de enfermagem a serem criadas por todo país e que o SESP fosse responsável pela organização das quatro primeiras escolas: no Rio de Janeiro, *Salvador*, São Paulo e Belém”^(23:884, grifo nosso).

Dois anos após, em 26 de junho de 1946, Haydée assumiu o cargo de diretora da Escola de Enfermagem na Bahia, conforme processo n. 32310/1946. A profissão da enfermeira ainda era desconhecida pela sociedade baiana, a qual entendia ser esta uma “ocupação” e não uma “profissão” que exigia estudo universitário⁽⁶⁾. Aliado a isso, o cuidado prestado pelas “enfermeiras” era considerado subalterno ao trabalho e às decisões do médico e não se tinha compreensão sobre o trabalho da enfermeira moderna, que se instalava no país. Caberia à Escola de Enfermagem desmistificar este estereótipo, a fim de recrutar candidatas que pudessem desenvolver a profissão emergente.

Consciente de seu papel, Haydée implantou o seu projeto político-pedagógico pautado em suas experiências profissionais e em sua formação. A EEUFBA foi a primeira Escola de Enfermagem inserida como instituição governamental Federal do Norte-Nordeste brasileiro e a formação da sua primeira turma já explicitava aos profissionais médicos e à população a qualidade exigida na profissão emergente.

O aperfeiçoamento profissional obtido por ela nas escolas de enfermagem Anna Nery, do Canadá e Estados Unidos e também na Escola de Enfermagem da USP reverberou no modelo implantado na EEUFBA. Entretanto, Haydée buscou trazer os valores difundidos por essas instituições, adaptando-os à realidade cultural da Bahia, conforme ela mesma afirmou:

Eu sabia que a interpretação da nossa conduta tem que ser segundo o contexto da cultura. De maneira nenhuma, não estava mais fácil fazer aquela legislação antiga francesa, agora era uma coisa nova, e eu vinha de uma Escola novíssima [...] De Toronto, uma das grandes Universidades do mundo. Eu vinha de uma Escola que eu queria muito fazer assim, e não só isto, porque é perigoso a pessoa conhecer uma só, porque fica sem poder deliberar, porque fica na imitação. Não é imitação, é conhecer e escolher. (Dep., 1993).

A postura avançada adotada por Haydée Guanais retratava o perfil ético e a formação imputada ao grupo que fazia parte da instituição, suas docentes e alunas (futuras diretoras da Escola). A trajetória de vida traçada por ela, suas concepções ideológicas e políticas, conquistadas com base em sua formação acadêmica e profissional, colocava-a em uma condição admirada não só pelo grupo docente, como também pelo discente. Adotara uma coordenação de currículo vivo, conforme ela mesma denominava.

[...] eu exercia vigilância sobre o que era que estava acontecendo com as alunas, se estavam ativas, porque o aprendizado vem mais do aluno, ele é que tem que ficar ativo [...] eu era uma coordenadora de currículo que estava em tempo integral. Era o meu papel coordenar o currículo, eu fazia uma coordenação de currículo viva. (Dep., 1993).

Vivenciadas as superações iniciais, a diretora da Escola de Enfermagem viveria um período conturbado na sua administração. O choque de ideias e propósitos entre Haydée Guanais e o reitor Edgar Santos levou-o a pedir à professora Edith Fraenkel que viesse à Bahia, para solicitar à diretora que pedisse demissão do cargo. Sua personalidade imprimia uma atitude de confronto ao processo de direção da Escola de Enfermagem, vislumbrado pelo reitor.

Ele disse que eu fazia uma direção assim, sem consultar a ele, e eu não percebia isso. Também podia ser culpa minha, mas eu não percebia porque eu estava tão imbuída de que eu sabia como o meu corpo docente que, nesse tempo, já eram mais. Nós que sabíamos decidir para onde nós podíamos ir e tudo. (Dep., 1994).

Desde que assumiu o convite para dirigir a Escola de Enfermagem da Bahia, Haydée já impunha suas condições e convicções para o cargo, que foram defendidas por ela até o seu afastamento. Dentre os confrontos vividos por Haydée frente ao Reitor, destacam-se: a exigência para que a escolha da Vice-Diretora e Chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital das Clínicas fosse feita por ela; negação em incorporar o curso de Serviço Social à Escola de Enfermagem e a sua criação anexa à Faculdade de Medicina; a luta para participar do Conselho Universitário; a exigência para assumir a disciplina de sociologia em lugar do professor da Faculdade de Medicina, visto que ela possuía formação em Ciências Políticas e Sociais; implantação do Diretório Acadêmico desvinculado da Faculdade de Medicina.

Ambos tinham convicção do projeto político-pedagógico que queriam implantar. O reitor Edgard Santos pretendia formar uma enfermeira que Haydée não queria formar. A imagem da enfermeira de Edgard Santos estava atrelada ao velho mundo, onde este havia se

especializado. Haydée trouxera para a Bahia a visão do novo mundo. A primeira era vista de forma altruística, religiosa, subalterna e a segunda valorizava os aspectos técnico-científicos e certo grau de autonomia e saberes próprios da enfermeira.

Tais fatos levaram o grupo de professoras contratadas pela ex-diretora a segui-la no seu afastamento do cargo, significando uma transição no desenvolvimento da Escola de Enfermagem da Bahia⁽⁶⁾. Contudo, o trabalho desenvolvido por Haydée Guanais perpetrou os fundamentos, os marcos estruturantes da profissão na Bahia.

Haydée saiu da Escola de Enfermagem da Bahia em 22 de outubro de 1949⁽²⁴⁾ e foi reintegrada ao Ministério da Educação e Saúde na Divisão de Organização Sanitária do Departamento Nacional de Saúde, permanecendo nesse órgão até o ano de 1951, quando foi nomeada para assumir o cargo de Superintendente do Serviço de Enfermagem da Campanha Nacional contra a Tuberculose (CNCT)⁽²⁾.

Entretanto, o espírito empreendedor, autônomo e de visão futurista, que lhe eram próprios, levaram-na a assumir novos desafios. Sócia efetiva da ABEn desde 1944, no ano de 1950, sob gestão de Waleska Paixão, Haydée passou a integrar o Conselho Fiscal da Associação, assumindo diversos cargos desde então. Destacou-se como Presidente da Comissão Permanente de Legislação e Coordenadora Geral do Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil, primeira pesquisa de enfermagem realizada no país, tendo Maria Rosa de Souza Pinheiro como Presidente da Comissão Executiva⁽²⁵⁾.

A proposta do projeto destacou-se por sua ousadia e complexidade, tendo em vista a importância que tais dados trariam para o desenvolvimento da profissão, necessitando, contudo, de apoio de instituições financiadoras, para que pudessem concretizá-la. Reconhecendo tal magnitude e a necessidade de suporte para assegurar o desenvolvimento do projeto, a ABEn abarcou nove instituições, representadas por pessoas influentes e de setores profissionais mais diversificados para conferir visibilidade ao projeto⁽²⁾. A Sessão Administrativa era coordenada por Haydée, a qual

[...] desenvolvia ações de divulgação e relacionamento com o público acerca do levantamento. (Dep., 1994).

Durante sua trajetória profissional na ABEn, Haydée ocupou os seguintes cargos: Conselheira Fiscal, Conselheira Deliberativa, Vice-Presidente (no primeiro mandato de Gleite de Alcântara – 1952-1954 – e no mandato de Maria Rosa de Souza Pinheiro – 1954-1956) e Coordenadora da Comissão Permanente de Legislação (CL)⁽²⁵⁾. Enquanto Coordenadora da

CL, fez jus a sua competência profissional e articulações políticas construídas na Bahia para andamento desse novo projeto:

Pouco tempo depois, estou aqui, na Câmara dos Deputados, fazendo o meu trabalho, que foi importantíssimo naquele tempo. A senhora pega o livro de Anayde e vê o que é que aconteceu para nós termos, dez anos depois, a classificação de Carlos Serpa e também duas coisas, a Lei de Diretrizes e Bases e a Lei de Classificação. Aí ele vai e me leva à Mesa da Câmara. Chega ao Deputado Rui Santos e diz assim: “Tudo que a D. Haydée lhe disser que é preciso fazer em lei, faça”. Fez isso para mim. Ele me abriu [...]”. (Dep., 1994).

Foi nesse período, enquanto Coordenadora da CL, que Haydée Guanais Dourado idealizou o Centro de Estudos e Pesquisa em Enfermagem (CEPEn), criado em 17 de julho de 1971, cuja aprovação ocorreu durante a Assembléia de Delegados do XXIII Congresso Brasileiro de Enfermagem em Manaus. A proposta era incentivar o desenvolvimento e a divulgação da pesquisa em enfermagem e a preservação dos documentos históricos. A proposta do CEPEn foi considerada avançada para a época, demonstrando a amplitude de suas ideias e ações⁽²⁵⁾.

Haydée pode ser definida como uma pessoa que almejava as coisas antes da hora, que trabalhava no tempo presente com o olhar dirigido para o futuro, por algo que não existia ainda, mas que estava convencida de que existiria. As frentes de trabalho assumidas por ela contribuíram para o aumento do prestígio e o reconhecimento da ABEn e da enfermagem, influenciando o campo da legislação, do ensino e da prática na profissão.

Em paralelo a essas atividades, ocupou o cargo de redatora-chefe da Revista Brasileira de Enfermagem até o ano de 1986, além de ter-se graduado em jornalismo pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, sempre utilizando as funções ocupadas para atuar em prol da profissão. Um destaque desta atuação são os editoriais da REBEn que buscavam mobilizar as enfermeiras em todo o Brasil (Dep., 1994).

Tais cargos possibilitaram a Haydée estar junto ao seu campo profissional nas lutas pela educação e pelo exercício da enfermagem. Integrou ainda a Comissão de Peritos de Enfermagem, que tinha o objetivo de incluir a verificação das escolas para autorização de funcionamento, reconhecimento e assessoramento em questões de ensino, e também a Comissão da ABEn, para elaboração de um Plano de Desenvolvimento das Escolas de Enfermagem e de Auxiliares de Enfermagem⁽²⁾.

Em 1968 recebeu o título de Doutora e docente livre em Ética, História e Legislação. Em 1973 integrou o corpo docente do Curso de Mestrado da Escola de Enfermagem Anna Nery, tornando-se professora titular desta Escola em 1977, onde finalizou suas atividades.

Considerações Finais

A trajetória de vida de Haydée Guanais Dourado foi determinada por uma conjunção de elementos de ordem política, ideológica, cultural e econômica, pautada em uma formação profissional crítica e política capaz de contribuir com as transformações do contexto histórico no qual se inseria, tornando-a uma personalidade que se constituiu em um marco referencial para a profissão. Era uma mulher para além da sua época, por não se sujeitar ou restringir ao papel tradicional atribuído às mulheres: esposas e mães. Seu lugar como enfermeira e militante manteve-se coerente com seus valores e com sua formação, nunca prescindindo da articulação política para alcançar os objetivos a que se propunha.

Os traços morais, éticos e profissionais que marcavam sua atuação profissional, designaram seu posicionamento frente às colegas de profissão e na luta pelo reconhecimento social do campo da enfermagem e da profissão da enfermeira. Como uma pessoa cuja formação era ampla e baseada nos pressupostos do Iluminismo, Haydée valorizava a exploração e utilização de múltiplos conhecimentos para fundamentar suas argumentações e deliberações.

Em suas lutas, empenhou-se na defesa e operacionalização da enfermagem em saúde pública pelo Nordeste do Brasil e na construção de um currículo “vivo” de enfermagem na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, construído com base em sua rica experiência de vida pessoal e profissional.

Falar de Haydée Guanais Dourado é destacar sua atuação em prol da institucionalização da enfermagem moderna na Bahia e da valorização da profissão no Brasil. É destacar seu papel como educadora, focada no estudante e não no currículo do papel, na integração docente-assistencial, na organização moderna do Hospital das Clínicas, com capacidade de organização e articulação política, revelada na composição da sua equipe de trabalho e no projeto político pedagógico para a Escola de Enfermagem.

Comemorar o seu centenário implica em rememorar não apenas fatos da biografia de uma personalidade pioneira da enfermagem brasileira. A história pessoal e profissional de Haydée revela como sua atuação confunde-se com a história da profissão da enfermeira, com a história da ABEn e da Revista Brasileira de Enfermagem e também com o desenvolvimento da pesquisa e da educação no campo da Enfermagem brasileira.

Referências

1. Secaf V, Costa HCBVA. Enfermeiras do Brasil: história das pioneiras. São Paulo: Martinari; 2007.
2. Barreira LA, Baptista SS. Haydée Guanais Dourado: carisma e personalidade a serviço de um ideal. Rev bras enferm. 2002 jan-fev;62(3):275-92.
3. Alberti V. O projeto de pesquisa. In: Alberti V. Manual de história oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV; 2005. p. 29-41.
4. Moreira A, Kaminitz S, Silva CC, Porto F. Diretores, ensino e cuidado na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. In: Oguisso T, Freitas GF, Gonzalez JS. Enfermagem: história, cultura dos cuidados e métodos. Rio de Janeiro: Águia Dourada; 2016. p. 101-124.
5. Santiago ES, Oguisso T. Maria Rosa Souza Pinheiro: mulher, enfermeira e líder. In: Oguisso T, Freitas GF, Gonzalez JS. Enfermagem: história, cultura dos cuidados e métodos. Rio de Janeiro: Águia Dourada; 2016. p. 3-28.
6. Oliveira MIR. Emergência e inserção da Escola de Enfermagem na comunidade acadêmica da Universidade da Bahia. In: Fernandes JD (Coord.). Memorial Escola de Enfermagem: 1946-1996. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2001. p. 17-50.
7. Hochman G. Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945). Educar em revista. 2005;(25):127-41.
8. Galleguillos TGB, Oliveira MAC. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. Rev esc enferm USP. 2001 mar;35(1):80-7.
9. Peres MAA, Almeida Filho AJ, Paim L. Historicidade da enfermagem nos espaços de poder. Hist enferm Rev Eletr (Here) [Internet]. 2014 jan-jul [acesso em 2016 março 10];5(1):83-94. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol5num1artigo7.pdf>
10. Teixeira VMN, Marques RC. Enfermeiros e saúde pública em Belo Horizonte: combatendo doenças e educando para a saúde (1897-1933). Educar em revista. 2014 out-dez;(54):37-54.
11. Oguisso T, Campos PFS, Santiago ES. Maria Rosa Sousa Pinheiro e a reconfiguração a enfermagem brasileira. Texto contexto enferm. 2009 out-dez;18(4):643-51.
12. Santos TCF. A enfermagem e o progresso social do Brasil. Esc Anna Nery [online]. 2008;12(1):12-8.
13. Franco MLPB. Análise de conteúdo. 4ª ed. Brasília: Liber Livro; 2012.
14. Bloch MLB. Apologia da história ou o ofício de historiador. Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Zahar; 2001.

15. Born C. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. *Sociologias*. 2001;3(5):240-65.
16. Nascimento EFVBC. O projeto civilizador presbiteriano na Chapada Diamantina. Trabalho apresentado no IX Simpósio Internacional Processo Civilizador; 2005 nov. 24-26. Ponta Grossa, Paraná, Brasil. [Citado 26 out 2015]. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/mesa_debates/art11.pdf
17. Vilas-Boas EF. A influência da pedagogia norte-americana na educação em Sergipe e na Bahia: reflexões iniciais. *Rev bras Hist Educ*. 2001;2(38):23-53.
18. Spinola ND. A trilha perdida: caminhos e descaminhos do desenvolvimento baiano no século XX. Salvador: Unifacs; 2009.
19. Campos PFS. História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. *Rev Enferm Ref*. 2012 mar; III Série (6):167-77.
20. Barbosa MLA. Edgard Santos (1946-1961). In: Toutain LMB, Barbosa MLA, Varela AV (Org.). *Reitores da UFBA: de Edgard Santos a Naomar de Almeida Filho*. Salvador: Edufba; 2011. p. 17-48.
21. Silva MELN. Cidade tísica: a tuberculose em Salvador nas primeiras décadas do século XX. *Anais do 5º Encontro Estadual de História Anpuh/BA: História e Memórias: lugares, fronteiras, fazeres e políticas*. 2ª ed. Salvador; 2010. p. 1-9.
22. Mott ML. Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920). *Cad Pagu*. 1999;(13):327-55.
23. Campos ALV. Cooperação internacional em saúde: o serviço especial de saúde pública e seu programa de enfermagem. *Ciênc saúde coletiva* [online]. 2008;[citado 2015 nov 20];13(3):879-88. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000300010
24. Vilas Boas MJC. *Diário dos primeiros anos da Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia*. Salvador: NUMEE; [19--].
25. Carvalho AC. *Associação Brasileira de Enfermagem, 1926-1976: documentário*. Brasília: ABEn Nacional; 2008.

4.2 Artigo 2 - CENTENÁRIO DE ANAYDE CORRÊA DE CARVALHO e sua história na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia⁵

Anayde Corrêa de Carvalho centenary and its history in the School of Nursing, Federal University of Bahia

Centenario de Anayde Corrêa de Carvalho y su historia en la Escuela de Enfermería de la Universidad Federal de Bahía

RESUMO

Objetivo: retratar a trajetória de vida pessoal e profissional de Anayde Corrêa de Carvalho e apontar suas contribuições mais significantes para a enfermagem baiana. **Método:** Foi realizada uma entrevista semiestruturada com Anayde Corrêa de Carvalho em janeiro de 2015, em sua residência, utilizando os métodos da história oral de vida e pesquisa documental. **Resultados:** A partir da Análise de Conteúdo Temática, foram evidenciadas três categorias: Trajetória Pessoal de Anayde Corrêa de Carvalho; A Escola de Enfermagem da Bahia; e Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e Associação Brasileira de Enfermagem. **Conclusão:** Este estudo possibilitou analisar a história de vida de uma enfermeira comprometida e ética, que se dedicou à educação e à pesquisa em enfermagem e contribuiu de forma significativa para a construção da imagem da enfermeira na Bahia e para o desenvolvimento da profissão.

DESCRITORES

Enfermagem; História Oral de Vida; História da Enfermagem.

ABSTRACT

Historical study that aimed to describe the personal and professional trajectory of Anayde Corrêa de Carvalho, and to indicate her most significant contributions to the Bahian and Brazilian nursing. A semi-structured interview was conducted with Anayde Corrêa de Carvalho in January 2015, at her house, using the oral history of life methods and the documentary research. Considering the Thematic Analysis Content, three categories were found: Trajectory Personnel of Anayde Corrêa de Carvalho; Bahia Nursing School; Nursing School of *Universidade de São Paulo* and the Brazilian Association of Nursing. We could

¹ Extraído da dissertação *História das Diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (1946-1956)*, apresentada à Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, em 2016.

rescue the history of life of a committed and ethical person, who was devoted to education and nursing research, contributing to the development of the profession.

DESCRIPTORS

Nursing; Oral Life History; History of Nursing.

RESUMEN

Estudio histórico con el fin de representar la vida personal y profesional de Anayde Correa de Carvalho, y indicar sus contribuciones más significativas a la enfermería de Bahía y de Brasil. Una entrevista semiestructurada se llevó a cabo con Anayde Corrêa de Carvalho en enero de 2015, en su residencia, utilizando los métodos de la historia oral de la vida y la la investigación documental. Con el análisis de contenido temático, se encontraron tres categorías: Trayectoria Personal de Anayde Correa de Carvalho; La Escuela de Enfermería de Bahía; Escuela de Enfermería de *Universidade de São Paulo* y la Asociación Brasileña de Enfermería. El estudio permitió rescatar la historia de vida de un personaje ética y comprometida, que se dedicó a la educación y a la investigación en enfermería, lo que contribuye al desarrollo de la profesión.

DESCRIPTORES

Enfermería, Historia Oral de Vida, Historia de la Enfermería.

INTRODUÇÃO

A pesquisa teve como objeto de estudo a trajetória de Anayde Corrêa de Carvalho (ACC), enfermeira graduada em fevereiro de 1949*, pela Escola de Enfermagem, da Universidade de São Paulo (EEUSP) que, ao longo de sua vida, contribuiu para o crescimento e o fortalecimento da enfermagem, em suas lutas da década de 1920 a 1970. No presente estudo, houve um enfoque especial no período em que a biografada esteve junto à direção da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA).

Em 16 de julho de 2016, Anayde comemorará seu centenário. Nesse século de existência, muitos foram os trabalhos desenvolvidos por ela em prol da enfermagem, tornando-se oportuno retratar sua história, dada a importância em compreender o passado por

* Naquela época os cursos eram de 28 meses de duração (Decreto 16.300/1923, art. 400), e as alunas tinham direito a dois meios dias de descanso semanal e 15 dias de férias anuais (art. 418, § 2º). No final do curso elas deveriam repor esses dias de folga ao curso, completando o tempo legal exigido, o que correspondia a cerca de 32 meses. Por isso, Da. Edith Fraenkel ao iniciar o curso na EEUSP estabeleceu que seria de 36 meses de duração, dividido em quatro períodos. Cada aluna deveria completar 1095 dias de vida escolar. (Carvalho AC – Escola de Enfermagem da USP - Resumo histórico, 1942-1980, pg. 41-2).

meio da percepção de quem o viveu, conhecendo a conjuntura socioeconômica do período, as relações sociais, e os valores éticos e morais que construíram a história da enfermagem⁽¹⁾.

O estudo de sua trajetória de vida possibilitou não apenas o registro de fatos e situações pessoais, mas da coletividade em um determinado momento histórico, transformando as informações coletadas em novas fontes de reflexão e novas interrogações⁽²⁾. Nesse contexto, pode-se contribuir para a ampliação do acervo do Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (NUMEE), no âmbito das investigações da história desta escola e de suas diretoras.

ACC foi a terceira diretora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA) e participou do desenvolvimento da profissão no Estado no período de implantação e consolidação dessa Escola de Enfermagem⁽³⁾. Tornou-se uma profissional reconhecida por seus pares frente à sua atuação docente, na associação de classe e na pesquisa.

Nesse sentido, o artigo objetiva retratar a trajetória de vida pessoal e profissional de Anayde Corrêa de Carvalho e apontar suas contribuições mais significativas para a enfermagem baiana.

MÉTODO

Estudo histórico que utilizou como método a história oral de vida e pesquisa documental. O trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado *Militância Política de Enfermeiras no Estado da Bahia*, aprovado em Comitê de Ética em Pesquisa da EEUFBA, sob parecer 663.359 e obedeceu a todas as normativas previstas pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde no 466, de 2012.

Os dados foram coletados por meio de entrevista realizada em janeiro de 2015 na residência de ACC, em Ribeirão Preto (SP) e foi intermediada por uma amiga pessoal da entrevistada e professora aposentada da EEUSP. A técnica de coleta foi a entrevista semiestruturada. A versão final da entrevista foi analisada, aprovada pela entrevistada para uso na pesquisa e doação ao NUMEE^(4:162).

Como fontes primárias, utilizou-se, ainda, uma entrevista de Anayde Corrêa de Carvalho prestada em 1994, em sua residência, para a reconstituição da história da Escola de Enfermagem da Bahia pertencente ao NUMEE, assim como documentos textuais e iconográficos do acervo pessoal da colaboradora.

Os dados foram organizados por meio da técnica de Análise de Conteúdo Temática. Definiram-se, *a priori*, eixos temáticos direcionadores da análise, de acordo com os objetivos do estudo, dos quais emergiram Unidades de Contexto e Unidades de Registro⁽⁵⁾.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise de conteúdo temática, foram evidenciadas três categorias: Trajetória Pessoal de Anayde Corrêa de Carvalho, a Escola de Enfermagem da Bahia e; a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e Associação Brasileira de Enfermagem

Trajetória Pessoal de Anayde Corrêa de Carvalho

Anayde Corrêa de Carvalho, nasceu na cidade de Ribeirão Preto, em uma fazenda da família, no dia 20 de julho de 1916. O pai, Pedro Corrêa de Carvalho, descendente de portugueses e produtor de café e algodão no interior do Estado de São Paulo, casou-se com Elza Morandini de Carvalho, descendente de alemães e ítalo-austríacos, e tiveram sete filhos^(3,6). Trata-se da terceira filha do casal. Passou a infância e a adolescência em Ribeirão Preto, mudando-se posteriormente para a cidade de São Paulo, para dar continuidade a sua formação acadêmica na EEUSP.

ACC e suas irmãs estudaram no Colégio Santa Úrsula, mantido pela Congregação Francesa das Ursulinas e responsável pela educação das filhas da elite cafeeira^(3,7). Estudou também no Colégio Metodista, fundado por missionárias norte-americanas e que funcionava em regime de coeducação – método de ensino voltado para educação conjunta, destinada a homens e mulheres, que rompia com conceitos adotados pelos colégios da época⁽⁷⁾. Neste colégio, aprendera inglês e, em outra instituição de ensino, iniciou os estudos da língua alemã.

Eu estudava inglês no Colégio Metodista aqui de Ribeirão. (...) tinha uma escola, acredito que na Avenida Tibério em que a professora era alemã. Então nós íamos aprender alemão lá também. (Dep. 2015)

Após concluir o curso normal, em 1935, ACC lecionou por algum tempo como professora primária no Colégio Santa Úrsula^(2,6). Esta era uma das atribuições que garantiam à mulher a inserção no mercado de trabalho, além das atividades domésticas e do cuidado dos filhos.

A escolha da carreira na enfermagem foi influenciada pelo pai e pela irmã Amália Corrêa de Carvalho, aluna da primeira turma da EEUSP. Oriunda de uma família de bases sólidas, ACC obteve, durante toda sua trajetória de vida, estímulo aos estudos⁽³⁾:

Tínhamos estímulo para avançarmos na vida e não ficarmos paradas. Era tanto estímulo, que nós tínhamos aulas de inglês e francês particular [...] o meu pai queria que nós todas estudássemos. [...]ele era até considerado uma pessoa muito econômica, mas qualquer coisa que a gente falasse, eu quero estudar, ele ia e imediatamente aceitava. O estudo era em primeiro lugar. Porque o meu pai dizia que casamento era bom para o homem e para a mulher não prestava. Ele não era assim de: filha, vai casar! De jeito nenhum! Fica em casa, estuda, trabalha, vai ensinar. Isso tudo. Para casamento... ele não era desse tipo. (Dep. 2015)

A disciplina e os valores morais demonstrados durante sua passagem enquanto discente da EEUSP podem ter influenciado a diretora, Edith de Magalhães Fraenkel, na sua indicação para se tornar professora na instituição. Anayde Corrêa de Carvalho terminou o curso de enfermagem em março de 1949, mas a colação de grau só pôde ser realizada em outubro do mesmo ano, pois algumas de suas colegas estavam atrasadas. Fato que, demandava a compensação de dias para cumprimento de 1.095 dias escolares.⁽³⁾

Nessas circunstâncias, ACC teve que aguardar algumas colegas cumprirem o tempo de formação para colar grau. Durante estes sete meses, devido à ausência de verbas para a contratação de docentes na EEUSP, foi encaminhada à Chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital das Clínicas de São Paulo, Clarice Della Torre Ferrarini, para assumir atividades no hospital. Trabalhou no berçário e, depois, como enfermeira-chefe na 2ª Clínica Cirúrgica, do Prof. Edmundo Vasconcelos.

Em outubro de 1949, foi convencida por Da Edith de Magalhães Fraenkel a ir para Salvador, Bahia, juntamente com Jandira Alves Coelho (formada em 1947) e Wanda Alves Baptista, de sua turma de 1949, por causa de uma crise que havia ocorrido na Escola de Enfermagem daquela cidade. Fazendo uma auto-avaliação ACC dizia que havia sido uma temeridade enviar recém-formadas para assumir a direção de uma Escola inteira, mas ao mesmo tempo mostrava a confiança de Da. Edith para com as enfermeiras que havia formado. ACC dizia que confiava inteiramente no juízo de Da. Edith e por ser muito disciplinada, cumpria exatamente o que ela determinava, sem nada questionar.

Apesar da falta de verba para admitir novas professoras na EEUSP, Edith Fraenkel considerou o pedido do reitor da EEUFBA, Dr. Edgard Santos, para ajudá-lo a enfrentar o período de transição vivido pela Escola de Enfermagem da Bahia. Sua ex-diretora, Haydée

Guanais Dourado, foi afastada do cargo e, com ela, o grupo de professoras que compuseram o quadro inicial docente do curso de enfermagem na Escola também solicitou o retorno às suas instituições de origem. Um novo grupo foi formado pela professora Edith e encaminhando ao Estado.

ACC permaneceu exatamente o período necessário até que uma ex-aluna da própria EEUFBA se formasse e pudesse assumir a direção, quando retornou a São Paulo em fevereiro de 1952. Em setembro do mesmo ano foi para os Estados Unidos com bolsa de estudos da Fundação Kellogg para fazer curso de bacharelado em Ciências da Educação de Enfermagem, no Teachers College, da Universidade Columbia, em Nova York, formando-se em junho de 1954. Retornou à EEUSP onde reassumiu suas funções docentes.

Mais tarde, em 1956, Anayde Corrêa de Carvalho se tornaria presidente da primeira seção da ABEn, criada no País, em 1945, em São Paulo. 1956 era também o ano em que estava em início o Levantamento de Recursos e Necessidades da Enfermagem no Brasil, a primeira grande pesquisa nacional sobre a profissão. No que se refere à educação, ACC sempre valorizou a disciplina e o respeito no processo de formação, consideradas por ela cruciais para a manutenção de uma boa relação professor-aluno.

Naquela época, eu achava muito boa porque a gente, professor-aluno, era mais disciplinado que hoje. Havia mais respeito com o professor que era uma pessoa um pouquinho superior aos alunos. A gente acatava com mais boa vontade o que o professor dizia. Não havia problema muito grande de disciplina. Uma ou outra aluna (era) mais rebelde. Havia, às vezes, choque, mas, a maioria das vezes era um respeito muito grande. A gente considerava que ele sabia mais. Tinha de considerar. (dep., 1994, NUMEE)

A Escola de Enfermagem da Bahia

Anayde Corrêa de Carvalho considerava-se inexperiente para enfrentar o desafio de direção de uma escola. Entretanto, sua diretora (Fraenkel) percebia a capacidade para a função. Ao receber a notícia de que iria para Salvador para dar continuidade às atividades implementadas por Haydée Guanais Dourado, reagiu no primeiro momento.

Eu falei assim: mas Dona Edith, eu acabei de me formar! Eu não tenho muita experiência [...] Não tem importância não! A senhora tem vontade. Então vai! A Dona Edith era uma pessoa extraordinária nesse ponto de vista. Porque ela não forçava, mas tinha tanta boa vontade, tanta delicadeza com a gente, que acabávamos fazendo o que ela desejava,

mesmo que não concordássemos [...] eu achava é que eu não estava preparada para ser diretora de uma escola, uma vez que eu era recém-formada também. (Dep., 2015)

Apesar do medo do desconhecido, ACC adotou uma postura de respeito à sua superior. Depreende-se da entrevista que a educação rígida recebida da mãe, de descendência alemã, contribuiu para designar seu posicionamento na sociedade, construído de forma individual e coletiva, reverberando em seu modo de agir e na construção de sua identidade pessoal e profissional.

Em 20 de outubro de 1949, Jandyra Alves Coelho e Anayde Corrêa de Carvalho chegaram à Bahia para assumir a direção e a vice-direção da EEUFBA, em companhia de mais quatro enfermeiras-professoras^(8,9). Foram recebidas pelo reitor Edgard Santos, pelo diretor da Escola de Medicina, José Olímpio, e pela ex-diretora Haydée Guanais, em cerimônia na sala da diretoria da Escola de Enfermagem. A motivação do reitor Edgard Santos ir à São Paulo solicitar ajuda de Edith Fraenkel para a formação de um novo grupo de docentes para a EEUFBA, assim como o afastamento de Haydée Guanais Dourado, não havia sido esclarecida.

Destaca-se ainda, que esse contexto de saída de Haydée Guanais Dourado provocou, inicialmente, um sentimento de hostilidade por parte das discentes sobre o grupo que assumiu a Escola.

Ao chegarmos fomos muito bem recebidas pelo reitor, claro! Ele foi quem nos procurou... nos atender... e nos recebeu muito bem! Mas, a cara feia das outras era... nossa! Tivemos que enfrentar! Uma delas me mostrou a história de uma sessão que tinha havido na assembleia da Universidade, a qual reclamava do reitor, visto que ele não podia fazer isto, dizendo que a Bahia, que teve uma pessoa tão importante como fulana de tal, agora precisar de paulista para vir dirigir a Escola de Enfermagem! (Dep., 2015).

No entanto, ACC manteve-se firme à missão estabelecida por Edith de Magalhães Fraenkel

[...] eu praticamente não sentia muito essa coisa! Elas diziam que existiam! As alunas, por exemplo - uma diretora paulista e porque não baiana? Mas eu estava pouco ligando com isso. A diretora era a diretora, pronto e acabou! [...] eu não tinha essa preocupação e não senti também em mim essa mágoa de ser paulista e a outras baianas e de não ser aceita pelas outras baianas! [...]. Eu achava assim: nós somos todos brasileiros e ponto-final! (Dep.,2015).

No primeiro momento, houve maior resistência das alunas da segunda turma, visto que a primeira turma necessitou concluir na EEUSP os estágios que não dispunha de professores e campos de prática na Escola de Enfermagem baiana. Tal necessidade foi logo percebida por Jandira Alves Coelho, ao assumir a direção, encaminhando as discentes para complementação do curso em São Paulo em novembro de 1949⁽⁸⁾. A primeira turma permaneceu um ano na EEUSP, enquanto a segunda turma ficou apenas 10 meses⁽¹⁰⁾. O trabalho docente e de direção também apresentava-se intenso.

Mas nós praticamente éramos pau para toda obra. Se precisássemos ensinar, ensinávamos aquilo que era preciso! Porque como a escola estava começando não havia muitas disciplinas. Apenas as primeiras disciplinas. Nós fazíamos o que fosse preciso. Porque éramos poucas mesmo! Depois o Hospital das Clínicas de São Paulo mandou algumas professoras, algumas enfermeiras para lá. (Dep., 2015)

Em outra entrevista reafirma sua preocupação com o fato de ser recém formada, com pouca experiência, mas que aos poucos foi gostando, entusiasmando-se com a tarefa, e que, além de exercer a vice-direção e posteriormente direção, também ministrava aulas. Destaca sua safistação de trabalhar com as alunas e de acompanhá-las ao hospital trabalhando conjuntamente⁽¹¹⁾.

A diretora e vice-diretora encontraram a Escola de Enfermagem da UFBA organizada, com padrões de qualidade comparados à EEUSP, o que facilitou o andamento do projeto.

Nós achamos a Escola da Bahia muito bem organizada. Tudo muito bem planejado. A Escola estava em andamento fácil de seguir. O currículo muito bom e considerada uma das melhores Escolas do País, já naquele período. O pessoal já estava fazendo (o curso) em 4 anos. (Dep., 1994 NUMEE).

O diário da estudante Julieta Calmon Villas-Boas, aluna da primeira turma da EEUFBA, que se encontra no Núcleo de Memória da EEUFBA, reafirma o depoimento de Anayde e demonstra que, aos poucos, a nova diretoria foi se tornando parte da realidade estudantil.

Hoje nossa Escola é uma realidade. Foi hoje a aula do Dr. Anísio Teixeira sobre Filosofia de Educação. Estavam presentes além das alunas do 2º ano, as do 1º, que são 25. Vieram também D. Haydée e as professoras da Escola de Enfermagem. Foi uma solenidade que nos encheu de orgulho. Realizou-se no Hospital das Clínicas. Passamos, com muito sucesso o primeiro ano do Curso. Tivemos lutas, muito trabalho, mas o que conseguimos em

harmonia e compreensão entre nós, assim como o desenvolvimento intelectual e científico, foi maravilhoso. (Villas-Boas, 1948)

Em novembro de 1950, as alunas da primeira turma retornaram à Bahia para realizarem a formatura, que aconteceu em 9 de dezembro de 1950. Na mesma data, ocorreu a inauguração do novo prédio da EEUFBA e o encerramento do IV Congresso Brasileiro de Enfermagem. A experiência adquirida por ACC na organização do I Congresso Brasileiro de Enfermagem, em 1947, enquanto discente da EEUSP, facilitou na recepção das congressistas e na organização do evento junto à ABEn Nacional e à ABEn-Ba.

A Maria Rosa (Souza Pinheiro) era diretora... A Maria Rosa foi para lá e nos ajudou muito na organização do Congresso. (Dep., 2015, p.11). *Neste 4º Congresso, além das tarefas domésticas, eu contribuí muito na parte cultural.* (Dep., 1994).

Em junho de 1951, no segundo ano de gestão na Bahia, ACC enfrentaria um novo desafio na direção da EEUFBA. A professora Jandyra Alves Coelho solicitou afastamento da Escola e Anayde Corrêa de Carvalho assumiu a direção, tornando-se a terceira diretora. Permaneceu no cargo por apenas oito meses, mas representou tempo suficiente para definição e concretização de objetivos traçados em sua gestão: “[...] melhorar as condições de ensino; incentivar as supervisoras ao estudo; proporcionar às alunas o seu progresso intelectual; conseguir campos de treinamento para as alunas”^(8:35).

Posteriormente, Jandyra Alves Coelho e Anayde Corrêa de Carvalho se reúnem novamente para estágio de estudos nos Estados Unidos da América, em 1952, onde, segundo esta, contou ainda com a companhia de Wanda Alves Baptista ⁽¹¹⁾.



Figura 1. Anayde Corrêa de Carvalho, na Escola de Enfermagem, em companhia do Ministro da Educação e Saúde, Ernesto Simões Filho - 1951. Fonte: acervo do Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem (NUMEE).

Diante disso, Anayde Corrêa de Carvalho dava continuidade à proposta do “currículo vivo” implementado por Haydée Guanais Dourado, que tinha como objetivo o reconhecimento e o fortalecimento da enfermagem na Bahia. Para a ex-diretora, a excelência do ensino da enfermagem na Bahia perpassava pela necessidade de uma coordenação do currículo em tempo integral – do discente ao docente. Haydée exercia vigilância sobre o que acontecia com as alunas, com interpretação da conduta segundo o contexto cultural.

Assim, o compromisso firmado por Edith Fraenkel e suas enfermeiras com o reitor Edgard Santos estava se cumprindo, pois, a direção da EEUFBA tinha prazo: aguardar a formatura da primeira turma de alunas para que estas pudessem assumir a Escola.

Esse convite de Dr. Edgard era por tempo determinado. Até a 1ª turma se formar. Quando a 1ª turma se formasse, elas tomariam conta. (Dep., 1994 NUMEE). Como também refere aluna da primeira turma: *D. Edith chegou e nos chamou comunicando que iríamos logo (para a EEUSP), pois a Escola (EEUFBA) precisa de nós, já formadas para preparar os serviços para as outras classes⁽⁹⁾.*

Consciente de seu compromisso com a EEUFBA, ACC aguardou o tempo necessário para que uma docente formada pela primeira turma da escola estivesse preparada para assumir a direção^(6,8). Em fevereiro de 1952, solicitou seu retorno a São Paulo, passando a direção da escola para a professora Nilza Marques Maurício Garcia, sua vice-diretora, por designação do reitor. Começaria uma nova fase para Anayde Corrêa de Carvalho.

Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e Associação Brasileira de Enfermagem

Após deixar a Bahia, em 1952, gozou 1 mês de férias e retornou em março à EEUSP para assumir a disciplina de Fundamentos de Enfermagem, como sua irmã. A época coincidia com o período de descoberta do modo de transmissão e tratamento da poliomielite, abrindo possibilidade para a elaboração e o registro de duas vacinas capazes de prevenir a contaminação pelo vírus – a Salk e a Sabin⁽¹²⁾. Mais uma vez, atendeu à solicitação de Edith Fraenkel para trabalhar na campanha, atuando até o fim da epidemia.

Posteriormente, viajou a passeio para a Argentina e, em setembro do mesmo ano, dirigiu-se para os Estados Unidos. Um ano após, recebeu o diploma de bacharel em Ciências da Educação de Enfermagem.

Retornou ao Brasil em 1954 e assumiu as disciplinas de Administração Aplicada à Enfermagem e Enfermagem Médica. Em 1956, substituiu a professora responsável pela disciplina Fundamentos de Enfermagem, devido ao afastamento dela para estudos de pós-graduação nos Estados Unidos. Ensinou nos cursos de graduação, de 1954 a 1962, e de pós-graduação, de 1959 a 1962, atuando como coordenadora das disciplinas ligadas à Administração Aplicada à Enfermagem.

Em 1969, foi designada para ser representante da EEUSP no Trabalho sobre Reforma da Universidade. De 1970 a 1977, quando se aposentou, foi escalada para a seção de alunos, assessorando a Diretora Maria Rosa Sousa Pinheiro em matérias de currículo.

Na ABEn, tornou-se membro efetivo logo após formar-se, em 1949, atuando, durante sua longa trajetória na Associação, como Coordenadora de Comissões e membro da diretoria. No período de 1956 a 1958 foi eleita presidente da ABEn – Seção São Paulo: [...] *de 56 a 58 fui Presidente da ABEn de São Paulo, procurei defender a classe, sindicato, discussão de projetos de lei para tentativa de melhora das relações entre enfermeiras práticos e auxiliares. Essas reuniões eram realizadas na USP, tendo Maria Rosa como Coordenadora.* (Dep., 1994 NUMEE)

Durante sua trajetória acadêmica, ACC pôde vivenciar a organização do I Congresso Nacional de Enfermagem, por iniciativa da ABEn – Seção São Paulo. Para ela, os Congressos de Enfermagem foram “uma das realizações mais importantes da ABEn, porque constituem a fonte de inspiração do desenvolvimento da enfermagem como profissão, e dos enfermeiros como cidadão úteis à sociedade”^(13:344). A aproximação de Anayde Corrêa de Carvalho com a vida associativa fora estimulada desde a academia.

Quando eu era estudante ainda, houve o 1º Congresso de Enfermagem em 1947. A 1ª reunião do Conselho de Enfermagem foi feita na Escola. A Escola ainda não estava completa, estava em construção. Para receber este Conselho, vinha as americanas, um bocado de gente de fora, nós tivemos que preparar a Escola para receber porque elas iam ficar hospedadas lá. Nós fizemos um trabalho imenso, como estudantes. Imenso de limpeza na Escola, de preparo do ambiente e de recepção, depois, das enfermeiras. Neste primeiro Congresso, como estudante, nós participávamos, mas, como auxiliar, do que como ouvintes de participantes do Congresso em si. De maneira que, desde essa época, a gente já se interessava pela ABEn. (Dep., 1994)

De 1959 a 1964, após deixar a presidência da ABEn – seção São Paulo, foi eleita Coordenadora da Comissão de Reforma do Estatuto e Regimento Interno da ABEn Nacional

tendo como tarefa principal promover a assembleia geral e modificações no estatuto. Concomitantemente, em 1963, atuou como editora da Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn). O acúmulo de suas funções e a dificuldade em atender às demandas existentes resultaram, para ela, em um sentimento de frustração.

Em 1963 trabalhei como Editora da Revista Brasileira de Enfermagem, com muita satisfação. Mas resultou numa grande frustração. Com o excesso de trabalho na Graduação e na Pós-Graduação, a revisão dos artigos da Revista passou para segundo plano. Dando motivos a queixas das associadas, mais que justificadas. Com a nova organização da ABEn a Comissão do Estatuto e Regimento desapareceu. Ficou outra no lugar, que eu também fui coordenadora. De 1965 a 1969 trabalhei com Amália em um estudo sobre o desenvolvimento das Escolas de Enfermagem. Em 1969 fui convidada pela Diretoria para escrever o histórico da ABEn. Ela deveria ser lançada por ocasião do seu jubileu de ouro. Escrever cansa muito, aí resolvi tirar a licença-prêmio acumulada que eu tinha, para dedicar-me em tempo integral a essa tarefa. (Dep., 1994 NUMEE)

Logo após finalizar o documentário da ABEn, em 1976, aposentou-se, mas continuou atuando na ABEn, tornando-se a primeira coordenadora do Centro de Estudos e Pesquisa em Enfermagem. Era um trabalho pioneiro, idealizado por Haydée Guanais Dourado e aprovado em 1971, na Assembleia de Delegados do XXIII Congresso Brasileiro de Enfermagem⁽¹⁴⁾. O órgão tinha como objetivo a promoção e desenvolvimento de pesquisas em enfermagem^(14:18), tornando-se responsável pela preservação de documentos históricos da profissão e um grande centro de representação político-científica e histórica da Enfermagem⁽¹⁵⁾.

Em 1986 desligou-se da ABEn, deixando um grande legado para a associação e para a enfermagem. Reconhece-se como uma mulher simples, que não se envaidece pelos trabalhos desenvolvidos ou pelas posições que ocupou durante sua trajetória de vida, visto que entende que “a enfermagem é servir aos outros. [...] não é querer status. É querer bem para os outros” (Dep. 1994 NUMEE).

DISCUSSÃO

A formação familiar e ensino de base de ACC colaboraram para sua formação e atuação profissional, visto que o pensamento de investimento na educação feminina se contrapunha aos ideais femininos impostos pela sociedade da época.

A cidade de nascimento da biografada também contribuiu para essa formação. No início do século XX, a conjuntura econômica do município de Ribeirão Preto era moldada pela supremacia cafeeira. A importância econômica mundial adquirida com o desenvolvimento da lavoura cafeeira garantia a presença dos produtores em todos os setores do ambiente urbano, participando das decisões e implantação de diversas obras, entre elas, escolas e hospitais. Dessa forma, foram criados estabelecimentos de ensino na região pertencentes à iniciativa pública e privada, e também instituições mantidas por entidades, associações e congregações religiosas, as quais marcavam “de forma significativa a educação feminina”⁽⁷⁾.

O ensino de línguas estrangeiras, assim como música, pintura e etiqueta, fazia parte do currículo dessas escolas destinadas às mulheres ribeirão-pretanas pertencentes às oligarquias da época. Eram instituições que possuíam qualidade no ensino e disciplina como ponto fundamental, e que traziam inovações ao currículo da educação feminina⁽⁷⁾.

Muitas mulheres cujos estudos secundários ocorreram em colégios católicos não seguiram o modelo padrão de esposa e mãe comuns à época e sim a profissionalização como professoras de ensino fundamental, visto a carência, no âmbito do magistério, de qualificação profissional específica. Algumas tiveram destaque no ensino de língua francesa em escolas que se iniciaram na década de 1930⁽¹⁶⁾, o que leva a melhor compreensão do investimento da biografada também em línguas.

O nível de escolaridade que ACC possuía facilitou seu acesso à EEUSP em 1946, visto que esta instituição recebia incentivo financeiro do Estado ao comissionar professoras primárias para cursar Enfermagem, com interesse em admitir alunas com um nível de escolaridade superior, para manter um alto padrão de qualidade na escola, cujas exigências proporcionariam uma reconfiguração do modelo educacional vigente^(17,18).

Essa estratégia também fora adotada na EEUFBA, quando sua primeira diretora, Haydée Guanais Dourado solicitou ao Secretário de Educação e Saúde do Estado, Dr. Anísio Teixeira, que comissionasse suas professoras primárias para compor a segunda turma da Escola de Enfermagem. O êxito experimentado por Haydée na EEUSP, enquanto docente do primeiro grupo de professoras contratadas pela Escola em 1942, a motivou a reproduzir o modelo na EEUFBA. Haydée Guanais Dourado teve sua formação junto a Escola de Enfermagem Anna Nery e estagiou em instituições dos Estados Unidos em 1941, fato que possibilitou um contato anterior com Edith Magalhães Fraenkel, que também foi responsável por sua indicação à EEUFBA. Quanto aos motivos que levaram à saída de Haydée Guanais Dourado da direção da UFBA, verificou-se, no seu terceiro ano de existência da instituição,

uma grave crise de incompatibilidade administrativa entre a diretora da Escola e o reitor da universidade. Nem a visita de Edith de Magalhães Fraenkel à Bahia, solicitada pela reitoria, conseguiu amenizar o quadro, agravado ainda, logo após, pelo pedido de demissão de parte do corpo docente da EEUFBA, que em sua maioria, era constituído de enfermeiras diplomadas pela EEUSP⁽¹⁰⁾.

Em estudo sobre a trajetória de Haydée Guanais Dourado, esta refere que em relação a seu afastamento pelo reitor da UFBA, apresentou resistência para saída, a diretora estava feliz com seu cargo e com o avanço da EEUFBA e não apresentou demissão, apesar das investidas do reitor nesse sentido. A diretora ainda demonstrou coragem ao não manifestar seu descontentamento com a postura do reitor, nem a ele, nem a outros. Por esse motivo o reitor solicitou interferência do Ministro da Educação e Saúde Pública Clemente Mariani Bittencourt que implicou no chamamento da diretora de volta para sua repartição⁽¹⁹⁾.

Destaca-se que, do primeiro grupo docente que compôs a EEUFBA na fase de implantação e que se afastaram da escola em solidariedade a Haydée Guanais Dourado, seis foram oriundas da segunda turma de graduadas da EEUSP (1947), a mesma turma que graduou a nova diretora, Jandira Alves Coelho. Eram elas: Maria Cleide Teixeira Barroso (a única que permaneceu na Bahia), Maria Perales Aires, Isabel Maria de Mesquita, Jacy de Souza Moraes, Olga Verderese e Celina Jaeger Birnfeld.

Essas professoras compuseram “o primeiro grupo de bolsistas do SESP, oriundas de vários estados do Brasil, às quais caberiam replicar o aprendizado em seus locais de origem. A notícia reiterava a exequibilidade da política de Getúlio Vargas e a efetividade do Programa de Enfermagem”^(17:615)

Entretanto, observa-se que Haydée Guanais Dourado colaborou com a transição da gestão. Por exemplo, a participação do ilustre Anísio Teixeira (educador ilustre e Secretário Estadual de Educação e Saúde da Bahia no período) contou com a intervenção de Haydée Guanais Dourado que procurou o conterrâneo utilizando-se o fato de ser ex-aluna do sociólogo Donald Pierson. Nesse encontro descobre a admiração do educador pelo colégio em que estudou, prontificando-se a ministrar aulas para as professoras de enfermagem e autorizando a seleção de professoras para a realização do curso de enfermagem. Para esta, a primeira turma foi escolhida “a dedo”, pois seriam o reflexo do ideal da enfermagem para as turmas seguintes^(19:280).

Havia grande preocupação com a construção da imagem da enfermeira na Bahia. As primeiras oito alunas da EEUFBA foram entrevistadas e avaliadas quanto ao traço de

personalidade, nível de conhecimento cultural e intelectual, e pertenciam, em sua maioria a famílias com representação econômica e social. A exemplo, pode-se citar Maria Julieta Calmon Villas Boas, aluna da primeira turma da Escola, descendente de uma família com vínculos econômicos e financeiros na Bahia importantes nos séculos XIX e XX⁽²⁰⁾ - Maria Julieta Calmon Villas Boas foi líder bandeirante antes de cursar enfermagem e, na Escola, assumiu papéis de liderança como presidência do Diretório Acadêmico e líder da turma.

A percepção de Anayde Corrêa de Carvalho quanto à forma de seleção era diferente. Para ela, os contatos e o prestígio da família e/ou da aluna não eram importantes, pois o que buscavam eram alunas com perfil para a profissão. Entretanto, possuía o propósito da manutenção da qualidade do curso, conservando o projeto político pedagógico implantado por Haydée Guanais Dourado e os passos dados por Jandira Alves Coelho, moldando-os de acordo com a sua personalidade.

No relatório de atividades da EEUFBA do ano de 1951, assinado pela professora Nilza Garcia e vistoriado por Anayde Corrêa de Carvalho, reafirma-se o comprometimento profissional no período que esteve à frente da direção da Escola, ao registrar a impossibilidade em desenvolver os campos de prática em Salvador, dada a ausência de um Serviço de Enfermagem de Saúde Pública na Secretaria de Saúde do Estado⁽²¹⁾. Houve tentativa de preparar o campo com os pacientes que frequentavam o ambulatório do Hospital das Clínicas, mas percebeu-se que não era possível, pois não podiam desenvolver a prática de Higiene Materna e Infantil e nem os exames periódicos de saúde, por não se enquadrarem nos moldes do hospital.

No que concerne à ABEn, percebe-se, por meio do discurso de ACC e da análise da história da Associação, o investimento e a dedicação de suas lideranças, em busca da criação de espaços que fortalecessem a associação e seus propósitos. A ABEn não representava apenas uma congregação de caráter cultural, educacional e científico, mas de formação política para a luta coletiva⁽²²⁾.

Anayde Corrêa de Carvalho dedicou-se à construção do documentário de 50 Anos da ABEn por 5 anos⁽³⁾. As viagens realizadas para a coleta de dados e entrevistas foram custeadas por ela, incluindo a datilografia e as cópias. Segundo ela, a ABEn estava com o caixa baixo para custear a pesquisa.

O livro “Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), Documentário 1926-1976” é considerado um legado para a História da Enfermagem Brasileira por diferentes pesquisadores. A dedicação para sua elaboração a fez abdicar da seleção para doutorado

oferecido aos docentes da EEUSP em 1971, por acreditar que não teria como conciliar as duas atividades e concluí-las com a qualidade exigida⁽³⁾.

Depreende-se que a experiência vivenciada em 1963, atuando simultaneamente em diferentes instâncias: redatora e coordenadora de comissões na ABEn e professora da EEUSP, seu compromisso profissional, a fez repensar e priorizar o desenvolvimento do documentário da ABEn em detrimento de outras atividades, visto que o acúmulo de funções poderia resultar em uma nova frustração.

É considerada a obra mais completa e fidedigna obra sobre a ABEn, seja pelo volume de informações, seja pelo registro minucioso do meio século da associação, suas lutas e conquistas. Por sua importância, a obra recebeu nova edição em 2006, mas o conteúdo produzido por ACC permaneceu o mesmo^(6,23). O livro é considerado um patrimônio, um legado a ser passado para as próximas gerações de enfermeiros que lutam pela enfermagem e pela memória da ABEn e da profissão.⁽²³⁾

Também em entrevista ACC destaca a importância do avanço científico e da arte da enfermagem, mas que a humanização deveria sempre ser o norte que direciona a profissão. O paciente deve ser o centro do cuidado e não apenas um objeto de estudo⁽⁶⁾.

Apesar de sua grande contribuição para a enfermagem brasileira Anayde Corrêa de Carvalho foi uma pessoa mais de bastidores que holofotes, fato que fez seu nome passar de forma despercebida algumas vezes na História da Enfermagem Brasileira⁽⁶⁾. Nesse sentido, o presente trabalho buscou colaborar com um novo olhar para a história, para os bastidores e seus personagens pouco visíveis ou por vezes invisíveis.



Figura 2. Anayde Corrêa de Carvalho em janeiro de 2015. Fonte: arquivo da pesquisadora. Reprodução autorizada por Anayde Corrêa de Carvalho.

CONCLUSÃO

A trajetória pessoal e profissional de Anayde Corrêa de Carvalho nos aponta a importância de uma enfermeira que contribuiu para o reconhecimento e o desenvolvimento da enfermagem. Demonstrou ser uma enfermeira dedicada aos estudos, séria, comprometida e com postura ética – atributos que a tornaram uma referência para a profissão.

A relevância dos trabalhos desenvolvidos por Anayde Corrêa de Carvalho na EEUSP e os cargos assumidos na ABEn, em especial a elaboração do *Documentário da ABEn (1926-1976)*, trouxeram contribuições importantes para a construção da identidade profissional.

Na condição de diretora da EEUFBA cumpriu os objetivos traçados em sua gestão e designados por Edith Fraenkel ao ser encaminhada à Bahia: a continuidade do “currículo vivo” e preparação das alunas para que estas pudessem assumir a EEUFBA.

Seu envolvimento e seu reconhecimento da importância da ABEn para a formação da enfermeira a fez lutar em prol da categoria junto à associação, destacando sua atuação na educação e na pesquisa.

Suas realizações estão marcadas na História da Enfermagem Brasileira, em especial a grande obra por ela materializada, que retrata minuciosamente os 50 anos da Associação Brasileira de Enfermagem. Por tudo isso, prestamos uma homenagem ao centenário de Anayde Corrêa de Carvalho.

REFERÊNCIAS

1. Sanna MC. Biografia. In: Oguisso T, Campos PF, Freitas GF (orgs.). Pesquisa em história da enfermagem. 2ª ed. Barueri, SP: Manole; 2011. p. 301-38.
2. Bloch ML. Apologia da história ou o ofício de historiador. Trad. André Teles. Rio de Janeiro: Zahar; 2001.
3. Oguisso T. Trajetória profissional de Amália e Anayde Corrêa de Carvalho. In: Oguisso T, Freitas GF, González JS. Enfermagem: história, cultura dos cuidados e métodos. Rio de Janeiro: Águia Dourada; 2016. p. 29-66.
4. Meihy JC, Holanda F. História oral: como fazer, como pensar. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto; 2014.
5. Franco ML. Análise de conteúdo. 4ª ed. Brasília, DF: Liber Livro; 2012.
6. Oguisso T, Campos PF, Santiago ES, Luchesi LB. Anayde Corrêa de Carvalho: legado histórico para a enfermagem brasileira. Cultura de los Cuidados [Internet].

- 2013 [cited 2016 May 3];17(37):30-41. Available from: <http://rua.ua.es/jspui/handle/10045/35064>
7. Furtado AC. História de uma instituição escolar católica: o colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Ribeirão Preto no cenário do interior paulista (1918-1944). *Cadernos de História da Educação*. 2015;14(2):483-503.
 8. Oliveira MI. Emergência e inserção da Escola de Enfermagem na comunidade acadêmica da Universidade da Bahia. In: Fernandes JD (coord.). *Memorial Escola de Enfermagem: 1946-1996*. Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia; 2001. p. 17-50.
 9. Vilas Boas MJ. *Diário dos primeiros anos da Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia*. Salvador: NUMEE; [19--].
 10. Carvalho AC. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo: Resumo Histórico, 1942-1980. *Rev Esc Enf USP*. 1980; 14: p xxx-xxx
 11. Lima RJO, Lima RAG, Sanna MC. Anayde Corrêa de Carvalho. In: Almeida Filho AJ et al (Orgs). *História de vida de enfermeiras brasileiras: contribuição para o desenvolvimento da enfermagem [livro eletrônico]* Brasília: ABEn, 2016.
 12. Campos AL, Nascimento DR, Maranhão E. A história da poliomielite no Brasil e seu controle por imunização. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*. 2003;10(2):573-600.
 13. Carvalho AC. *Associação Brasileira de Enfermagem 1926-1976 – Documentário*. 2ª ed. Brasília: ABEn; 2008.
 14. Leite JL, Paim L. A trajetória do Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem. *Memória ABEn. Jornal da Associação Brasileira de Enfermagem, Brasília [Internet]*. 2006 [cited 2016 May 3];48(2):18-20. Available from: http://www.abennacional.org.br/home/download/atrajetoriadocentro_de_estudos_e_pesquisas_em_enfermagem.pdf
 15. Menezes AS, Sanna MC. Produção do conhecimento sobre história da enfermagem na pós-graduação stricto sensu brasileira (1988-2011). *HERE [Internet]*. 2014[cited 2016 May 3];5(2):146-68. Available from:<http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol5num2artigo11.pdf>
 16. Martins PC. Práticas e representações femininas do Catolicismo à cultura letrada: O modelo civilizatório europeu sobre o Brasil, no início do século XX. *Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH*. 2010;a.III(8):183-210.

17. Campos PF. Memorial de Maria de Lourdes Almeida: história e enfermagem no Brasil pós-1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. 2013;20(2):609-25.
18. Campos PF, Oguisso T. A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da Enfermagem Brasileira. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2008 [cited 2016 May 3];61(6):892-8. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000600017
19. Barreira IA, Baptista SS. Haydée Guanais Dourado: carisma e personalidade a serviço de um ideal. *Rev bras enferm*. 2002 jan-fev;62(3):275-92.
20. Baumann ES. O arquivo da família Calmon à luz da arquivologia contemporânea. 2011. Dissertação (mestrado) – Escola de Enfermagem da Universidade/UFBA.
21. Garcia NM. Relatório do ano de 1951. Salvador: NUMEE; [3 de janeiro de 1952].
22. Silva FV. ABEn 80 anos: espaço, memória e ação. *Jornal da Associação Brasileira de Enfermagem*. 2006;48(1/2).
23. Barreira IA. Depoimento escrito. In: Carvalho AC. Associação Brasileira de Enfermagem 1926-1976 – Documentário. 2ª ed. Brasília, DF: ABEn; 2008. Contracapa.

4.3 Artigo 3 - Maria José de Oliveira: trajetória de vida e contribuições para a construção da identidade profissional da enfermeira na Bahia

Maria José de Oliveira: trajectory and contributions to the construction of the nurse professional identity in Bahia

Maria José de Oliveira: trayectoria de vida y las contribuciones a la construcción de la identidad profesional de la enfermera en Bahía



Figura 1. Maria José de Oliveira em sua formatura, em 1950

Resumo

Objetivo: Descrever aspectos biográficos de Maria José de Oliveira, analisar sua trajetória de vida e apontar suas contribuições para o desenvolvimento da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. **Métodos:** pesquisa descritiva, histórica, cujo objeto foi a história de vida de Maria José de Oliveira. Tratou-se de pesquisa exploratória-descritiva, realizada por meio da história oral de vida coletada na residência da colaboradora, no período de março a abril de 2015, além de pesquisas em fontes primárias pertencentes ao Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem. **Resultados:** A história de vida de Maria José de Oliveira esteve pautada em uma formação profissional ética, íntegra e de valorização da imagem da enfermeira e da Escola de Enfermagem. **Conclusão:** Seu comprometimento profissional e luta em prol da enfermagem leva à compreensão da conformação da Escola de Enfermagem, em seus aspectos políticos-pedagógicos, ideológicos, e na afirmação da enfermeira na Bahia.

Palavras-chave: Enfermagem; História da Enfermagem; História Oral de Vida.

Abstract

Objective: To describe the biographical aspects of Maria José de Oliveira, to analyze the trajectory of her life, and to verify her contributions to the development of the School of Nursing of *Universidade Federal da Bahia*. **Methods:** This is a historical and social study, whose object was the history of the life of Maria José de Oliveira. This is an exploratory-descriptive study, carried out with an oral history of life in the residence of the collaborator, between March and April 2015, as well as with research in primary sources of the *Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem*. **Results:** The history of life of Maria José de Oliveira has been guided by an ethical and fair vocational formation, and the valorization of the image of the nurse. **Conclusion:** The professional commitment and the fight of Maria José de Oliveira in favor of nursing ensure the understanding the formation of the Nursing School, in its political-pedagogical aspects, ideological, and nurse affirmation of Bahia.

Keywords: Nursing; History of Nursing; Oral History of Life.

Resumen

Objetivo: Describir los aspectos biográficos de Maria José de Oliveira, analizar su camino de vida y señalar sus contribuciones al desarrollo de la Escuela de Enfermería de la *Universidade Federal da Bahia*. **Métodos:** Este es un estudio histórico social, cuyo objeto fue la historia de la vida de Maria José de Oliveira. Fue una investigación exploratoria y descriptiva, llevado a cabo a través de la historia oral de la vida, en la residencia del colaborador en el período marzo a abril de 2015, así como la investigación en fuentes primarias pertenecientes al *Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem*. **Resultados:** La historia de vida de Maria José de Oliveira se ha guiado por una formación ética y con integridad, y la apreciación de la imagen de la enfermera. **Conclusión:** Su compromiso profesional y la lucha por la enfermería de

Maria José de Oliveira lleva a entender la conformación de la enfermería en aspectos político-pedagógicos y ideológicos, y la enfermera en el Estado de Bahía.

Palabras-clave: Enfermaría; Historia de la Enfermería; Historia Oral de la Vida.

INTRODUÇÃO

O dia 12 de março de 2017 marcará os 70 anos da aula inaugural da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA). Esta data também marca a comemoração dos 70 anos da institucionalização da Enfermagem Moderna no Estado, e de seu desenvolvimento e reconhecimento pela sociedade baiana, enquanto profissão de nível superior. Nesse contexto, Maria José de Oliveira, formada em 9 de dezembro de 1950¹, foi aluna da primeira turma da EEUFBA e dedicou 39 anos de sua história de vida à profissão e à Escola de Enfermagem, contribuindo de forma singular para a construção delas.

Pertencente a uma época em que a emancipação da mulher ganhava significado, com conquistas no espaço público, na escolarização e na ocupação do mercado de trabalho², Maria José era detentora de ideais que a levaram a buscar espaço nessa nova condição feminina. Sua dedicação e comprometimento com a EEUFBA deu-se mediante a atuação como professora, vice-diretora e diretora da escola. Atuou ainda como Chefe de Enfermagem do Hospital das Clínicas, do Serviço Médico Universitário e na presidência da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) – Seção Bahia. Os cargos ocupados a destacaram enquanto liderança com características pessoais, culturais e profissionais reconhecida por seus pares.

Nesse contexto, a motivação pelo estudo da história de vida de Maria José de Oliveira surgiu da inquietação em conhecer a história de mulheres que participaram e atuaram diretamente na profissão da enfermagem, contribuindo para seu desenvolvimento, e que provocaram mudanças com implicações na assistência, educação, ensino e/ou pesquisa. A discussão contemporânea da história da enfermagem permite o debate sobre a identidade da

profissão à sociedade e aos estudiosos de áreas afins, pois as pesquisas históricas de atores sociais na enfermagem são utilizadas para compreensão de sua prática e identidade³.

A importância do estudo fundamenta-se no fato de que a enfermeira Maria José pode ser considerada figura representativa de seu grupo social e da enfermagem baiana à época, tendo se destacado em sua profissão. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo descrever aspectos biográficos de Maria José de Oliveira, analisar sua trajetória de vida e apontar suas contribuições para o desenvolvimento da EEUFBA.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva, histórica, de abordagem qualitativa, que utilizou o método da história oral de vida, pois entende-se que, por meio dela, temos a compreensão do sujeito do qual se trata, como um indivíduo único e singular em nossa história. A história oral traz para o presente a postura do sujeito com relação à história e às configurações socioculturais, privilegiando "a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu"^{4:32}. Diante disso, a presente pesquisa não busca a verdade sobre Maria José de Oliveira, mas compreender o presente por meio da análise do passado de sua trajetória de vida, sem justificá-la ou condená-la⁵.

Os dados foram obtidos por meio de entrevistas realizadas com Maria José, em sua residência, no período de março a abril de 2015, direcionadas por um roteiro semiestruturado previamente elaborado, contendo questões que serviram de apoio para a construção da narrativa.

Primeiramente, ela foi orientada quanto aos objetivos do estudo e que o mesmo estava vinculado ao projeto de pesquisa intitulado Militância Política de Enfermeiras no Estado da Bahia, aprovado em Comitê de Ética em Pesquisa da EEUFBA, sob parecer 663.359. Após os esclarecimentos e o aceite da entrevistada, solicitou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta ocorreu em três momentos distintos (19 e 30 de março de 2015 e 24 de abril do mesmo ano). Cada entrevista teve duração aproximada de 2 horas, respeitando a relação estabelecida entre entrevistador e entrevistada, e as circunstâncias particulares pessoais da colaboradora que existiram no momento da coleta. Cada um dos momentos permitiu aprofundar o diálogo e refletir o passado⁴.

Além disso, as entrevistas foram filmadas, buscando constituir arquivos especializados em fontes orais, que devem possibilitar a outros pesquisadores o estudo de tempos passados⁶. Em seguida, foram editados os trechos que a colaboradora não concordou em incluir após a revisão das gravações. A filmagem permitiu a análise de comportamentos verbais e não verbais da colaboradora, ampliando a observação e a descrição dos dados, e a formulação de novas perguntas e respostas, que respondessem aos objetivos traçados^{6,7}.

As fontes orais obtidas foram transcritas, transcriadas e submetidas à entrevistada, para que realizasse o ato de conferência e a validação, e assinasse do Termo de Transferência de Direitos Autorais, o qual forneceu respaldo legal para trabalhar com o material coletado⁶.

Foram ainda utilizadas fontes primárias, como ofícios, relatórios, atas, jornais, regimentos e fotografias pertencentes ao acervo pessoal da colaboradora e ao Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem (NUMEE), assim como leitura de outras fontes documentais e bibliográficas: dissertações, teses, livros e artigos publicados em periódicos científicos.

Para o desenvolvimento do desenho metodológico, projetou-se a triangulação dos dados, analisando-os pela técnica de Análise de Conteúdo Temática. Os dados coletados foram organizados em dois eixos temáticos, direcionadores da análise: Origens – de Jequié a Salvador: Construção da Identidade Social; e a Trajetória na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. A utilização do tema como unidade de análise possibilitou

incorporar o “aspecto pessoal atribuído pelo respondente acerca do significado de uma palavra e/ou sobre as conotações atribuídas de um conceito”^{8:45}.

Em cada eixo temático, emergiram Unidades de Contexto e Unidades de Registro. A primeira imprime significado às unidades de análise, considerada “pano de fundo” para compreensão das Unidades de Registro, as menores parte do conteúdo e que expressam o real significado do contexto⁸. Definidas as Unidades de Contexto e de Registro, estas foram aglutinadas conforme a proximidade de seus significados, e as categorias a serem discutidas em cada eixo temático foram listadas, considerando a conjuntura histórica da época.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De Jequié a Salvador: Construção da Identidade Social

Maria José de Oliveira nasceu em 16 de janeiro de 1919, no município de Jequié (BA), data marcada pelo falecimento do presidente eleito Francisco de Paula Rodrigues. Nesse período, o país passava por profundas transformações políticas e sociais decorrentes da aceleração do crescimento industrial. Eram grandes o descaso dos governantes com a população e a corrupção política, e as condições de vida e trabalho da classe operária era péssimas. A defesa a favor de mudanças no sistema educacional e “garantias de saúde e habitação para os operários, salário mínimo para todos os trabalhadores e proteção para a mulher que trabalha”^{9:341} foram temas frequentes das pregações políticas de Ruy Barbosa como cogentes para atender às necessidades do país¹⁰.

Alguns anos depois, tais discussões se intensificaram diante das condições sanitárias da população. O Brasil passou a ser visto internacionalmente como um país com precárias condições de saúde, sem intervenções políticas, condicionando o Estado a assumir as questões de saúde como uma de suas atribuições. Assim, a saúde pública adquiria nova dimensão, e o ensino da Enfermagem Moderna foi primordial para a formação de uma força de trabalho

qualificada, que pudesse contribuir à redução dos índices de mortalidade infantil e no estado precário de higiene que assolavam o período^{11,12}.

Nesse contexto, Maria José consolidava seu desempenho intelectual em Jequié. Esta era uma cidade do interior da Bahia marcada por protagonizar episódios importantes na história estadual no início da década de 1910. Foi cenário da disputa política entre o governo do Estado e Federal, decorrente da decisão inusitada do então Presidente da Assembleia Legislativa do Estado, Aurélio Viana Rodrigues, que, ao assumir o governo, em 1911, após a renúncia do governador Araújo Pinho, transferiu a capital da Bahia para Jequié, juntamente dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. A imediata reação do Governo resultou no bombardeio à cidade de Salvador, dando origem ao incêndio que destruiu a Biblioteca Pública da Bahia (1811), detentora de um acervo de obras raras, jornais e documentos baianos⁹.

Maria José é filha única do casal Zulmira Paixão Oliveira e Deutiride Santos Oliveira. Sua mãe ficou viúva ainda durante a gestação, aos 25 anos, após o falecimento precoce de seu pai, com 31 anos de idade, vítima de um mal-estar súbito. Após a viuvez, Dona Zulmira não quis casar-se novamente, pois tinha receio que um novo companheiro não desempenhasse o papel de pai que ela desejava à sua filha, e resolveu criá-la com o apoio da família.

Descendente de um núcleo familiar pequeno, Maria José foi a primeira filha, a primeira neta, a primeira sobrinha, obtendo muita atenção de todos com quem convivia. Segundo ela mesma afirma:

[...] fui muito dengada pela família... Durante toda a minha vida eu fui assim... recebendo o carinho de todos os lados. (Dep. M.J.O, 2015).



Figura 2. Maria José Oliveira com aproximadamente 5 anos de idade, em fotografia oferecida como lembrança à sua tia materna. Jequié (BA), Brasil. **Fonte:** acervo pessoal de Maria José Oliveira. Reprodução autorizada por Maria José de Oliveira.

Os valores atribuídos à mulher no início do século XX, pós-Revolução Industrial, restringiam-se à esfera doméstica, à procriação e aos cuidados da casa e dos filhos, sendo a educação considerada importante para o exercício do papel de mãe. A formação de mulheres em profissões de nível superior ainda era recente e caminhava a passos lentos, pois o trabalho feminino remunerado, qualificado e fora do lar era considerado pela sociedade da época um agente desorganizador da família e capaz de restringir o espaço do homem no mercado de trabalho¹³.

Entretanto, a dedicação e a sensibilidade de Dona Zulmira, despida desses conceitos, possibilitou à jovem Maria José seguir o caminho por ela escolhido. Não descendia de família tradicionalmente rica e influente na cidade de Jequié, mas possuía condições de obter um ensino de qualidade. Dona Zulmira tinha posses (casas alugadas), de onde extraía a renda para que pudessem viver sem maiores preocupações financeiras.

A formação familiar e escolar de Maria José se deu por muito tempo no interior da Bahia. Aos 5 anos de idade iniciou os estudos em uma escola pública, orientada pela professora Maria Écia de Menezes, visto que, na cidade, à época, ainda não possuía escolas

particulares. Pouco tempo depois, transferiu-se para a escola Professora Faraildes Santos, atual Colégio Estadual Faraildes Santos, onde terminou o curso primário.

Em 1935 foi inaugurado o Ginásio de Jequié, o primeiro ginásio da cidade e pioneiro no ensino secundário¹⁴. A ela fora concedida uma bolsa, por seu padrinho João Braga, um dos fundadores da instituição de ensino. No ginásio, Maria José concluiu o ensino normal e estudou disciplinas de inglês e francês. Nesse sentido, percebe-se que as articulações políticas e as relações sociais construídas ao longo dos anos foram contribuintes para sua formação.

Aos 15 anos, indicada pelo juiz de direito de cidade, Dr. Mário Lins, amigo de sua avó materna, Liberata dos Santos Paixão, Maria José passou a trabalhar na prefeitura da cidade. Ela fora encaminhada para um cargo administrativo de digitadora, mas não se conformava com a limitação que o cargo técnico lhe proporcionava. Ela se sentia intelectualmente capaz de exercer outras atividades e passou também a redigir documentos administrativos.

Me mandou dizendo que era para eu escrever na máquina! Mas eu nem escrevia direito! Eu batia tudo errado e jogava os papéis fora e ficava esse monte de papel lá! Eu disse: não gosto de fazer isso não! Eu quero fazer outras coisas! Me deram outra atividade para eu fazer, para eu redigir as coisas. Era o que eu gostava! Foi assim que eu comecei! (Dep. M.J.O, 2015)

Após concluir o nível secundário em 1939¹⁵, dirigiu-se a Salvador com o intuito de prestar vestibular para odontologia. Ficou hospedada por um período na casa de familiares do Diretor do Ginásio em que estudara em Jequié, sogro do professor Trípoli Francisco Gaudenzi – o responsável por lhe apresentar a Escola de Enfermagem.

Nesse período, primeira metade do século XX, o trabalho feminino era reconhecido quando desempenhado por mulheres solteiras e se “estivesse relacionado a profissões que exigiam qualidades consideradas inatas às mulheres (parteira, professora primária, enfermeira) ou voltadas para a clientela feminina e infantil (medicina, odontologia)”^{13:104}.

Maria José sempre desejou cursar odontologia, mas foi convencida por Dr. Trípoli a cursar enfermagem. Segundo o Dr. Trípoli, já existiam muitos dentistas na Bahia e o “novo”

curso de enfermagem seria uma oportunidade de trilhar novos caminhos. O professor da Faculdade de Medicina da Bahia tinha sido apresentado, juntos dos demais professores da Escola de Medicina, pelo Dr. Edgard Santos à Diretora da Escola de Enfermagem, para que ela pudesse falar sobre o novo curso, a fundação da Escola, os objetivos e o que iria desenvolver em relação à medicina na Bahia. Entusiasmado com a descrição de Haydée Guanais Dourado sobre o curso de enfermagem e seus objetivos, Dr. Trípoli orientou Maria José a procurá-la, para ouvir um pouco sobre a “nova” profissão que ela não conhecia.

Aí me encaminhei para conversar com Dona Haydée. Eu disse à Dona Haydée que eu não conhecia enfermagem, que eu queria fazer era odontologia, mas que Trípoli estava me encaminhando para a enfermagem e eu gostaria que ela me dissesse alguma coisa sobre esta profissão que eu nunca tinha ouvido falar. Então, Dona Haydée, do jeito que ela era, me falou sobre a enfermagem, sobre a fundação da Escola, a ligação dela com o doutor Edgard [...] Me convenceu! Eu fiquei tão encantada com o que ela me falou que na mesma hora eu desisti de odontologia e resolvi fazer enfermagem. (Dep., M.J.O, 2015)

Atendendo a critérios para a escolha das alunas que comporiam a primeira turma da EEUFBA, Maria José submeteu-se a um processo seletivo realizado sob supervisão da Diretora e da Vice-Diretora da Escola. A primeira turma deveria ser o espelho da enfermagem na Bahia e, para isso, era preciso rigor ao selecionar o grupo que representaria a moderna profissão. Assim, Maria José foi submetida à entrevista e à redação de um texto que retratasse sua história de vida.

Era uma redação. Tudo escrito! Entregava à Dona Haydée e ela avaliava para ver se.... Foram 20 candidatas que se apresentaram do grupo. 10 foram escolhidas e no final 10 não! 10 foram escolhidas e, das matriculadas, 8 se apresentaram na Escola. [...] fazíamos a entrevista e depois pediam para a gente fazer uma redação. Nós entregamos as duas coisas. Era muito exigente. (Dep., M.J.O, 2015)

Ressalta-se que a realidade social do Brasil na década de 1940 elitizava o trabalho da enfermeira, critério exigido para o credenciamento em escolas equiparadas ao modelo proposto pelas norte-americanas ao implantar a Escola de Enfermagem Anna Nery. A Enfermagem Moderna restringia o número de profissionais como um mecanismo de atrair

mulheres “mais preparadas, oriundas de classe médias, uma vez que o contingente existente era considerado ignorante”^{16:611}.

A primeira aula, inaugurada no dia 12 de março de 1947, ministrada por Haydée Guanais Dourado, foi sobre Ética e História da Enfermagem. Nesta oportunidade, o pequeno grupo, formado por oito estudantes, elegeu a representante da classe e do Diretório Acadêmico Julieta Calmon Villas Boas, tendo como Secretária Maria Ivete Ribeiro de Oliveira e sua primeira tesoureira, Maria José de Oliveira. Segundo Maria José, o objetivo inicial do diretório era a discussão dos interesses comuns das alunas, para levá-los posteriormente à diretora.

Nesse período, aos 28 anos de idade, Maria José trabalhava no serviço da Secretaria de Saúde do Estado, emprego oferecido pelo interventor do Estado da Bahia, Juracy Magalhães. No entanto, foi obrigada a abandoná-lo, visto que não teria como conciliá-lo com o curso de enfermagem. Demonstrava-se, neste momento, sua dedicação, seu compromisso e sua postura ética à profissão que escolhera.

Tendo em vista a necessidade de custeio em Salvador, sua colega de turma Julieta Calmon Villas Boas pleiteou, junto à Dona Margarida Costa Pinto, uma bolsa de estudos para a Escola de Enfermagem. Dessa maneira, a primeira bolsa de estudos na EEUFBA lhe foi concedida.

Em sua trajetória acadêmica, Maria José presenciou a saída de Haydée Guanais da Escola de Enfermagem após os vários enfrentamentos vividos com o reitor Edgard Santos. Aprendeu com sua diretora a importância da valorização do trabalho da enfermeira para o reconhecimento profissional. Tal visão a levou a apresentar à sociedade baiana a geração de enfermeiras com nível superior e a garantir a integração docente-assistencial. Após a saída de Haydée da escola e das professoras que foram solidárias a ela, Jandira Coelho, a nova

diretora, foi aguardada por aproximadamente 15 dias. Este foi um momento de muito pesar entre as alunas. Haydée Guanais era admirada por todas.

[...] a enfermagem toda na Bahia, todos os dias eu digo: deve a Haydée Guanais Dourado! Foi quem botou firme! Quem desenvolveu a turma de 1950, de 1951, de 1952, de 1953.... Tudo dependeu de Haydée! As outras foram diluindo e levando a coisa! (Dep., M.J.O, 2015).

Nesse sentido, buscando manter o alto padrão da escola e o espírito de união deixado por Haydée e por suas antigas professoras, o corpo discente trabalhou para “continuarem a construir o futuro, para manterem o espírito que nossas professoras nos deixaram, e mantermos bem alto o padrão da Escola”¹⁷.

Em 26 de novembro de 1949, Maria José embarcou para a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP) para cumprir os estágios que não possuíam campos de prática na Bahia. Durante a viagem, ela passou pela capital do país, Rio de Janeiro, para participar do III Congresso Nacional de Enfermagem, que versou sobre a enfermagem em saúde pública, a organização da enfermagem no nível internacional, o currículo mínimo e a regulamentação da lei 775/49, no qual a Escola de Enfermagem Anna Nery já não era mais referenciada como Escola Oficial Padrão¹⁸.

Ao chegar à EEUSP, passou a morar na residência da Escola de Enfermagem junto das demais colegas paulistas. Implantada com o surgimento da Enfermagem Moderna no século XIX, a residência era uma forma de educação integral. Seu modelo seria também implantado na Escola da Bahia, em vias de inauguração. Em sua passagem pela EEUSP, Maria José realizou os estágios de especialidades (psiquiatria, neurologia, obstetrícia e moléstias contagiosas) e Saúde Pública, realizados em São Paulo e no interior.



Figura 3. Estágio de Saúde Pública Rural. Da direita para a esquerda: Luci, Maria José de Oliveira, Zélia, Doroty. Araraquara (SP), Brasil, maio de 1950. **Fonte:** acervo pessoal de Maria José de Oliveira. Reprodução autorizada por Maria José de Oliveira.

Ao retornar de São Paulo, em 18 de novembro de 1950, na companhia de sua colega de classe, Julieta Calmon, ela aguardava ansiosamente o dia da formatura, que aconteceria em 9 de dezembro do mesmo ano, data em que também seria inaugurada a Escola de Enfermagem e se encerraria o IV Congresso Nacional de Enfermagem, com a abordagem *Trabalhemos para Fortalecer a Enfermagem nas Américas*. No congresso na Bahia, foram discutidos “os desdobramentos da nova lei 775/49; o surgimento das especialidades; a organização da enfermagem em nível internacional e o programa de cooperação Brasil-EUA”¹⁹. Nele, estiveram presentes participantes estrangeiros, como a vice-presidente e a secretária da Associação Internacional de Enfermeiras.

Na colação de grau, compuseram a mesa o Ministro da Educação e Saúde, Pedro Calmon (tio da oradora da turma, Julieta Calmon Villas Boas); o Dr. Adriano Pondé, paraninfo da turma; o Sr. Arcebispo Primaz do Brasil, D. Augusto Álvaro da Silva; e o representante do Governo do Estado¹⁶.

A escolha do professor Adriano Pondé para paraninfo ocorreu após a recusa de Haydée Guanais ao convite feito por suas ex-alunas.

Nós queríamos a Dona Haydée para ser a nossa paraninfa. Mas a Dona Haydée fez uma carta dizendo que não podia aceitar nossa escolha porque o Dr. Edgard não levava a bom nós sermos representadas com ela como paraninfa. E que isso poderia prejudicar a nossa convivência com o reitor. Mandou uma lista de nomes, mas nós escolhemos o Dr. Adriano Pondé como nosso paraninfa. (Dep., M.J.O, 2015)

Apesar de Haydée não ter aceitado a solicitação da primeira turma que selecionara para representar a enfermagem na Bahia, ela esteve presente na solenidade. Ressalta-se que Haydée veio a Salvador como congressista no IV Congresso Nacional de Enfermagem. A presença de Haydée na colação de grau demonstrou sua integridade e determinação, e, ao mesmo tempo, a relação de respeito e preservação das suas ex-alunas, reafirmando a personalidade em que Maria José e suas colegas se espelharam.

Em 16 de dezembro de 1950, Maria José tomou posse do cargo de professora da EEUFBA e Enfermeira da Clínica Médica do Hospital das Clínicas. Iniciaria uma história de dedicação à profissão de enfermeira e à EEUFBA.

A Trajetória na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

Diplomada em 9 de dezembro de 1950, Maria José foi nomeada, 1 semana após sua formatura, professora da Escola de Enfermagem e enfermeira da Clínica Médica do Hospital das Clínicas. O trabalho como enfermeira iniciou perante ao desafio de valorização de sua imagem profissional. A profissão de enfermeira era pouco conhecida não apenas pela sociedade, mas pelos médicos que trabalhavam no Hospital das Clínicas e na Escola de Medicina.

Logo após atuar na Clínica Médica do Hospital das Clínicas, ela assumiu a coordenação do Ambulatório de Ginecologia. Ao se apresentar para o serviço, foi hostilizada pelo professor Alício Peltier de Queiroz. Este não acreditava que seu trabalho seria mais qualificado, técnica e cientificamente, que o de sua funcionária sem formação superior, que o acompanhava em suas consultas no interior do Estado. Maria José, em menos de 1 mês de

serviço, demonstrou a qualidade da nova profissão que surgia. O propósito vislumbrado por Haydée Guanais era atingido.

Eu fui a primeira professora da Escola de Enfermagem nomeada! A formatura foi no dia 9 e eu fui nomeada no dia 16 de dezembro. 1 semana depois. Fui trabalhar logo. Comecei e as outras ficaram de folga. Depois, mais tarde, veio a Ivete e a Juju em janeiro e Nilza em fevereiro. A primeira professora da Escola de enfermagem foi eu! A professora indicou. Dona Anayde [...]. Não sei se foi Anayde ou Jandira que apresentou meu nome ao Doutor Edgard e ele logo me nomeou. Fui trabalhar no hospital.... Entrei na primeira semana. Primeiro na Clínica Médica, depois fui para a Ginecologia! Rsrtrs. Quando eu cheguei na ginecologia foi interessante: me apresentei... Professor Alício disse assim: É, boa tarde! Bom dia! Vamos ver o seu trabalho, porque até hoje a melhor enfermeira que eu tive foi dona Clara! Dona Maria.... Não! Foi dona Antônia! Sabe quem era Antônia? Uma servente! Rsrtrs. [...]. Então, ele comparou.... Até hoje, a melhor enfermeira que eu tive foi essa! Quando eu comecei a trabalhar, dentro de um mês ele começou a respeitar o meu trabalho, começou a me dar. (Dep., M.J.O, 2015)

As alunas da primeira turma formada pela EEUFBA traziam uma nova visão da enfermagem para a Bahia. Existiam a preocupação e o cuidado com a imagem da enfermeira, sendo necessário divulgá-la para a sociedade como profissão de nível superior, com competência técnica e científica²⁰. Foram enfermeiras qualificadas, reconhecidas por seu trabalho e, a partir de então, a sociedade baiana passou a se interessar pela profissão e pelo curso de enfermagem da UFBA.

O desempenho e o comprometimento profissional de Maria José a levaram, em julho de 1951, com o afastamento voluntário da professora Alvina Arruda Cruz, a assumir a Chefia do Serviço de Enfermagem do Hospital das Clínicas, sendo, portanto, a terceira Chefe de Enfermagem desse hospital¹ e primeira Chefe de Enfermagem baiana, formada pela EEUFBA, permanecendo no cargo até 1953.

Nesse período, a diretora da escola, Anayde Corrêa de Carvalho, definiu como objetivos de sua gestão a melhoria das condições de ensino, o incentivo das supervisoras ao estudo, o progresso intelectual das alunas, e o esforço em debater entre as professoras e enfermeiras temas de ambas as instituições, destinando as reuniões aos estudos clínicos e análise dos problemas hospitalares¹. A necessidade de aperfeiçoamento dos auxiliares de

enfermagem era um assunto também debatido nessas reuniões, levando à elaboração de um projeto de capacitação desses profissionais que fora enviado ao reitor. Maria José, em sua condição de Chefe de Enfermagem do Hospital, “providenciou um treinamento em serviço destinado às atendentes, visando melhorar a qualidade do atendimento prestado”^{1:36}.

Eu sempre me preocupei com o estudo! Então lá eu fazia um cursinho com os professores de lá mesmo. Os médicos de lá davam aulas para os atendentes, depois davam aulas até para os pacientes. Por exemplo, paciente de ginecologia, paciente de pediatria... Sempre fazia um programa pequeno, mas aplicado à necessidade do serviço. (Dep., M.J.O, 2015)

Durante esse período, no início de 1952, Anayde Corrêa de Carvalho solicitou o seu afastamento da EEUFBA e retornou para São Paulo. A enfermeira Nilza Marques Maurício Garcia, também formada pela primeira turma passou então a assumir a Direção da Escola, tendo Maria José como Vice-Diretora¹.

Concomitante ao cargo de Vice-Diretora, Maria José foi eleita presidente da ABEn-Ba (1952-1954), tornando-se a primeira egressa da Escola de Enfermagem a presidir a Associação de Classe da Bahia. A sede da associação funcionava em uma sala da escola, e as ações e os trabalhos desenvolvidos por ela voltavam-se para a integração-docente assistencial e projetavam-se em um período que as enfermeiras baianas compreendiam a importância da participação na entidade de classe, para que esta fosse representativa e respeitada²⁰. A articulação ensino-serviço demonstrava a visão estratégica de Maria José em aperfeiçoar as atividades do Hospital das Clínicas envolvendo a EEUFBA.

Na década de 1950, a ABEn-Ba teve momentos de 100% de adesão de cerca de 300 enfermeiras que haviam no Estado²⁰. O nascimento da associação na Escola de Enfermagem, oficializada em 12 de maio de 1948, e a presidência exercida até aquele momento por suas docentes aproximavam os interesses de ambas instituições. Nessa posição, Maria José desenvolveu atividades de educação permanente, promovendo cursos de atualização para os profissionais de enfermagem (atendentes de enfermagem e enfermeiras).

A ABEn me deu uma visão maior da aceitação da profissão. Um interesse maior de desenvolver a educação, que sempre foi o meu objetivo, ver a enfermagem dentro da educação. E a ABEn me deu esta oportunidade de criar cursos pequenos, mas valiosos. Não só para as enfermeiras como para as atendentes de enfermagem. Fizemos cursinhos para os hospitais através da Associação. (Dep., M.J.O, 2015)

A ênfase na educação foi uma das prioridades durante a gestão de Maria José na ABEn-Ba. Tais ações corroboravam o que se discutia na conjuntura histórica da época. A melhoria da qualidade da assistência de enfermagem era a principal motivação para que a ABEn-Ba se empenhasse no desenvolvimento de atividades de cunho científico, cultural, político e social, a fim de sustentar, com o apoio de seus construtores, sua história de luta em prol da profissão de enfermagem²⁰.

Próximo ao término de sua gestão na ABEn-BA (1954), Maria José assumiu um novo desafio: a direção da EEUFBA. Nilza Garcia, aproveitando o apoio do Serviço Especial de Saúde Pública e da Fundação Rockefeller para se aperfeiçoar profissionalmente, comunicou, no dia 7 de junho de 1954, seu afastamento da direção da escola para cumprir bolsa de estudos nos Estados Unidos, conferindo a Maria José de Oliveira o cargo de diretora¹. Na mesma data, o reitor Edgard Santos também se afastava da Universidade da Bahia (UBA) para atender à convocação do presidente Getúlio Vargas para assumir o recém-criado Ministério da Educação e Cultura²¹.

Compreendendo a dimensão do papel que assumira e diante da dificuldade em atuar simultaneamente nas duas funções (Chefe de Enfermagem do Hospital das Clínicas e Diretora da Escola de Enfermagem), Maria José afastou-se do Hospital das Clínicas. Entretanto, não poderia o hospital desligar-se da escola, visto que um dos propósitos da construção do currículo de enfermagem era o desenvolvimento do modelo de integração docente-assistencial. Para isso, empossada como Diretora, Maria José contratou uma ex-aluna para assumir o cargo no Hospital das Clínicas.

O cenário político à época não favorecia essa tomada de decisão dela. Era o final da Era Vargas. Apesar das ligações pessoais, políticas e ideológicas do reitor Edgard Santos com Antônio Balbino, então Governador da Bahia, e Juracy Magalhães, que favoreciam a oportunidade de crescimento e firmamento da UBA como unidade modelo de ensino superior²¹, a fragilidade política e as pressões sofridas pelo Presidente da República eram intensas. Naquele momento, não havia qualquer norma de seleção do pessoal docente na EEUFBA¹. Entretanto, Maria José contratou, sob sua responsabilidade, a aluna Hyeda Maria da Gama Rigaud, para assumir o cargo no hospital, sem o consentimento do reitor, por apreender que seria muito difícil atender os interesses das duas instituições.

Teve uma época, quando eu assumi a direção da Escola, eu era chefe da ginecologia do Hospital das Clínicas. Então, para mim ficou muito difícil atender os interesses da direção e os interesses do hospital, lá na escola. Aí, nesse período, teve uma aluna que ia trabalhar no hospital, mas o hospital não podia aceitar. Eu convidei esta menina para vir me substituir na ginecologia. Mas eu não devia ter feito isso! Sabe por quê? Eu sabia que não tinha mais verba para contratar professora! Mas de qualquer modo eu contratei esta menina. [...]. Admiti uma professora sabendo que não tinha verba. E sabe o que foi que ele me disse? Você está parecendo irmã Dulce! Fazendo as coisas, socorrendo as coisas por conta própria! Mas não tem problema. Pode botar essa moça que eu vou admitir mais uma professora. Vou botar verba para mais uma. Aí admitiu Hyeda. (Dep., M.J.O, 2015).

A situação exposta revela o comprometimento profissional e a relevância na proposta da integração docente-assistencial para a escola, além do prestígio frente ao reitor. As relações sociais construídas ao longo dos anos com pessoas influentes da sociedade jequiense e soteropolitana designaram seu posicionamento político e sua identidade social. Por conseguinte, sua construção realizou-se no interior de contextos sociais que determinaram sua maneira de agir e sua posição diante dos desafios enfrentados e, por isso mesmo, orientou suas representações e suas escolhas²²

Destaca-se que, nesse período, Edgard Santos, apesar de estar à frente da pasta do Ministério da Educação e Cultura, não abriu mão de seu reitorado. Esta foi uma das condições impostas ao presidente para que pudesse assumir o Ministério²³. Durante os 80 dias que ficou

à frente do cargo (de 7 de junho a 24 de agosto de 1954), assumiu o reitor em exercício, professor de direito, Orlando Gomes. Este era, para Roberto Santos, o “mais constante e leal dos companheiros de meu pai, nas lutas pela implantação da mentalidade universitária em nosso meio”^{23:92}. Orlando Gomes tornou-se também grande amigo e colaborador de Maria José durante sua primeira gestão como Diretora da Escola de Enfermagem.

Dr. Edgard foi nomeado Ministro. Então, ficou eu sendo diretora da Escola e Dr. Orlando Gomes, o reitor. Ficamos 6 meses. Vivemos um relacionamento muito bom! Dr. Orlando ficou muito amigo meu! Eu aprendi muito com ele! (Dep., M.J.O, 2015).

Durante sua primeira gestão, com o apoio do reitor Edgard Santos, Maria José contribuiu de maneira informal para o que, posteriormente, acarretaria a desanexação da Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina. A filosofia adotada por Haydée Guanais Dourado, que discordava da criação de uma Escola de Enfermagem e um Serviço Social anexos à Faculdade de Medicina, influenciou sua luta pela independência administrativo-financeira da escola. Enquanto diretora, solicitou ao reitor autonomia para compra e assinatura dos empenhos de materiais necessários ao desenvolvimento das atividades da EEUFBA.

Não era mesmo anexada, mas dependia da Escola de Medicina. [...] O diretor da Escola de Medicina, que nessa época era o Dr. Hosannah Oliveira, era quem autorizava as compras da Escola de Enfermagem. Sem o visto dele eu não podia comprar coisa nenhuma! [...] Então atrasava. Queríamos comprar as coisas e demorava... Então, eu fui ao Dr. Edgard, em um dia de reunião com ele e disse: Dr. Edgard, eu não quero criar problema com o diretor da Escola de Medicina, mas eu estou achando que é ruim tanto para ele como para mim... Porque ele assinava as coisas sem saber o que era que estava comprando e eu ficava na dependência dele para liberar a compra do que a Escola estava precisando. O senhor não podia fazer a troca? Dar autorização para a diretora da escola começar a assinar os empenhos? O Dr. Edgard disse assim: olha, você bateu na tecla certa! Hosannah vem me dizendo todos os dias que quer se ver livre da Escola de Enfermagem pois ele assina as coisas para comprar sem ele saber o que é que está comprando! Então eu vou dizer a ele que chegou a hora da gente separar! (Dep., M.J.O, 2015).

A situação foi formalizada em 23 de maio de 1958, por meio do decreto 43.804. “A Escola, enfim, podia administrar seu próprio orçamento e ter vida própria”^{1:55}. Segundo Maria José, este foi um dos seus maiores contributos à EEUFBA.

Maria José colaborou também para a divulgação da profissão no interior do Estado. Foram realizados alguns passeios a cidades da região do semiárido baiano, como Paulo Afonso e Cipó, com o objetivo de apresentar a profissão emergente. Estas cidades, criadas em 1935 e 1948, respectivamente, caracterizavam-se pelo desenvolvimento da malha viária e pela construção de equipamentos públicos, com intuito de urbanizar as cidades do interior e modificar o quadro rural que predominava na Bahia²⁴. Tratava-se de um cenário propício para apresentar a Escola de Enfermagem da Bahia e o perfil de suas alunas.



Figura 4. Turma de 1954 em viagem a Paulo Afonso. Alyde Vieira, Nilza Godinho, Tereza Rebouças, Tereza Libório, Eunice Santos, Aliete Cardoso, Lucia Dultra, Clara Wolfovitch, Magnólia Dórea, Vera Lúcia Brito e as professoras Maria José de Oliveira e Eurides Rocha. **Fonte:** acervo do Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem (NUMEE).

Com o retorno da professora Nilza Garcia à direção da EEUFBA, em agosto de 1955, a professora Maria José assumiu uma nova função: coordenadora da Residência da Escola de Enfermagem – mais uma vez como pioneira nesse cargo. A residência atendia a orientação ideológica do modelo anglo-americano, de origem nightingaleana, a qual passou a ser uma determinação legal no Brasil, a partir da década de 1950, na fase expansionista das escolas de enfermagem²⁵.

Em 1957, dirigiu-se para o Estado de São Paulo, para se aperfeiçoar profissionalmente em um dos primeiros cursos de pós-graduação destinados ao preparo dos docentes das escolas de enfermagem no país²⁶. Especializou-se em Administração de Unidades de Enfermagem Hospitalar na EEUSP e, ao retornar à Bahia, assumiu a disciplina de Administração e Cirurgia aplicada à Enfermagem (que já lecionava antes de se ausentar por 1 ano da escola).

Trabalhou durante 11 anos como Coordenadora do Serviço Médico Universitário, coordenado pelo professor Rubens Brasil Soares. Durante este período, ficou afastada da Escola de Enfermagem e das suas atividades docentes.

O segundo momento de Maria José como diretora da EEUFBA foi marcado por relações de conflito com os pares. A Escola de Enfermagem encontrava-se em um período de efervescência política, decorrente da manifestação docente em resposta ao posicionamento do Governo Federal à escolha do novo reitorado. Em 1988, foi nomeado o Professor Rogério Vargens, quinto colocado da lista sêxtupla, em lugar da professora Eliane Eliza Azevedo, eleita democraticamente pela comunidade universitária pela maioria dos votos²⁷.

A Escola de Enfermagem se colocou contra a decisão política adotada e às orientações do novo reitor. Tal fato levou Rogério Vargens a não indicar a diretora da lista sêxtupla, “não oferecendo condições de uma transmissão de ‘mandato’, caracterizando-se como uma solução de descontinuidade que interferiu de forma desfavorável na EE”²⁷. Diante da situação

declarada, o reitor solicitou à Maria José que ocupasse o cargo de diretora ou, caso a mesma recusasse, nomearia um funcionário administrativo ou um professor de outra escola.

O reitor chegou, me telefonou... me disse: olha professora, eu mandei lhe chamar pelo seguinte: as professoras da escola estão fazendo uma greve contra a mim! Ninguém que assinar... aceitar ser diretora, enquanto eu não escolher! Como eu estou nesse processo, então o seguinte: ou uma pessoa assume ou eu nomeio um funcionário da escola ou um professor de outra escola para assumir a direção da escola. O que que a senhora vai resolver? Eu disse assim ao reitor: [...] Então, professor! Eu não votei para o senhor. Mas do momento em que o senhor foi eleito, eu estou lhe respeitando como reitor! Eu não vou deixar a minha escola entregue para ser dirigida por um funcionário ou por um professor de outra escola! Nesse caso, se o senhor me garantir que dentro de 30 dias nomeia uma professora da lista eu posso assumir este mês a escola. Aí, ele disse: então agora a senhora vai ser a diretora da Escola! (Dep., M.J.O, 2015)

A atitude assumida por Maria José representou um confronto à posição político-ideológica adotada por seus pares. Entretanto, sua postura manteve-se firme, pautada nos valores morais e éticos construídos ao longo de sua trajetória de vida, na dedicação à profissão e à Escola de Enfermagem. Ocupou o cargo de diretora pró-tempore por força da portaria 10/89 por 1 mês e 18 dias²⁷, até ser substituída pela professora Marisa Correia Hirata, em 19 de fevereiro de 1989.

Foi uma luta contra o reitor! Aí quando eu cheguei na Escola, convidei o grupo para uma reunião, para participar aquela atitude que eu fiz. Ficaram contra mim! – O grupo do outro departamento! O meu me apoiou! Mas o outro departamento queria que eu voltasse para entregar a escola! [...] Eu disse: Eu não sou criança! Eu fiz em uma situação de emergência. Combinei com o reitor para assumir a escola dentro de 30 dias, até que ele escolha a diretora! Mas se ele não escolher, eu vou entregar a direção a ele! Eu não vou voltar para entregar a escola porque eu não vou deixar a escola entregue a um funcionário da ou a um professor de outra Escola! Eu não vou entregar a direção da escola antes dos 30 dias como eu garanti ao reitor! Aí acabou e foi... aí eu assumi. (Dep., M.J.O, 2015)

No mesmo ano, em 4 de maio de 1989, Maria José se aposentou, encerrando seus 39 anos de dedicação e amor à EEUFBA

Olha! Foi onde eu estudei, onde eu comecei minha vida profissional, onde eu me aposentei... Então, eu dei toda a minha vida profissional à Escola de Enfermagem por amor, carinho e profissionalismo. Onde eu pude ser professora, pude ser profissional. Então, a Escola de Enfermagem para mim é uma parte da minha vida! (Dep., M.J.O, 2015)

CONCLUSÃO

A biografia de Maria José de Oliveira revelou uma mulher com características pessoais e profissionais, que a destacam no cenário vivido por ela, colocando-a como pioneira e uma liderança nos cargos que ocupou ao longo de sua trajetória profissional. Foi a primeira professora da EEUFBA e a primeira Chefe de Enfermagem do Hospital das Clínicas formada pela primeira turma da escola; foi a primeira egressa dessa escola a presidir a ABEn – Seção Ba e a coordenar a Residência de Enfermagem da Escola de Enfermagem.

As conquistas alcançadas ao longo de sua trajetória de vida lhe trouxeram credibilidade e reconhecimento de alunos, professores e enfermeiras. Entretanto, a persistência em suas convicções e a postura firme adotada em algumas situações de conflito vividas na EEUFBA nem sempre foram compreendidas pelos pares.

Maria José representou a nova geração de enfermeiras de nível superior na Bahia, e a luta pela valorização da imagem e do trabalho da enfermeira na sociedade baiana, olhando as demandas de saúde do período histórico vivido. Destacou-se na Escola de Enfermagem e no Hospital das Clínicas; assumiu a direção da escola garantindo a integração docente-assistencial; e protagonizou a conquista pela independência administrativo-financeira da escola, demonstrando prestígio, capacidade de articulação e negociação – qualidades de uma liderança.

A vida de Maria José de Oliveira é uma história de amor pela EEUFBA. Portanto, o resgate de sua trajetória permite conhecer a história de umas das enfermeiras responsáveis pela consolidação do projeto proposto por Haydée Guanais Dourado para a Escola de Enfermagem e para a enfermeira na Bahia.

REFERÊNCIAS

1. Oliveira MI. Emergência e inserção da Escola de Enfermagem na comunidade acadêmica da Universidade da Bahia. In: Fernandes JD (coord.). Memorial Escola de Enfermagem: 1946-1996. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2001. p. 17-50.
2. Rocha LB, Barreira IA. A enfermagem e a condição feminina: figuras-tipo de mulheres no Estado Novo. *Esc Anna Nery Rev Enferm* 2002;6(2):195-210.
3. Vieira RQ, Sanna MC. História oral e enfermagem em periódicos científicos digitais brasileiros: um estudo bibliométrico. *Hist Enferm Rev Eletrônica*. 2013;4(2):127-39.
4. Alberti V. O projeto de pesquisa. In: Alberti V. Manual de história oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV; 2005. p. 29-41.
5. Le Goff J. Prefácio. In: Bloch ML. Apologia da história ou o ofício de historiador. Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Zahar; 2001. p. xx-xx
6. Luchesi LB, Lopes GT. História oral. In: Oguisso T, Campos PF, Freitas GF (orgs.). Pesquisa em história da enfermagem. 2ª ed. Barueri, SP: Manole; 2011. p. 401-56.
7. Belei RA, Gimenez-Paschoal SR, Nascimento EM, Matsumoto PH. Uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação* [periódico na internet]. 2008 [citado 2016 mai 4];(30):187-99. Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1350501221.pdf
8. Franco ML. Análise de Conteúdo. 4ª ed. Brasília: Liber Livro; 2012.
9. Tavares LH. A República de 1889 na Bahia. In: Tavares LH. História da Bahia. 11ª ed. São Paulo/Salvador: UNESP/EDUFBA, 2008. p. xx-xx
10. Barros AV, Machado MC. A questão social e política no Brasil em 1919: a visão de Rui Barbosa. *Acta Sci Human Soc Sci* [periódico na internet]. 2006 [citado 2016 mai 4];28(1):81-91. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/185>

11. Fernandes JD, Silva RM, Calhau LC. Educação em enfermagem no Brasil e na Bahia: o ontem, o hoje e o amanhã. *Enfermagem em Foco*. 2011;2:63-7.
12. Secaf V, Costa HC. *Enfermeiras do Brasil: história das pioneiras*. São Paulo: Martinari; 2007.
13. Mott ML, Alves OS, Muniz MA, Martino LV, Santos AP, Maestrini K. ‘Moças e senhoras dentistas’: formação, titulação e mercado de trabalho nas primeiras décadas da República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* [on line]. 2008 [citado 2016 mai 4]; Supl;15:97-116. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000500005
14. Taberna da História do Sertão Baiano. Jequié. Mercado da Praça da Bandeira foi inaugurado em 1954 [Internet]. 2012 [citado 2016 mai 4]. Disponível em: <http://tabernadahistoriavc.com.br/page/152/>
15. Diplomas da Escola de Enfermagem da Bahia a serem registrados no Ministério da Educação e Saúde – Maria José de Oliveira. Salvador: NUMEE; 1951.
16. Campos PF. Memorial de Maria de Lourdes Almeida: história e enfermagem no Brasil pós-1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* [on line]. 2013 [citado 2016 mai 4]; 20(2):609-25. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702013000200609
17. Villas-Boas MJ. *Diário dos primeiros anos da Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia*. Salvador: NUMEE; [19--].
18. Barreira IA, Baptista SS, Cardoso TC. Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas no contexto da aliança Brasil-Estados Unidos: II guerra mundial e pós-guerra. *Revista Eletrônica de Enfermagem – HERE* [periódico na internet]. 2010 [citado 2016 mai 4];1(1):2-23. Disponível em: http://www.here.abennacional.org.br/here/n1vol1ano1_artigo1.pdf

19. Mancia JR, Padilha MI. Trajetória de Edith Magalhães Fraenkel. Rev Bras Enferm [on line]. 2006 [citado 2016 mai 4];9:432-37. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000700009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
20. Alcântara IP, Luckesi MA, Paiva MS. Contando uma bela história: a trajetória da ABEn-Bahia. Rev Bras Enferm . 2001;53(4):271-7.
21. Risério A. Entre trevas e tiros. In: Risério A. Edgard Santos e a reinvenção da Bahia. Rio de Janeiro: Versal; 2013. p. 385-409.
22. (BERLATTO, 2009).
23. Santos RF. Vidas paralelas. 2ª ed. Salvador: EDUFBA; 2008.
24. Junior NV, Neto EFD'OS. Cipó (1935) e Paulo Afonso (1948). Duas cidades novas no semi-árido baiano. Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. 2010;11(2):1-28 [citado em 14 mar 2016]. Disponível em: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/viewFile/1307/1281junior>
25. Passos ES. De anjos a mulheres - ideologias e valores na formação de enfermeiras. 2a ed. Salvador: EDUFBA; 2012.
26. Oguisso T, Campos PF, Santiago ES. Maria Rosa Souza Pinheiro e a reconfiguração da enfermagem brasileira. Texto Contexto – Enferm [on line]. 2009 [citado 2016 mai 4];18(4):643-51. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000400005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
27. Fernandes JD. Tendência atuais da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia: 1990-1996. In: Fernandes JD (coord.). Memorial Escola de Enfermagem: 1946-1996. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2001. p. 211-48.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As 3 enfermeiras que ocuparam o cargo de diretora na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, no período de 1946 a 1956, foram mulheres de destaque no cenário baiano e brasileiro, que atuaram durante sua trajetória de vida em prol da enfermagem.

Em seus aspectos biográficos, possuíam valores éticos e morais transmitidos pelos pais e reelaborados por elas, os quais determinaram o reconhecimento enquanto pessoa no âmbito social. Suas crenças, os valores transmitidos pelos pais, as experiências sociais e culturais, cuja origem remonta suas histórias de vida, foram determinantes na escolhas pessoais e profissionais.

Apesar de atuarem em realidades diferentes, elas trouxeram contribuições importantíssimas para o cenário da enfermagem, no qual encontravam-se inseridas. Nasceram na primeira década do século XX e venceram paradigmas imputados às mulheres de seu tempo. Apesar da luta pela emancipação feminina e profissionalização da mulher em crescimento na época, os preconceitos sociais prevaleciam quanto à nova condição a ser conquistada. Este desafio só cabia àquelas que tivessem coragem de enfrentar uma sociedade vestida de convencionalismos, quanto à liberdade e à capacidade da mulher como elemento transformador.

Descendentes de famílias que valorizavam e estimulavam os estudos, essas mulheres tiveram oportunidade de ingressar em instituições de ensino de nível primário e secundário que possibilitaram o estudo de línguas estrangeiras e uma trajetória acadêmica em instituições renomadas no Brasil e no exterior. A busca de aperfeiçoamento profissional no exterior, por duas diretoras, com bolsas de estudos pela Fundação Rockefeller foi um ponto em comum entre essas mulheres.

Participaram efetivamente como presidentes, coordenadoras de comissões e/ou membros da diretoria da Associação Brasileira de Enfermagem, revelando o comprometimento e a dedicação à profissão, em busca de espaços que fortalecessem a associação e seus propósitos de cunho cultural, educacional, científico e na formação de sujeitos políticos. Reconheciam a importância da participação na Associação de Classe para o reconhecimento na profissão.

Essas personagens participaram de grandes acontecimentos da profissão, destacadamente na formação do campo científico da enfermagem, participação nos órgãos de

governo, em associações e conselhos de classe, na direção da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia – a primeira Escola de Enfermagem de nível superior do Norte-Nordeste.

A trajetória profissional das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia teve como marco inicial a integração docente-assistencial – modelo reproduzido na escola e um dos grandes contributos deixados por elas para seu avanço. Nesta instituição de ensino, enfrentaram vários desafios para a implantação e a consolidação da visibilidade social da enfermeira na Bahia. Buscaram implantar um Projeto Político Pedagógico, o qual, acreditavam, imbuído de autonomia, determinação e valores próprios. Apesar de Escola de Enfermagem ter sido criada anexa à Escola de Medicina, as diretoras agiam como se não fosse. Foram responsáveis, convictas do papel que almejavam desempenhar e assumiram tais desafios com o propósito de elevar a profissão, até então desconhecida pelos baianos.

Haydée Guanais Dourado pensou os fundamentos e marcos estruturantes da profissão da enfermeira na Bahia. Pensou a escola, o hospital, a integração docente-assistencial e trouxe pessoas com competência técnica e científica para ajudar-lhe nessa tarefa, adotando uma coordenação de “currículo vivo”. Anayde Corrêa de Carvalho deu continuidade ao trabalho e ao currículo implantado por Haydée. Maria José de Oliveira, formada pela primeira turma da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, representou a primeira geração de enfermeiras de nível superior na Bahia, evidenciando o papel da enfermeira na sociedade baiana.

A pesquisa, nesse sentido, apesar de corresponder a histórias de vida (que é única e singular), demonstrou pontos em comum entre as diretoras, que servem de exemplo para gerações futuras da enfermagem. Analisar a trajetória de vida das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia nos deu a compreensão da conformação desta escola em seus aspectos políticos-pedagógicos e ideológicos na afirmação da enfermeira baiana. Portanto, pudemos compreender o presente por meio dos ditames do passado, pois as ações dessas diretoras repercutiram no viver das mulheres que compõem a história de hoje.

Por fim, é importante preservar a memória de docentes que foram lideranças da profissão e contribuíram para a valorização da imagem da enfermeira na Bahia e no Brasil. O aprofundamento da pesquisa da trajetória de vida das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia permitiu ampliar o conhecimento sobre os desafios vividos e o legado deixado por elas para manter esta história viva.

6 REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. O projeto de pesquisa. ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 29-42.

_____. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALMEIDA, M. C. P.; ROCHA, J. S. Y. **O saber de enfermagem e sua dimensão prática**. São Paulo: Cortez, 1986.

AYRES, L. F. A. *et al.* As enfermeiras visitadoras da Cruz Vermelha Brasileira e do Departamento Nacional de saúde Pública. In: PORTO, F.; AMORIM, W. **História da Enfermagem** - identidade, profissionalização e símbolos. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2010. p. 127-218.

BARBOSA, M. L. A. Edgard Santos (1946-1961). In: TOUTAIN, L. M. B.; BARBOSA, M. L. A.; VARELA, A. V. (orgs.). **Reitores da UFBA**: de Edgard Santos a Naomar de Almeida Filho. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 17-48.

BARREIRA, I. A. A reconfiguração da prática da enfermagem brasileira em meados do século 20. **Texto Contexto em Enfermagem**, Florianópolis, v.14, n. 4, p. 480-487, out.-dez. 2005.

_____. Memória e história para uma nova visão da enfermagem no Brasil. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 87-93, jul. 1999.

BARREIRA, I. A; BAPTISTA, S. S. Haydée Guanais Dourado: carisma e personalidade a serviço de um ideal. *Revista Brasileira de Enfermagem*, jan-fev, v. 62, n. 3, p.275-292, 2002.

BLOCH, M. L. B. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Zahar; 2001.

BORENSTEIN, M. S.; ALTHOFF, C. R. Pesquisando o passado. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 48, n. 2, p. 144-149, abr.-jun. 1995.

BORENSTEIN, M. S.; PADILHA, M. I. **Enfermagem em Santa Catarina**: recortes de uma história. Florianópolis (SC): Secco, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução no 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 13 de junho de 2013. Seção 1.

_____. **Lei no 775, de 6 de agosto de 1949**. Dispõe sobre o ensino de enfermagem no país e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 13 ago. 1949. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1940-1949/lei-775-6-agosto-1949-363891-normaatualizada-pl.pdf>

CAMPOS, A. L. V. Cooperação internacional em saúde: o serviço especial de saúde pública e seu programa de enfermagem. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, n. 3, p. 879-888, 2008.

CARVALHO, A. C. **Edith de Magalhães Fraenkel**. 2ª ed. rev. ampl. São Paulo: EE/USP, 2012.

DAVID, P. História oral: metodologia do diálogo. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, UNESP, v. 9, n. 1, p. 157-170, jan.-jun., 2013.

FELLI, V. E. A.; PEDUZZI, M. O trabalho gerencial em enfermagem. In: KURCGANT, P. (coord.). **Gerenciamento em enfermagem**. São Paulo: Guanabara Koogan, 2005. p. 1-13.

FERNANDES, J. D. (coord.). **Memorial Escola de Enfermagem: 1946-1996**. Salvador: UFBA, 2001.

FERNANDES, M. E. História de vida: dos desafios de sua utilização. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 15-31, jan.- jun. 2010.

FERNANDES, J. D. O Sentido Político e Econômico da Expansão das Escolas de Enfermagem. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 1, n. 1, p. 62-72, 1985

FOUCAULT, M. O nascimento do hospital. In: **Microfísica do poder**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 170-189.

FRANCO, M. L. P. B. Análise de conteúdo. 4ª ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2012.

FREIRE, M. A. M; AMORIM, W. O Relatório Goldmark e a enfermagem de saúde pública na capital do Brasil (1923-1927). In: PORTO, F.; AMORIM, W. (org.). **História da Enfermagem** - identidade, profissionalização e símbolos. São Caetano do Sul, SP: Yendis, p. 97-126, 2010.

FUREGATO, A. R. F. Enfermeiras do Brasil: história das pioneiras. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 16, n. 1, jan.-fev. 2008.

GALVÃO, M. C.; TREVIZAN, M. A.; SAWADA, N. O. A liderança do enfermeiro no século XXI: algumas considerações. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 32, n. 4, p. 302-306, dez. 1998.

GEOVANINI, T. *et al.* **História da Enfermagem: versões e interpretações**. 3 ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010.

HOCHMAN, G. Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945). **Educar**, Curitiba, n. 25, p. 127-141, 2005.

KURCGANT, P. Liderança em enfermagem. In: KURCGANT, P. (Coord.). **Administração em enfermagem**. 6ª ed. São Paulo: EPU, 2003. p. xx-xx.

LE GOFF, J. Prefácio. In: BLOCH, M. L. B. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Zahar; 2001.

LOURENÇO, M. R.; TREVIZAN, M. A. Líderes da enfermagem brasileira - sua visão sobre a temática da liderança e sua percepção a respeito da liderança e enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 9, n. 3, p. 14-19, mai. 2009.

LUCHESI, L. B.; LOPES, G. T. História oral. In: OGUISSO, T.; CAMPOS, P. F. S.; FREITAS, G. F. (org.). **Pesquisa em história da enfermagem**. 2ª ed. Barueri, SP: Manole, 2011. p. 401-456.

MASCARENHAS, N. B; MELO, C. M. M; SILVA, L. A. Gênese do trabalho profissional da enfermeira no Brasil (1920-1925). **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 220-227, 2016.

MEDEIROS *et al.* Aexpansão das Escolas de Enfermagem no Brasil na primeira metade do século XX. **Revista Eletrônica de Enfermagem** [internet], v. 10, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n3/v10n3aXX.htm>

MEIHY, J. C.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

MELO, C. **Divisão social do trabalho e enfermagem**. São Paulo: Cortez, 1986.

MINAYO, M. C. S. Contradições e consensos na combinação de métodos quantitativos e qualitativos. In: **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9a ed. São Paulo: Hucitec; 2013. p. 54-76.

MOREIRA, A. *et al.* Diretores, Ensino e Cuidado na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. In: OGUISSO, T. **Enfermagem: história, cultura dos cuidados e métodos**. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2016. p. 101-124.

MOTT, M. L. Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920). **Cadernos Pagu**, n. 13, p. 327-355, 1999.

NIGHTINGALE, F. **Notas sobre enfermagem: o que é e o que não é**. Trad. Carla Ferraz e Germano Couto. Loures, Portugal: Lusociência, 2005.

OGUISSO, T. **Enfermagem: história, cultura dos cuidados e métodos**. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2016.

_____. **Trajетória histórica e legal da enfermagem**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2007.

OGUISSO, T.; CAMPOS, P. F. S. Por que e para que estudar história da enfermagem? **Enfermagem em Foco**, v. 4, n. 1, p. 49-53, 2013.

OGUISSO, T.; CAMPOS, P. F.; SANTIAGO, E. S.; LUCHESI, L. B. Anayde Corrêa de Carvalho: legado histórico para a enfermagem brasileira. **Cultura de los Cuidados**, v. 17, n. 37, p. 30-41, 2013 [Internet] [cited 2016 May 3]. Available from: <http://rua.ua.es/jspui/handle/10045/35064>

OLIVEIRA, A. C. F. *et al.* Liderança e enfermagem: elementos para reflexão. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 4, p. 487-489, jul-ago 2004.

OLIVEIRA, S. T.; SANTOS, T. C. F.; OLIVEIRA, C. S. O tempo de Rachel Haddock Lobo como diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery. **Esc. Anna Nery R. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 229-240 ago. 2002.

OLIVEIRA, M. I. R. Emergência e inserção da Escola de Enfermagem na comunidade acadêmica da Universidade da Bahia. In: FERNANDES, J. D. (coord.). **Memorial Escola de Enfermagem - 1946-1996**. Salvador: UFBA, 2001. p. 17-50.

PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. O método de pesquisa histórica na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2005, out-dez, p. 575-84.

PADILHA, M. I. As origens da enfermagem e da saúde: o cuidado no mundo. In: PADILHA, M. I.; BORENSTEIN, M. S.; SANTOS, I. **Enfermagem: História de uma profissão**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2011a. p. 78-85.

PADILHA, M. I.; NELSON, S.; BORENSTEIN, M. S. As biografias como um dos caminhos na construção da identidade do profissional da enfermagem. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 18, supl. 1, p. 241-252, dez. 2011.

PAIXÃO, W. **História da enfermagem**. 5. ed. Rio de Janeiro: Julio C. Reis, 1979.

PASSOS, E. S. **De anjos a mulheres - ideologias e valores na formação de enfermeiras**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2012.

PERES, M. A. A.; FILHO, A. J. A.; PAIM, L. Historicidade da enfermagem nos espaços de poder no Brasil. **História da Enfermagem Revista Eletrônica**. v. 4, n.1, p. 83-94. jan.-jul. 2014.

PORTO, F.; AMORIM, W. (org.). **História da Enfermagem - identidade, profissionalização e símbolos**. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2010.

PORTO, F.; AMORIM, W. (org.). **História da enfermagem brasileira: lutas, ritos e emblemas**. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2007.

PROGIANTI, J. M.; SANNA, M. C. Diálogos sobre a aplicação da história oral nos estudos de Enfermagem. **Revista de Enfermagem UERJ**, v. 10, n. 1, jan-abr, p. 57-61, 2002.

RENOVATO, R. D.; BAGNATO, M. H. S. As contribuições do Serviço Especial de Saúde Pública para a formação profissional da Enfermagem no Brasil (1942-1960). **Revista brasileira de Enfermagem**, v. 61, n. 6, p. 909-915, 2008.

RIBEIRO, J. U. **Política: quem manda, por que manda, como manda**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

RIBEIRO, M.; SANTOS, S. L.; MEIRA, T. G. B. M. Refletindo sobre liderança em enfermagem. **Escola de Anna Nery Revista de Enfermagem**. v. 10, n. 1, p. 109-115, abr. 2006.

ROCHA, S. M. M.; ALMEIDA, M. C. P. O processo de trabalho da enfermagem em saúde coletiva e a interdisciplinaridade. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, v. 8, n. 6, p. 96-101, 2000.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROZENDO, C. A.; GOMES, E. L. R. Liderança na enfermagem brasileira: aproximando-se de sua desmistificação. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 5, p. 67-76, dez. 1998.

SANNA, M. C. **Histórias de enfermeiras gerentes**: subsídios para a compreensão de um modelo-referência de organização dos serviços de enfermagem no período de 1950 a 1980. 1999. 230f. Tese (Doutorado em Enfermagem). São Paulo: Escola de Enfermagem da USP, 1999.

SANTOS, T. C. F. A enfermagem e o progresso social do Brasil. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 12, n. 1, p. 12-18, 2008.

_____. História da enfermagem brasileira: contribuições e perspectivas para o desenvolvimento da profissão [painel]. **Enfermagem Atual**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 16, p. 7-13, jul.-ago. 2003.

SANTOS, R. F. *et al.* **Ivete Oliveira**: ícone da Enfermagem Brasileira. Salvador: São Paulo: ABRADHENSF, 2012.

SANTOS, T. C. F. *et al.* Participação americana na formação de um modelo de enfermeira na sociedade brasileira na década de 1920. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 966-973, 2011.

SANTOS, T. C. F.; BARREIRA, I. A. Rachel Haddock Lobo, mito de enfermeira nos anos 30. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 6, n. 1, p. 29-38, 2002.

SCHOELLER, S. D. Processo de trabalho e organização trabalhista. In: GEOVANINI, T. *et al.* **História da enfermagem**: versões e interpretações. 3 ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010. p. 131-249.

SECAF, V.; COSTA, H. C. **Enfermeiras do Brasil** - história das pioneiras. São Paulo: Martinari, 2007.

SILVA, M. E. L. N. Cidade tísica: a tuberculose em Salvador nas primeiras décadas do século XX. In: ANAIS DO V ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA (ANPUH/BA). **História e memórias**: lugares, fronteiras, fazeres e políticas. Edição 2. Salvador, 2010.

SILVA JR., O. C. Pesquisa documental. In: OGUISSO, T.; CAMPOS, P. F. S.; FREITAS, G. F. (org.). **Pesquisa em história da enfermagem**. 2ª ed. Barueri, SP: Manole, 2011. p. 339-362.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan.-abr. 2010.

SIMÕES, A. L. A.; FÁVERO, N. O desafio da liderança para o enfermeiro. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 11, n. 5, p. 567-73, set.-out. 2003.

SPINOLA, N. D. Da primeira República à redemocratização. In: SPINOLA, N. D. **A trilha perdida: caminhos e descaminhos no desenvolvimento baiano no século XX**. Salvador: UNIFACS, 2009.

TAHARA, A. T. S.; WOLFOVITH, C.; RIGAUD, H. M. G. Escola de Enfermagem: trajetória de lutas e êxitos - 1946-2008. In: TOUTAIN, L. M. B. B.; SILVA, R. R. G. **UFBA: do século XIX ao século XXI**. Salvador: EDUFBA, 2010.

TEIXEIRA, S. S. Patrimônio e mulheres: o caso da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, v. 25, n. 1, 2, 3, p. 41-52, jan/dez. 2011.

VASCONCELOS, P. A. Salvador: permanências e transformações (1549/1996). **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**, n. 92, p. 287- 300, jan./dez. 1996.

VILLAS-BOAS, M. J. **Diário dos primeiros anos da Escola de Enfermagem, vividos por Maria Julieta Calmon Villas Boas, 1947-1957**. Salvador: NUMEE; [19--].

7. ANEXO

Carta de Aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MILITÂNCIA POLÍTICA DE ENFERMEIRAS NO ESTADO DA BAHIA

Pesquisador: GILBERTO TADEU REIS DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 28775614.2.0000.5531

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 663.359

Data da Relatoria: 04/06/2014

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa Pense, Pesquise e Inove a UFBA/ PROUFBA, edital PROPCI-PROEXT-PROPG/UFBA 01/2013 coordenado pelo Prof Dr Gilberto Tadeu Reis da Silva. Trata-se de uma pesquisa história, de natureza qualitativa. O cenário da pesquisa será a Escola de Enfermagem da UFBA, criada em 1946 com o objetivo de prestar assistência de enfermagem no Hospital Universitário, para a coletividade, valorizando e desenvolvendo a filosofia de integração com os profissionais dos serviços de saúde e com o ensino. Os dados serão analisados conforme análise temática de conteúdo proposta por Bardin(2011).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral:

Analisar a militância política de enfermeiras no Estado da Bahia.

Objetivos Específicos:

- 1) Analisar a trajetória de vida das militantes políticas da enfermagem no Estado da Bahia;
- 2) Analisar os determinantes de contexto na militância política da enfermagem baiana;
- 3) Caracterizar o movimento de militância política da enfermagem baiana;
- 4) Levantar imagens para exposição fotográfica de dirigentes da Escola de Enfermagem

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela **CEP:** 41.110-060
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Parecer: 663.359

da UFBA;

5) Projetar a galeria das dirigentes da Escola de Enfermagem da UFBA.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

No TCLE aponta como risco: "possível risco para as enfermeiras participarem da pesquisa é gerado pelo desconforto, de estarem dando informação sobre a sua vida pessoal e profissional. Por isso, o pesquisador os abordará de forma cuidadosa, visando minimizar ao máximo a ocorrência desse risco. Caso ocorra o desconforto, o pesquisador poderá dar como encerrada a aplicação da entrevista, propondo a enfermeira a continuar ou não em outro momento, se assim desejar"

Quanto aos benefícios, a pesquisa "visa contribuir para a melhoria do cuidado de enfermagem, bem como a implicação em uma formação mais crítica e reflexiva, repercutido no exercício e valorização da profissão. Antes de decidir em participar do estudo, poderá fazer as perguntas que desejar para a(s) pesquisadora(s), da de maneira mais franca possível, para que possa conhecer os benefícios e os danos que estará exposta(o)".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto é inovador e os resultados advindos do estudo poderão favorecer o fortalecimento da profissão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados todos os documentos exigidos pela Plataforma Brasil e emanados na Resolução 466/2012.

O pesquisador atendeu as Pendências apontadas no Parecer Consubstanciado nº 639.420 emitido em 09/04/2014.

Recomendações:

Aprovação

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

Bairro: Canela

CEP: 41.110-060

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-7615

Fax: (71)3283-7615

E-mail: cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA
BAHIA



Continuação do Parecer: 663.359

Considerações Finais a critério do CEP:

A Plenária homologa o Parecer de APROVAÇÃO emitido pelo relator.

SALVADOR, 27 de Maio de 2014

Assinado por:
Dra DARCI DE OLIVEIRA SANTA ROSA
(Coordenador)

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela **CEP:** 41.110-060
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 **Fax:** (71)3283-7615 **E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

8 APÊNDICES

8.1 Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Núbia Lino de Oliveira, venho convidar-te a contribuir, por meio de sua participação como colaboradora da pesquisa de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, intitulada *História das Diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia no período de 1946 a 1968*, sob orientação do Professor Doutor Gilberto Tadeu Reis da Silva. Esta pesquisa terá como objetivo geral analisar a trajetória de vida das docentes que se constituíram diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia no período de 1946 a 1968 e, como objetivos específicos, caracterizar as diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia no período de 1946 a 1968 e identificar os determinantes de contexto na história de vida das diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia no período de 1946 a 1968.

Caso vossa senhoria concorde em participar, a coleta dos dados ocorrerá por meio de uma entrevista semiestruturada, contando para a realização da mesma com o sigilo e a privacidade entre a pesquisadora e a entrevistada, ficando sob sua preferência a escolha do dia, local e horário mais apropriados. As perguntas realizadas e suas respostas serão gravadas por um gravador digital e a transcrição na íntegra de suas falas lhe será devolvida para que possa retirar e/ou acrescentar informações, caso considere necessário. Haverá a possibilidade de filmagem da entrevista, desde que a entrevistada aceite. Para a filmagem, haverá exclusão de trechos com muitas alterações ou quando solicitar a eliminação de fragmentos. Somente após este processo o material será analisado.

Esta pesquisa contribuirá para a história da enfermagem brasileira, visto que a compreensão da sua história constitui-se em um campo de conhecimento para fundamentar sua prática profissional. Serão apontadas condições significativas para seu reconhecimento, desvelando crescente e singular valorização e identidade profissionais.

A Sra. tem o direito de recusar-se a participar da pesquisa ou mesmo desistir em participar a qualquer momento. Informamos que as questões da pesquisa podem lhe trazer o risco de lembranças profissionais, pessoais ou confidenciais, que gerem desconforto. Porém não é desejo dos pesquisadores que isto venha a acontecer. A entrevistada não precisa responder qualquer pergunta na entrevista se sentir que a mesma é muito pessoal ou se houver constrangimento em falar.

Nós, pesquisadores, esclarecemos que não haverá ônus para você como participante e nos responsabilizamos por qualquer tipo de dano previsto ou não neste Termo de Consentimento, prestando-lhe assistência integral e/ou indenização, caso seja necessário. Destaca-se que a sua participação terá como benefício da divulgação de sua história oral de vida.

Por tratar-se de estudo que envolve a história oral de vida solicitamos a possibilidade de identificação de seu nome na publicação da presente pesquisa. As informações coletadas serão divulgadas por meio da dissertação, de relatórios de pesquisa e da publicação de artigos científicos da área de enfermagem.

Após ter sido informada sobre os objetivos da pesquisa, caso concorde em participar, convidamos vossa senhoria, por sua livre vontade, a assinar este termo. Uma cópia ficará em suas mãos e a outra com os pesquisadores.

Ribeirão Preto, SP, ____ de _____ de ____.

Assinatura da Entrevistada

Núbia Lino de Oliveira

Prof. Dr. Gilberto Tadeu Reis da Silva

8.2 Apêndice B - Carta de Autorização e Uso das Entrevistas



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

CARTA DE AUTORIZAÇÃO E USO DAS ENTREVISTAS

Eu, _____, (estado civil) _____,
RG _____, residente à rua _____,
nº _____, bairro _____, na cidade de _____, Estado
_____, em pleno gozo de minhas faculdades mentais e direitos civis, e
usufruindo de minha liberdade de escolha, declaro que estou informada dos objetivos,
finalidades, procedimentos e consequências da pesquisa realizada por Núbia Lino de Oliveira,
intitulada *História das Diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da
Bahia no período de 1946 a 1968*, para a qual estou contribuindo relatando minhas vivências
pessoais e profissionais, consentindo inteiramente seu uso para os fins de ensino e pesquisa.
Dessa forma, autorizo a divulgação de meus relatos, conforme páginas contendo a transcrição
das entrevistas que por mim foram concedidas, as quais, após serem por mim rubricadas,
serão anexadas a este documento. Para tanto, aponho a minha assinatura e rubrica, ao lado das
assinaturas da pesquisadora e do seu orientador, nas duas vias deste documento, uma das
quais me será confiada neste ato.

Salvador, BA, ____ de _____ de ____.

Assinatura da Colaboradora

Núbia Lino de Oliveira

Prof. Dr. Gilberto Tadeu Reis da Silva

8.3 Apêndice C - Termo de Transferência de Direitos Autorais – Modelo 1



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

TERMO DE TRANSFERÊNCIA DE DIREITOS AUTORAIS – MODELO 1

Eu, _____, (estado civil) _____, RG _____, residente à rua _____, nº _____, bairro _____, na cidade de _____, Estado _____, em pleno gozo de minhas faculdades mentais e direitos civis, e usufruindo de minha liberdade de escolha, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista, nas formas _____ (gravada, transcrita, transcrita, filmada), referentes à pesquisa intitulada *História das Diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia no período de 1946 a 1968*, gravada no dia __/__/____ para a mestranda Núbia Lino de Oliveira, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, RG: 0999906364/SSP-BA, CPF: 00248719580, domiciliada à Avenida Professor Pinto de Aguiar, 1.091, Torre B, Apto 1.201, Salvador (BA), CEP: 41740-090 e ao Prof. Dr. Gilberto Tadeu Reis da Silva, do Departamento de Enfermagem XXX da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, RG: XXX/SSP-XX, CPF: XXX, domiciliado à XXXX, CEP: XXXX, Salvador (BA), podendo usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, deste a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiro ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo o presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura da Colaboradora

8.4 Apêndice D - Termo de Transferência de Direitos Autorais – Modelo 2



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

TERMO DE TRANSFERÊNCIA DE DIREITOS AUTORAIS – MODELO 2

Eu, _____, RG _____ residente à rua _____, na cidade _____, Estado _____, em pleno gozo de minhas faculdades mentais e direitos civis, e usufruindo de minha liberdade de escolha, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em __/__/____ para a pesquisa realizada por Núbia Lino de Oliveira, intitulada *História das Diretoras da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia* e para a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia usá-la com as limitações relacionadas a seguir. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculado o controle à Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos sob a parte não relacionada, o que faço também aos meus descendentes, subscrevo o presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Limites:

- 1) De partes (citar claramente as partes que não podem ser ouvidas, indicando inclusive se elas devem ser apagadas da cópia original ou apenas das colocadas a público).
- 2) De prazos (citando se há limitação de tempo para sua liberação – um ou mais anos desde a data da gravação – ou se apenas deve ser colocado a público depois do falecimento do entrevistado).
- 3) De pessoas ou grupos que não devem ter acesso à fita.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura da Colaboradora

8.5 Apêndice E - Roteiro para Entrevista Semiestruturada



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

1. Dados da colaboradora

Nome:

Idade:

Cor/raça:

Estado civil:

Profissão:

Escolaridade:

2. Pergunta de abertura: “Como foi seu processo de escolha da carreira (nome da colaboradora)?”.

3. Conte-me sobre sua trajetória de vida antes da profissão de enfermagem.

4. Como é a formação cultural da sua família?

5. Como era a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia no período em que a senhora foi eleita? Como foi o processo de eleição?

6. Como a senhora se insere na história da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia?

7. Quais as tarefas que a senhora realizava naquela época antes e após a sua gestão? Mudou alguma coisa? Quais as dificuldades enfrentadas?

8.6 Apêndice F - Matriz para a construção e a análise dos resultados

Quadro 3 – comparativo entre as docentes que se constituíram diretoras da EEUFBA (convergências)

| Eixo Temático Diretoras | Haydée Guanais Dourado | Anayde Corrêa de Carvalho | Maria José de Oliveira |
|---------------------------------------|---|---|---|
| Contornos da Vida | <ol style="list-style-type: none"> 1. Antecedentes familiares (Estímulo familiar aos estudos, Formação Cultural) 2. Dedicção aos estudos 3. Comprometimento profissional (Dedicção à profissão) 4. Postura Ética (Integridade, Valorização da pessoa humana, Determinação) | <ol style="list-style-type: none"> 1. Antecedentes familiares (Estímulo familiar aos estudos, Dedicção aos estudos, Formação Cultural, Restrições Familiares na escolha da profissão) 2. Comprometimento Profissional (Dedicção à profissão, Realização profissional) 3. Postura Ética (Respeito) 4. Trajetória Acadêmica | <ol style="list-style-type: none"> 1. Antecedentes familiares (Dedicção aos estudos, Estímulo familiar aos estudos, Formação Cultural, Restrições Familiares na escolha da profissão) 2. Comprometimento profissional (Dedicção à profissão, Realização profissional) 3. Determinação 4. Postura Ética (Integridade, Respeito, Valorização da pessoa humana) 5. Trajetória Acadêmica |
| Trajetória Profissional | <ol style="list-style-type: none"> 1. Aperfeiçoamento profissional/ Especialização Canadá 2. Associação Brasileira de Enfermagem 3. Docência – EEUSP 4. Direção da EEUFBA | <ol style="list-style-type: none"> 1. Aperfeiçoamento profissional 2. Associação Brasileira de Enfermagem – Seção São Paulo 3. Docência 4. Direção da EEUFBA | <ol style="list-style-type: none"> 1. Aperfeiçoamento profissional 2. Associação Brasileira de Enfermagem – seção BA 3. Docência 4. Direção da EEUFBA |
| Inserção na história da EEUFBA | <ol style="list-style-type: none"> 1. Desafios enfrentados na direção da EEUFBA (Intervenções do reitor na construção do currículo da EEUFBA, Relacionamento com as alunas, Comprometimento profissional, luta pela valorização da imagem da enfermeira, Influência Política/Exercício de Poder,) 2. Contributos para o avanço da EEUFBA (Integração docente-assistencial) 3. Liderança 4. Amor pela Escola de Enfermagem da UFBA | <ol style="list-style-type: none"> 1. Desafios enfrentados na direção da EEUFBA (Intervenções do reitor na construção do currículo da EEUFBA, Relacionamento com as alunas) 2. Contributos para o avanço da EEUFBA (Integração Docente-Assistencial, Atividades desenvolvidas durante a Direção da EEUFBA) 3. Um outro olhar sobre o reitor Edgard Santos 4. Influência do reitor na divulgação da nova profissão | <ol style="list-style-type: none"> 1. Desafios enfrentados na direção da EEUFBA (Intervenções do reitor na construção do currículo da EEUFBA, Relacionamento com as alunas, Comprometimento profissional, luta pela valorização do trabalho da enfermeira, Influência Política/Exercício de Poder) 2. Contributos para o avanço da EEUFBA (Integração docente-assistencial, Atividades desenvolvidas durante a Direção da EEUFBA) 3. Um outro olhar sobre o reitor Edgard Santos 4. Influência do reitor na divulgação da nova profissão 5. Liderança 6. Amor pela Escola de Enfermagem da UFBA |